

ELEIÇÕES INTERCALARES Que fazem os partidos?

Preparar as listas dos candidatos às eleições intercalares é a tarefa em que se envolvem actualmente todos os partidos, com destaque natural para as quatro principais formações. Mas não parece haver grande pressa na sua conclusão. Os últimos acontecimentos indiciam que a ida às urnas não terá lugar antes de Dezembro ou Janeiro e isso dilata consideravelmente o prazo de que os partidos dispõem.

O processo utilizado para a elaboração das listas não difere grandemente de partido para partido; regra comum é a de uma fase inicial de consultas às bases seguindo-se a apreciação dos nomes indicados aos órgãos de cúpula a quem cabe a última palavra.

E nesta fase que se encontram o PS, PSD e CDS ovidos pelo «DL» numa breve reunião pelos partidos.

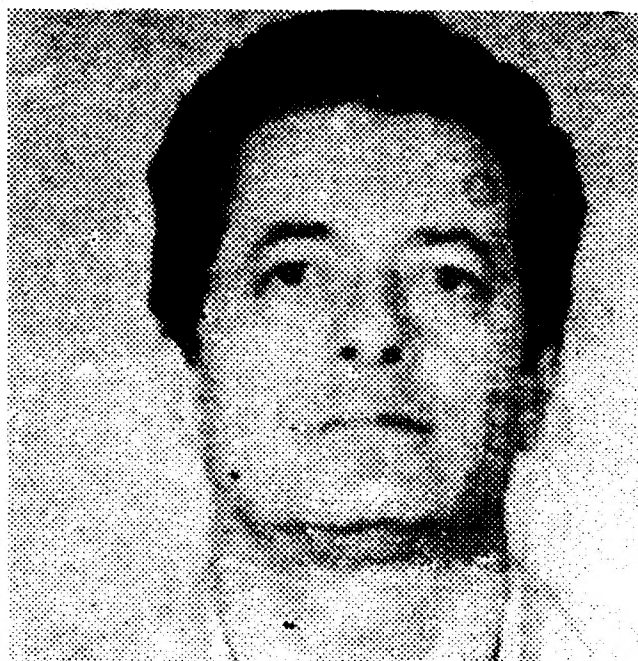
Os socialistas estão a efectuar reuniões das Comissões de Federações que fazem o levantamento de nomes distrito por distrito. Daqui sairão potenciais candidatos que só figurarão nas listas daquele partido depois de apreciados pela Comissão Directiva à qual compete a apresentação das listas definitivas.

O processo não difere substancialmente no que ao PSD se refere: os seus órgãos distritais estão neste momento a pronunciar-se através de propostas apresentadas à Comissão Política, numa espécie de pré-selecção dos candidatos. Depois, haverá um Conselho Nacional, provavelmente entre 15 e 25 de Setembro, que aprovará as listas definitivas.

Quanto ao CDS, que tem um regulamento eleitoral aprovado há cerca de um mês, estão a decorrer reuniões de assembleias distritais que elegem os

Continua na pág. 20

Patrão bombista morre no carro Três balas na cabeça para Joaquim Torres



Joaquim Torres

O industrial de Murça Joaquim Ferreira Torres, de 52 anos, considerado um dos principais mentores e financiadores da rede bombista, foi encontrado morto esta manhã, cerca das oito horas, com três tiros na cabeça, dentro de um dos seus automóveis — um Porsche vermelho — na estrada entre Paredes e Paços de Ferreira, no lugar de S. Domingos ao Bairro Novo.

Ferreira Torres, viajava sozinho, recebeu uma rajada de frente e, quando o automóvel, desgovernado, se imobilizou contra um talude, recebeu segunda descarga pelas costas, através das paredes do veículo.

Segundo indícios colhidos no local pelas autoridades que a ANOP contactou, o atirador ou

Continua na pag. 20



Uma imagem dos tempos felizes em que o povo destruía, nas ruas, todos os símbolos do antigo regime. Um longo caminho foi percorrido desde então

CLARIFICA-SE A FACE DA REVOLUÇÃO ISLAMICA Fechada a sede do PC iraniano

Pág. 13

Como está a trabalhar o Governo Pintasilgo

Pág. 20



Hoje há "Exclusivo"

A ruptura no PS chileno, na óptica de um dos seus dirigentes, Aniceto Rodríguez, e um dos seus do "Exclusivo" de hoje, que aborda ainda a questão do Sara, após o acordo de Argel, a demissão de Andrew Young e a remodelação da equipa do presidente James Carter, a próxima realização da Cimeira dos Não-Alinhados em Havana, a conferência da ONU sobre Ciência e Tecnologia actualmente a decorrer na capital austríaca, além de outros assuntos da actualidade internacional.

CINCO DIAS DEPOIS DA DEMISSÃO DE YOUNG

Negros americanos apoiam OLP



Um aperto de mão carregado de simbolismo: o representante da OLP junto da ONU, Labib Terzi, é saudado pelo dirigente negro, reverendo Joseph Lowrey, momentos antes de um jantar que decorreu ontem à noite no Palácio de Vidro das Nações Unidas em Nova Iorque. O movimento negro dirigido por Lowrey e fundado por Martin Luther King, decidiu tomar a peito a defesa dos interesses palestinos, procurando pôr a OLP em contacto com Washington, depois de o seu antigo militante, Andrew Young, se ter visto compelido a pedir a demissão do cargo de embaixador dos EUA na ONU, devido ao clamor causado por uma entrevista informal que teve exactamente com Labib Terzi. (Teletoto UPI/ANOP/DL).

Pág. 13

Vinte e seis mortos em naufrágio na Guiné-Bissau

Pág. 20

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Legalidade nas empresas públicas da Comunicação Social

— solicita SJ ao PM e MCS

Reclamando «a adopção dos estritos critérios de competência (EP) de comunicação social», o Sindicato dos Jornalistas dirigiu

ao Primeiro-Ministro e ao ministro da Comunicação Social um telegrama exprimindo a sua preocupação pela actual situação no sector.

Solicita também o SJ «a reposição da legalidade escandalosamente violada na RDP» e «o pleno funcionamento dos Conselhos de Redacção, nomeadamente no «Diário Popular».

Paralelamente, o Sindicato dos Jornalistas dirigiu-se às Administrações da RDP e da EPNC («Diário de Notícias»/«Capital») no sentido da aplicação do despacho da Secretaria de Estado que aponta para o recrutamento prioritário dos jornalistas inactivos e desempregados do sector público da Comunicação Social.

Para o Sindicato dos Jornalistas, o aparecimento de novas publicações no sector público, e nomeadamente daquela empresa, não deveria invalidar o eventual relançamento de publicações suspensas do mesmo sector.

Relativamente a esta última hipótese, acentua o Sindicato que deverá recorrer-se prioritariamente às equipas redactoriais das publicações do grupo «O Século» e da «Flama», encerradas desde 1977.

No telegrama que enviou a Maria de Lourdes Pintasilgo, o SJ anunciou também o seu propósito de lutar pela salvaguarda dos direitos já adquiridos pelos jornalistas em matéria de Previdência Social.



PRAIAS DO OESTE

- **PRAIA DAS MAÇÃS** Liv. MAKI
Quiosque Manuel Fernandes
- **ÉRICEIRA** Tab. Palhas
Tab. OVNI
- **SANTA CRUZ** Café Havaneza
Tab. Romana
- **VIMEIRO** João Ferraz
- **AREIA BRANCA** Karr four Onda
- **CONSOLAÇÃO** Café Mar e Sol
- **S. BERNARDINO** Café Bastos
- **PENICHE** Tab. Arco Iris
Mário Sá Bandeira
- **BALEAL** Cristiano Melo
- **BUARCOS** Papelaria Satélite
- **FIGUEIRA DA FOZ** Quiosque Stop
Tab. Africana Quiosque 8 de Maio
Pap. Central Café Nisa
Café Remo Liv. «O Livro»
Tab. AC Pap. Pessoa
- **MONTE REAL** Aníbal Pereira
- **PEDRÓGÃO** David Sousa
- **S. PEDRO DE MUEL** Rosa da Silva Carvalho
(frente à igreja)
- **NAZARÉ** Batista Vieira
Café Central-António da Silva Sousa
- **S. MARTINHO DO PORTO** Café Rosa
- **MIRA** Quiosque
Liv.º Académica

Os leitores que o desejarem, poderão fazer uma assinatura especial de férias para o período de 2 semanas (120\$00), 3 semanas, (180\$00) ou 4 semanas (240\$00). Para o efeito basta remeter um cheque ou vale do correio e indicação bem legível do nome e morada de férias, bem como do dia do início do envio dos jornais.

Remete para «Diário de Lisboa» — Assinaturas
R. Castilho, 185-1.º
1200 LISBOA

CI para a Imprensa convida Costa Brás para informações recíprocas

Reafirmando a sua disposição de permanecer atento, durante todo o período correspondente à dissolução da Assembleia da República e até à realização de eleições intercalares, o Conselho de Informação para a Imprensa deliberou, na sua última reunião, convidar o ministro da Comunicação Social para uma sessão de trabalho conjunta destinada a troca de informações recíprocas e esclarecimento ao Governo das posições que têm vindo sendo assumidas pelo CI.

O Conselho de Informação entende que urge chamar a atenção das entidades responsáveis para a urgência de dar efectivamente cumprimento às orientações aprovadas nos últimos tempos pelo CI. Objectivo: expresso restabelecimento da normalidade democrática no seio da imprensa estatizada.

O PSD e o CDS, representados como os restantes partidos no seio do CI, votaram contra o propósito do Conselho de Informação para a Imprensa.

Rádio Renascença — onda curta no próximo ano

A Radio Renascença vai iniciar emissões experimentais em onda curta no primeiro trimestre do próximo ano.

Para o efeito, estão a ser montados no Centro Emissor de

Muge dois emissores especiais para as transmissões.

Até ao momento, apenas a Radiodifusão Portuguesa emita em ondas curtas.

Gráficos hoje em reunião

Os delegados sindicais do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas reúnem-se esta tarde na sede do sindicato.

Ordem de trabalhos:

Revisão do clausulado do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical da Indústria Gráfica e apreciação das provas práticas relativas à avaliação de conhecimentos.

“New York Daily News” abandona temas sexuais em busca doutro público

O «New York Daily News», o jornal de maior circulação nos Estados Unidos e um dos três grandes jornais que ainda sobrevivem em Nova Iorque, atravessa actualmente uma grave crise.

Segundo o diário financeiro «Wall Street Journal», as tiragens do «NYDN», que na década de 40 chegaram a atingir os 2,3 milhões de exemplares por dia, deceleraram, nos últimos tempos, para um milhão e seiscientos mil exemplares.

Para alterar esta situação, a administração do quotidiano lan-

çou um vasto programa de modernização que passará, inclusivamente, por uma modificação do seu formato.

Além da substituição de vinte dos seus trinta redactores principais, a direcção do «New York Daily News» optou também por um novo estilo de jornalismo, procurando, desse modo, conquistar um público mais culto e diversificado.

Assim, por exemplo, foi decidido dar menos cobertura aos crimes e temas sexuais, e falar mais nos problemas das minorias e da actualidade política.

LISBOA, VERBO RIR



Não há problemas

«Fomos ontem ouvir um dos médicos responsáveis pelo desencadear da greve selvagem.

— Senhor doutor — perguntámos — quais são no seu entender as consequências desta greve?

— Compreende — respondeu — todas as medidas foram tomadas, principalmente as medidas dos caixões.

— Nos hospitais funcionam os serviços de urgência, mas nas enfermarias, como se passam as coisas?

— Bem, aí nós confiamos aos nossos colegas que não obedeceram à direcção da Ordem e permanecem no seu posto. São realmente formidáveis aqueles nossos colegas.

— Quanto às consultas particulares...

— Olhe, meu caro, a maioria dos médicos está em férias. Mas as consequências não são nenhuma, pois os doentes mais graves podem dirigir-se aos serviços de urgência. Como vê, está tudo muito bem pensado.

— Mas quando sabe um doente que a sua doença é grave?

— Facilmente. O doente chama o médico. O médico não vai. E de duas, uma: a doença acaba, e não era grave; o doente morre, era grave mesmo. Como vê, pensamos em tudo.

— Qual, é, no seu entender, a forma de se ultrapassar a situação?

— Muito simples. O Governo desiste de levar à prática o Serviço Nacional de Saúde e a direcção da Ordem acaba logo com a greve. Como vê, foi tudo pensado nos mínimos

pormenores.

— Quer dizer que estamos diante de uma greve política?

— Que ideia, meu caro amigo, que ideia! Pelo contrário, o que nós queremos é tratar da saúde à política democrática.

— Mas os senhores doutores conhecem o célebre estatuto pelo qual se batem?

— De facto não conhecemos. Nós confiamos no Mota Pinto e afinal o Mota Pinto pregou-nos aquela partida de não nos dizer o que tinha feito. Já nem nos amigos se pode confiar.

— Então os médicos foram empurrados para uma greve de que não conheciam os objectivos...

— De facto. Mas já pensamos nisso e dizemos: a culpa é do Mota Pinto.

— O Mota Pinto não é médico...

— De facto não é. Até há quem diga que precisa de ser tratado. Por vingança, deixamo-lo por aí à solta.

— E se ele morde em alguém?

— Ah, isso não sei. Nem quero saber. Eu cá em política não me meto.

— Bom. A situação agravou-se com a recusa em passar certidões de óbito.

— Esperemos que os candidatos a mortos tenham o bom senso de esperar uns dias mais.

— Mas se morrerem, por uma questão de urgência?

— Nesse caso chama-se o dr. Gentil, este ressuscita-os, e pronto. Não há problemas. Como vê, pensamos em tudo...

MÁRIO CASTRIM

ACORDO A VISTA

“Times” poderá voltar em Setembro

O Conselho Executivo Nacional do Sindicato de Impressores e Empregados Administrativos da Grã-Bretanha, recomendou a aceitação da proposta da empresa que edita o jornal «The Times», para pôr fim ao longo conflito que impede a sua circulação. O Conselho Executivo, após uma prolongada reunião, sublinhou que os 2.500 filiados que haviam sido despedidos pela entidade patronal deviam aceitar os termos fixados para regressar ao trabalho, o que poderá vir a acontecer já em Setembro próximo.

A fórmula apresentada pela editora do «Times» será estudada durante as duas próximas semanas pelos sindicatos a nível de local de trabalho, após o que será novamente enviada à executiva. O Sindicato dos Impressores e Empregados Administrativos declarou que a proposta patronal incluía as aspirações dos trabalhadores, pois assegurava a reincorporação dos despedidos e o regresso de todas as publicações que se editavam.

A empresa Thompson edita não só o tradicional matutino «The Times», mas também o semanário dominical «The Sunday Times», e dois semanários

de educação e outro literário.

Todas essas publicações deixaram de circular no dia 30 de Novembro passado, em virtude de uma disputa entre a empresa e o sindicato sobre a introdução de nova tecnologia para a preparação e impressão das publicações.

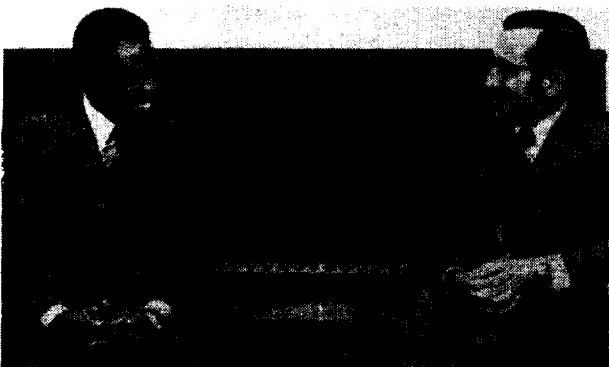
Acordo ANGOP-ADN

O director da Agência Noticiosa Angolana, Aníbal João de Melo, deslocou-se recentemente a Berlim a fim de assinar com o seu homólogo da Agência Alemã Democrática, Guenter Potschke, um protocolo de trabalho para os anos 1979/80.

O documento prevê o alargamento da cooperação entre as agências ANGOP e ADN.

Aníbal de Melo aproveitou igualmente esta deslocação para contactar com directores de outros órgãos de informação da República Democrática Alemã.

ponto a ponto

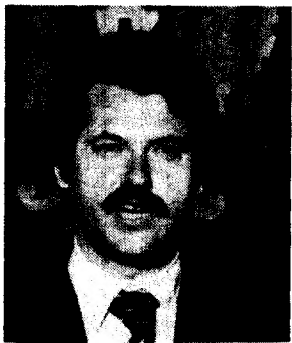


«Nino» Vieira, primeiro-ministro da Guiné-Bissau que se encontra em Lisboa por motivos de saúde, foi ontem recebido pelo Presidente da República, numa visita considerada de cortesia. «Nino» Vieira foi já recebido pelo Primeiro-Ministro.

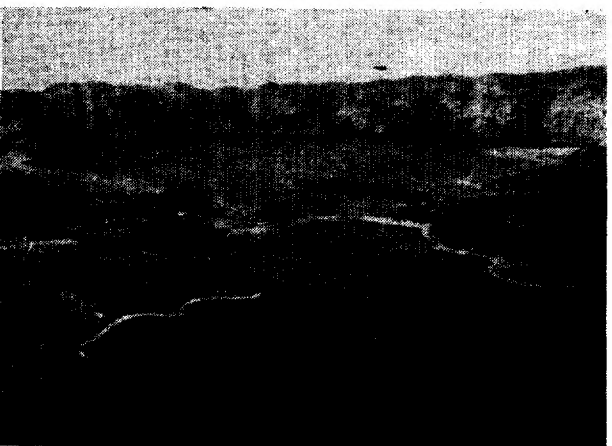


Entretanto, também ontem esteve em Belém Maria de Lurdes Pintasilgo, que reuniria pouco depois de se encontrar com Ramalho Eanes, com alguns dos seus ministros, num mini-Conselho de Ministros.

Também em S. Bento, mas para uma audiência com a eng.^a Lurdes Pintasilgo, esteve o embaixador de Portugal na OCDE, Henrique Granadeiro. Este, que foi até há uns meses chefe da Casa Civil do Presidente da República, gozou em Portugal um breve período de férias, devendo em breve regressar ao seu posto.



O almirante Elias da Costa foi ontem nomeado comandante interino do COMIBERLANT, em substituição do almirante americano James Scott, que regressou ao seu país. Elias da Costa era já o número dois da hierarquia do Comando da Área Ibero-Atlântica da NATO e exercerá aquelas funções apenas interinamente. No entanto, nas instâncias competentes, as autoridades portuguesas estão a fazer sérias pressões no sentido de conseguir que o próximo comandante do COMIBERLANT seja português, o que sucederia pela primeira vez.



O general Alves Morgado foi substituído pelo brigadeiro José Alberto dos Santos Ferreira como comandante da Zona Militar dos Açores. No entanto, Alves Morgado continuará a exercer os cargos de governador militar dos Açores e de comandante-chefe das Forças Armadas no arquipélago, que acumulava com aquelas.

Da esquerda somos todos nós — mas quantos fomos, quantos somos na unidade da esquerda?

«O verdadeiro pensamento democrático é um pensamento não dogmático, e a maneira 'experimental' de proceder é a única maneira não dogmática». — António Sérgio; in *Democracia*, Cadernos da «Seara Nova», 3.ª ed., Lisboa, 1938

Quantas aspirações altas, nobres e lúcidas, nunca viram a luz do sol real nem acharam ouvidos de gente, porque apertamos ao peito os programas hipotéticos de um hegemonismo aparentemente «convergente», mas que escondia sob o seu manto diáfano o caminho direito ao divisionismo real?

De **esquerda** nos dizemos todos nós! Da anterior **Oposição Democrática**? Mas houve uma oposição democrática anterior a 1974? Não terá antes existido, à luz do grande dia, a polvorização de **várias oposições** ao regime corporativo e africanista, mais democráticas umas, menos democráticas outras?!

Todos os anos morre gente que passou, viveu e actuou no período dos últimos 45 anos; outros, porém, entram na vida política da **esquerda portuguesa** com o seu bom e mau militantismo, sem terem conhecido a **história da resistência ao fascismo**. Mas, admitindo que eles conhecem a **história da resistência ao fascismo**, que é que conhecem afinal de contas?

A **história da resistência ao fascismo** — grande palavra com que os veteranos tentam atordoar os jovens, sintoma latente de que estão a ficar velhos!

Mas há uma história da resistência ao fascismo? Não existem antes **diversas histórias** de vá-

rias correntes de resistência ao fascismo?!

Os homens mais velhos não podem esquecer o que passaram. Os da geração que viveu os derradeiros quinze a vinte anos da ditadura, tão pouco. Contudo, lembrar-se-ão eles da sua impotência, do seu desespero perante um projecto viável que levasse à queda do regime e, por acréscimo, da sua febre divisionista, do seu egocentrismo hegemónico? Lembrar-nos-emos todos nós?!

Exaustiva seria a descrição, passo a passo, deste percurso de triunfalismos vesgos, sublimação da «nossa verdade», último reduto possível para enfrentar a **solidão** que sempre quisemos ser. Afinal de contas, a sublimação equivalente, para a **esquerda**, do derradeiro «orgulhosamente sós», da **direita**!

Quem fomos? Que teríamos a dizer, pessoalmente, se fôssemos interrogados naquela altura, sobre tudo o que tentávamos organizar com vista à **nossa** concepção de **unidade**, sem nada ceder às concepções de unidade da restante **esquerda**?

Houve e haverá sempre diferenças de opinião na **esquerda portuguesa** quanto ao sentido a dar à palavra **socialismo**, mas, para pensar em termos realizáveis de **socialismo**, é preciso haver um clima de **unidade** na

Joaquim Palminha da Silva

esquerda que proporcione o debate das eventuais convergências programáticas a curto termo. No mínimo!

Quando não, todo o discurso não passará de retórica ou profissão de fé ocasional, para iludir os mais jovens eleitores da «manada»!

Os jovens militantes da **contra-esquerda portuguesa**, mais ou menos radicais, acabaram por descobrir, certamente, «qualquer coisa» em que os estados-maiores da **esquerda** clássica não tiveram tempo de pensar — é uma verdade universal incontestável. Mas ao mesmo tempo uma autojustificação para prosseguir o pandemónio; pandemónio onde poder ser «todos por um», sem que qualquer dos vários «um» queira «ser por todos»!

É uma verdade universal — mas esquecemo-nos que as verdades universais foram, antes de assim o serem, verdadeiramente concretas e epocais, cujo processo evolucionista guindou a lei historicamente válida para a humanidade. Saltamos sobre o parcial, porque não queremos (ou não sabemos) através dele atingir o universal!

Sim, os mais novos acabaram por descobrir o **futuro** melhor que nós. Simplesmente, para que eles descubram «qualquer coisa» nova em que os outros não tiveram tempo de pensar, é

preciso que tenham condições de diálogo no leque da **esquerda**, de modo a levarem a bom termo o acto de pensarem essa «qualquer coisa», que conduza ao **futuro** a sociedade portuguesa. E essas condições políticas só uma **esquerda portuguesa** efectivamente unida lhes pode dar, aqui e agora.

Todavia, pode lá haver uma **esquerda** mais **portuguesa** desunida do que aquela que tem vindo sucessivamente a existir em Portugal?!

Podemos acreditar que a história dos últimos quarenta e cinco anos, quando nos pretende interpretar os factos e fornecer, para confirmação, as fontes originárias, tem vindo a negligenciar um aspecto importante para a prova investigação imparcial do mais recente passado — a **história da desunião da esquerda** vista, também, como fruto da **união da direita**! ... Que nos lembremos, houverem um homem, há muitos anos, que soube escrever História com esta entre outras verdades — chamou-se **Oliveira Martins** e escreveu o **Portugal Contemporâneo**!

Dissemos **esquerda portuguesa**? Bairrista, queremos afirmar!

Quando ultrapassou esta última, consciente e lucidamente, toda a exaltação da experiência divisionista? Quando foi a **uni-**

Continua na pág. 4

Gentes e Paisagem

Dias de Melo

— Tenho ali a minha filha...

Eu saíra ao grande portão aberto no grande muro amarelo que separa o mundo daquele mundo, atravessara a rua de um passeio ao outro passeio, ia meter-me à rua perpendicular à rua que acabava de atravessar.

Tu — surgiste-me, não sei de onde, não sei como. De entre os automóveis estacionados em frente à tabacaria, da esquina? De entre os automóveis, táxis, carrinhas, camiões em movimento na larga faixa de rodagem? Vieras, acaso, no meu encalço, saindo após mim o grande portão aberto no grande muro amarelo que separa o mundo daquele mundo?

Apenas sei que estavas ali, a sorrir (ou a fingir que sorrias? ou a chorar?) — ali, na minha frente.

Disseras:

Não te lembras de mim?

O céu era azul, imensamente azul, o sol era um festival de cor e alegria na folhagem verde das copas das árvores do jardim recolhido por trás do grande muro amarelo que separa o mundo daquele mundo, nas paredes, portas, janelas, telhados das casas ao longo da longa rua, nas pedras negras, polidas, gastas, da calçada na faixa de rodagem, nos vidros, metais, tintas dos carros parados, dos carros que passavam.

— Não te lembras de mim...

Lembrava. Lembrava-me da tua figurinha pequenina, franzina, das tuas perninhas delgadas, tortinhas, tão sem jeito nenhum, das tuas mãozinhas descarnadinhas, de dedinhos tão mal feitos, tão feinhos, do teu peito tão escorridinho, tão tábuia rasa de pinho velho ressequido, do teu rostinho um tanto miudinho, tão engelhadinho (apesar de seres jovem), dos teus olhinhos um tanto vesgos, tão com aquele ar de duas contas de vidro fosco, dos teus cabelos ásperos, emaranhados... De todo o teu ser tão assim, tão mir-

radinho, tão escurinho, tão-só pele e ossos... Mas — perdoa — não me lembrava de onde, de quando, nem do teu nome.

— Eu sou a... de...

Aqui, vais ser a Aninhas. Apenas a Aninhas. Que eu conheci não importa quando nem importa onde.

Perguntei-te:

— Que fazes aqui, Aninhas?

Aninhas, que fazes aqui, sob este céu tão intensamente azul, o sol a revestir-te os trapos do vestidinho de chita barata, os cabelos ásperos, emaranhados, todo o teu ser tão escurinho, tão mirradinho, tão-só pele e ossos, também no teu festival de cor e alegria?

Com um movimento breve da cabeça, do queixo, apontaste o grande casarão cinzento a erguer-se, pesadelo disforme de chumbo, ao fundo do jardim, acima, muito acima, das copas de folhagem verde das árvores do jardim, por trás do grande muro amarelo que separa aquele mundo do mundo.

— A minha filha está ali... Dor? Desespero? Agonia?

— A minha filha está ali...

Ali — onde se trava a mais trágica das guerras entre a vida e a morte.

— A minha filha está ali...

— E...

Aninhas! Que era isto que me gelava o sangue nas veias, que me tolhia as falas na garganta ressequida?

Terrível, indescritivelmente terrível, o que dizias, Aninhas!

E o céu continuava azul, imensamente azul, e o sol continuava na loucura deste festival de cor e alegria...

— Há quatro meses. Eu tenho estado numa pensão. Não há dinheiro que chegue. Há quatro meses e já gastei quinze contos.

— A Assistência... — disse, hesitante.

— A Assistência paga... A minha filha, ali, paga tudo. Mas... e eu não vou deixar a minha filha.

Eu quero ver a minha filha todos os dias. Eu não me vou embora sem levar a minha filha comigo.

Aninhas! Aninhas!... Quinze contos em quatro meses. Para ti, Aninhas — uma fortuna. Para outros... Como e onde tens dormido, Aninhas? Como, onde e que tens comido, Aninhas? Quinze contos...

E tu, Aninhas, em quatro meses, comeste, dormiste, na grande cidade, com quinze contos durante quatro meses...

— Quero ver a minha filha todos os dias! Não me vou embora sem levar a minha filha comigo! Agora, vão dar alta à minha filha, mas ela tem que ficar ainda aqui, não sei por quanto tempo, a fazer uns tratamentos...

E eu não a deixo! Eu não deixo a minha filha!

Voltei, mais hesitante, a falar-te da Assistência.

— Sim... A Assistência... Mas... Mas... Sempre um mas... um mas... um mas...

Com o sangue a gelar-se-me nas veias, com as falas a tolherem-se-me na garganta ressequida, que te podia dizer, Aninhas?

— O lar, talvez — sugeri, reticente.

Tu, Aninhas, sem uma hesitação:

— A minha filha não vai para o lar! A minha filha tem dez anos! Apenas dez anos!

Pus-me a encher o cachimbo de tabaco. Acendi-o. Via-te agora ali, na minha frente, através do fumo a ondular-me diante dos olhos.

Deixaria eu uma filha minha, de dez anos, apenas de dez anos, metida no meio de um rebanho de adultos, tantos a exibirem o espectáculo horrível dos corpos escavacados? E tu? E vocês todos os que têm filhos e filhas de dez anos?

— A minha filha não vai para o lar. A minha filha tem dez anos. Apenas dez anos.

Não. Filha minha, apenas com

dez anos, também não iria para o lar. Em caso algum.

— E já gastei quinze contos... A tua fortuna, Aninhas. O teu receio. O teu medo. E quantos quinze contos gastos por aí para nada e em coisa nenhuma!

Os automóveis, as carrinhas, os camiões enchiam a rua do barulho dos seus motores, o ar que respirávamos do fumo do combustíveis mal queimados.

E tu, Aninhas:

— Eu... Se Deus me tivesse dado o corpo que me não deu, alugava-o, pela minha filha, ao primeiro pulha farto de dinheiro que mo cobicesse. No fim, quando ele tivesse sovado em mim toda a porcaria do seu gozo e do seu prazer, tirava-lhe a vida depois de he ter safado a carteira. Tranquilamente. Sem remorsos. Por amor da minha filha. Sabendo mesmo que, por isso, poderia vir a ser espezinhada pelo desprezo da minha filha.

O tabaco do cachimbo amargava-me na boca. Um avião fazia-se à pista, por cima do casarão. O céu azul... O sol...

Pobre Aninhas, assim com a tua figurinha, com todo o teu ser tão mirradinho, tão-só pele e ossos, a proferir assim aquelas palavras com a mesma naturalidade com que acrescentavas:

— Vou àquele café meter uma sandes na boca... Ainda não quebrei o jejum.

Já passava das duas da tarde. Quinze contos em quatro meses... E eu... a fumar cachimbo...

Um dia, Aninhas, tudo será diferente. Não o duvides. Não o duvidem todas as Aninhas que por aí nesta sociedade em que vivemos, por tantos lados e de tantos modos padecem. Por si. Pelos filhos.

Eles — não querem. Mas a luta continua. Espartaco não morreu.

E tu Aninhas, à luz deste céu vazio:

— Tenho ali a minha filha... A minha filha, apenas com dez anos...

PODER LOCAL

O combate à cárie dentária passa também pelas autarquias

«Desde sempre os Serviços de Saúde Pública se esforçaram pela erradicação de certos grupos de doenças, em que avultavam as doenças infectocontagiosas e, actualmente, as afecções cardiovasculares. No entanto, nunca foi prestada a devida atenção, em termos de Saúde Pública, às doenças bucodentárias. Falha sob todos os aspectos lamentável e só explicada pelo facto de as referidas doenças serem pouco espectaculares» — assim se exprime a revista «Poder Local em artigo de Falcato Simões.

Adianta o articulista que, estudando o problema para além desse aspecto, «o que se verifica na realidade é que, do grupo das doenças bucodentárias, só por si a cárie dentária atinge cerca de 80% da população do Globo, e que levou a Organização Mundial de Saúde a defini-la como um autêntico flagelo social».

Acentua-se que cerca de 80% dos habitantes do chamado «mundo civilizado» sofre de cárie dentária. Como se sabe, «esta doença, para além das consequências locais (dor, infecção, perda de dentes e todas as sequelas funcionais e estéticas) pode ser causa de lesões a distância, como reumatismo, afecções renais, cerebrais, oculares, etc., o que prova, ao contrário do que geralmente se pensa, que não pode ser minimizada».

A luta contra esta doença «começa com acções de promoção da saúde dentária e de prevenção, para continuar com acções curativas e de reabilitação.

Em relação a quaisquer destas acções temos, no nosso país, uma carência aguda de meios, quer humanos, quer materiais».

Explicita-se que «a promoção da saúde dentária, e a prevenção da cárie dentária, que devem começar na primeira infância, são constituídas por três tipos de acção: racionalização e equilíbrio da dieta alimentar, cuidados de higiene oral e a administração de fluor (ou a sua aplicação tópica)».

E pormenorizando:

«Em relação à primeira, sabe-se que o excesso de hidratos de carbono e a carência proteica na alimentação favorecem o aparecimento da cárie dentária. Assim, deve favorecer-se o consumo de proteínas e, ao mesmo tempo, incentivar a redução dos hidratos de carbono (principalmente o açúcar) na alimentação.

«Quanto à segunda, devem ensinar-se as crianças, a partir dos 2 anos de idade, a escovar os dentes após as refeições e antes de deitar. Este ensino deve assumir a forma de actividade lúdica, o que leva a criança a aceitá-la mais facilmente.

«A terceira acção, e não a menos importante, é a administração de fluor, a qual pode ser executada de três formas principais.»

Ora como...?

Nas localidades onde haja distribuição domiciliária de água canalizada, «deve adicionar-se fluoreto de sódio à água de consumo, na proporção de um miligrama daquele por um litro de

água».

Quando não haja água canalizada, «pode optar-se pela ingestão individual do fluoreto em comprimidos ou fluoretando o sal de cozinha».

Chama-se a atenção, no entanto, de que «a administração de comprimidos de fluoreto acarreta o risco de condicionamento para as crianças em relação a quaisquer tipos de comprimidos, com todos os perigos daí decorrentes».

Depois de outras considerações, afirma-se que na vila de Montemor-o-Novo há anos que a população bebe água fluoretada. Daí «as prospeções periódicas que têm sido feitas mostram uma redução apreciável no índice de incidência da cárie». Mais: «as prospeções periódicas que têm sido feitas mostram uma redução apreciável no índice de incidência da cárie».

Nos países em que a fluoretação da água é feita há muitos anos, «as estatísticas apontam para uma diminuição de cerca de 65% na incidência da cárie dentária». A actividade curativa (prevenção e tratamento precoce) «é prejudicada, entre nós, pela já referida carência de meios humanos e, ainda, pela ausência de um Serviço Escolar de Saúde Bucodentária».

Lembra-se no artigo a que nos vimos referindo que «em vários países, nomeadamente na maioria dos países socialistas, junto das escolas pré-primárias e primárias funcionam gabinetes dentários, nos quais as crianças são examinadas periodicamente, e onde se fazem acções de prevenção e encaminhamento para os cuidados curativos».

Chega-se, por fim, a uma conclusão: «sobre o assunto cabe às autarquias locais um papel muito importante». E isso porque «podem e devem as autarquias promover os estudos prévios que levem à fluoretação das águas para consumo». E também porque as mesmas autarquias podem e devem desenvolver «uma campanha de promoção da saúde bucodentária, difundindo, através dos meios de comunicação social, as regras básicas da higiene oral e alimentar».



Um chafariz: será que a água irá afectar os dentes de quem a bebe...?

Admite-se ainda que as autarquias podem e devem «exigir ao Poder central a criação de um Serviço de Saúde Bucodentária Escolar». Tudo isto, enfim, no

âmbito do Serviço Nacional de Saúde, e actuando dentro dos futuros Centros Comunitários de Saúde.

APU /PS aprovam Jardim de Infância no Município de Évora

A Câmara Municipal de Évora aprovou uma proposta sobre a instalação provisória de um jardim de infância para 150 crianças, nas novas instalações do Município.

A proposta, aprovada por maioria (APU/PS), foi apresentada pelo vereador da Cultura, Joaquim Mendes, da Aliança Povo Unido.

O vereador do Partido Social-Democrata, Mira Branqui-

nho, votou contra.

O jardim de infância, que começará a funcionar no próximo ano lectivo, tem o apoio do Ministério da Educação e Investigação Científica, que contribuirá com material didáctico e com o pagamento de ordenados a cinco educadoras de infância.

Entretanto, a edilidade eborense abriu concurso para o recrutamento de mais três educadoras de infância.

Ainda retidos em Sta. Cristina cinco pescadores algarvios

Aguarda-se que, ainda hoje, Madrid dê instruções às autoridades do porto de Santa Cristina quanto aos cinco pescadores portugueses que ali continuam apesados, há mais de uma semana. O sexto foi libertado no sábado, quando o respectivo proprietário depositou a fiança estabelecida.

Recorda-se que as embarcações pescavam em águas jurisdicionais espanholas sem licença, dedicando-se algumas à pesca de um tipo de ameijoira vedado nesta época.

Segundo as autoridades marítimas da Ilha de Santa Cristina, a Espanha procura uma solução amistosa e, por esse motivo, teria sido estabelecida uma fiança baixa: 50 mil pesetas para três barcos e 75 mil para os restantes. O julgamento, entretanto, foi adiado.

No entanto, a atitude espanhola poderá agora depender da que finalmente tomarem as autoridades portuguesas, em relação a um pequeno barco espanhol retido no porto de Faro e que tem pendente uma multa de 120 mil escudos, quando o proprietário diz que o próprio barco não vale tanto.

Os espanhóis contrapõem que poderão ir também ao limite das multas em relação aos barcos portugueses: 500 mil pesetas por cada um.

«DIREITO AO TRABALHO» APRESADA NOS AÇORES

A corveta António Eanes apesou ao largo da Ilha do Faial a traineira «Direito ao Trabalho», pertencente à cooperativa do mesmo nome, e registada na praça de Sesimbra, facto este que a impediria de pescar em águas açorianas, obviamente águas nacionais.

A mesma unidade da Armada aprisionou, também ao largo do Faial, a traineira espanhola «Puerto de San Domingos», que pescava sem autorização. Ambas as embarcações estão retidas no porto da Horta.

Voluntários de Cascais necessitam de material novo

Quatro mil contos é o quantitativo de que necessitam os Bombeiros Voluntários de Cascais para renovação do seu parque de material.

A verba é imperiosa para solucionar os problemas levantados pelas carências mais prementes: mangueiras, fardamentos, instalação de um novo quartel...

Assim, entre o próximo sábado e o dia 26 do corrente, os BVC organizam um peditório na sua zona de actuação, o qual será repetido em Setembro.

Será também lançada uma campanha de angariação de sócios e lançada uma emissão de títulos de participação de mil escudos cada, reembolsáveis em três anos.

DA ESQUERDA SOMOS NÓS

Continua na pag. 3

dade uma voz serena, mas representativa, e grave, das suas multifacetadas tendências socialistas? Apontar-nos-ão alguns exemplos? Oh!, sabemos bem que sim! Mas não serão eles a um só tempo falsos e verdadeiros?! Não é (ou não foi) verdade que a esquerda quando se uniu temporariamente foi para analisar quanto estava efectivamente desunida?! Como assumiu (ou assume) ela a existência de 48 anos de ditadura corporativa? Manifestando eterno reconhecimento aos capitães de Abril? E justo e lógico! Mas não basta!

Não basta. Pela prosaica razão de que a ditadura não pode ter existido, somente para além das suas condições intrínsecas (que são do público conhecimento), devido à sua unidade concreta no fundamental, apesar da desunidade da direita no acessório e... dadas as «fases da lua»!

Porque não encara a questão sob outro prisma — por exemplo, as várias oposições democráticas nunca foram capazes de ser uma actante Oposição Democrática, salvo raras, muito raras e limitadas ocasiões!

E a direita, para já, uniu-se outra vez!

E a esquerda, longe das lições dadas pelo adversário político, de arco e balão, torce pelo seu «bairro», pela letra da sua «marcha», pelas cores garridas do seu traje, pela entronização dos seus «santos» preferidos, os quais diferem de quarteirão em quarteirão, com vista ao «1.º prémio» no «concurso» eleitoral que se segue!

Ei-la, novamente! Assim, baírrista, quanto muito regionalista e... «fatalmente» portuguesa! Porém, são tantos os «bairros» a concorrerem com as cores do socialismo que não pode haver lugar para tantos. Oh!, todos sabemos bem que sim! Mas todos pensamos, quicá sinceramente, que o nosso «bairro» é o único que possui a condição sine qua non para subir um, dois ou três degraus da escadaria parlamentar. Contudo, são tantos os «bairros» e os socialismos, quando é um só o eleitorado a que nos dirigimos. E a esquerda, (nós) — não sabemos em que ficamos...

Talvez, inconscientemente, a esquerda reaja contra a necessidade de alterar a sua própria

concepção da vida portuguesa rumo ao socialismo, exigência que a assalta de todos os lados nos últimos dois a três anos. Talvez proceda adoptando e traduzindo na linguagem específica de cada um dos seus «bairros» tudo que, ouvido aqui e ali, pode ser traduzido e adaptado, mas nunca por nunca se transforme às novas condições concretas. E, assim, tudo o mais seja ignorado através da citação da máxima mais apropriada que a gíria local inventou. O problema não é exclusivo da actualidade, já assim se passou no antigamente.

A esquerda sabe que representa a única base real em que assenta o eleitor popular! Nomeadamente, quando este pensa em termos de eventual união em busca de uma melhor justiça social e de quem lhe saiba ministrar, porém, a esquerda continua a viver a sua vida de «bairro».

Na maioria dos casos, estes e outros apelos à unidade e à possibilidade de um programa de esquerda, não têm para ela qualquer significado. Cada «bairro» por si não considera que tais apelos ao cumprimento do

seu dever unitário (sem minimizar as divergências), ao sacrifício de todo o pretencioso e descabido hegemonismo e, por conseguinte, à concessão mútua e ao esforço colectivo e individual que tal gesto implica, lhes diga respeito.

Tais apelos são sempre, no entender do «bairro», dirigidos aos outros — nunca a ele, campeão da «unidade» e seus «únicos» proprietários!

A parte estes períodos, durante o resto do tempo, o que lhes interessa é o mundo local no seu estreito concretismo. Aquilo que podem compreender de acordo com a visão antecipada com que partem a ver «as coisas». Aquilo com que ignoram o colorido socialismo do «bairro» vizinho... E, reciprocamente, os «bairros» ignoram-se! Naturalmente a pensar (e porque não ingenuamente?!), numa possível unidade da esquerda... para as «calendas gregas»!

Umas das razões que tem contribuído para a grande popularidade da ideia de unidade no seio do eleitor é a sua predilecção pela ética. A maioria dos membros dos diversos «bairros» não são fanáticos do grupo. Não

obstante, têm princípios, embora os não professem no seu estado puro. O ponto de vista que geralmente adoptam é o empirico — são pragmatistas convictos! Estas atitudes são derivadas não tanto da submissão às exigências da eficácia, da política do «bairro» como antes a um sentido da realidade dos horizontes pessoais, e da convicção de que não é sensato esperar de mais, sobretudo das profissões de fé muito gerais.

«Gosto de gente direita», eis a frase que resume uma moral que pode parecer insuficiente e até presunçosa, a muito estado-maior da esquerda, mas que (quando dita por um eleitor que viveu e vive uma vida difícil) simboliza certamente um triunfo experimental importante, alcançado em circunstâncias pouco propícias.

O eleitor popular não se interessa pelo aspecto «metafísico» da política, nem atribui grande importância aos diversos programas da esquerda portuguesa, mas quase só exclusivamente ao seu aspecto moral. Geralmente sente uma certa consideração por aqueles homens de esquerda que tentam,

pôr em prática a unidade que preconizam. Por que a unidade para ele é uma questão moral, independentemente dos diversos socialismos, os quais não pretende definir, nem tem tempo para meditar na natureza do seu significado contraditório, assim como das consequências de uma sua derradeira opção por tal ou tal versão.

A esquerda (se existe) tem de ter um significado. E esse significado — para o eleitor popular é moral — chama-se unidade!

Resta-nos saber se merecemos a sua consideração nos tempos que se vão iniciar... Por quê?

Porque até aqui tem sido fácil, cómodo e relativamente justificativo, responsabilizar os sucessivos poderes de Estado pelas situações catastróficas que se vêm processando. Mas quem responsabiliza a esquerda de não saber ser esquerda?

Não se poderá dizer, uma vez por todas, que em matéria de unidade a esquerda tem vindo a demonstrar-se tão irresponsável, quanto o Poder de Estado o tem sido na administração dos negócios públicos?!

NÃO HÁ MORTOS SEM SEPULTURA

Gentil Martins já começou a dar a Ordem "à palmatória"

Funerais a decorrerem normalmente, directores clínicos dos hospitais ameaçados de suspensão pela Direcção-Geral dos Hospitais caso se recusam a garantir o expediente urgente dos seus serviços e um decréscimo cada vez maior no número de adesões, constituem os factores mais salientes na greve selvagem dos patrões da Medicina, hoje alargada também à Região Centro, levando o bastonário da Ordem a suavizar a linguagem e a considerar o Governo, que, ainda há dias, «não constituía para si um interlocutor válido» a uma estrutura que «conhece muito bem», conforme ontem afirmou, «o Estatuto Médico, dado que quer Pereira Magro (titular do MAS nos Executivos de Nobre da Costa e Mota Pinto), quer Mário Marques, estão em condições de privilégio de poderem pronunciar-se sobre o diploma, dadas as posições que ocuparam em anteriores governos».

Assim «privilegiado» pelas afirmações de Gentil Martins, ainda não disposto a dar totalmente a mão à palmatória por ter lançado a classe em tão perigosa aventura, o Governo prepara-se para apreciar amanhã, em Conselho de Ministros, a nova versão do Estatuto, depois de uma reunião em que participaram os ministros das Finanças e dos Assuntos Sociais, os secretários de Estado da Administração Pública e da Segurança Social e funcionários do Gabinete

de Bruto da Costa, que, segundo comunicado agora divulgado, estudaram os diversos projectos existentes e prepararam a nova versão do diploma.

Desarmada pelo Ministério da Justiça, ao fazer mandar aplicar o Artigo 234 do Código de Registo Civil, a Ordem viu sair-lhe pela culatra a estratégia da não passagem de certidões de óbito, como o demonstram as declarações do presidente da Associação de Agentes Funerárias, ao afirmar que desde a entrada em vigor, ontem de manhã, da determinação de Gentil Martins, apenas se havia registado um caso de recusa na passagem do documento por um médico do Hospital de D. Estefânia, logo solucionado com a aplicação do disposto no Código Civil (intervenção da autoridade administrativa e recurso a duas testemunhas). Também nos contactos que mantivemos com várias agências funerárias, tanto de Lisboa como da província, seríamos informados de que tudo estava a decorrer sem problemas, mesmo nos casos de mortes domiciliárias que seriam aquelas que poderiam criar maiores dificuldades. De igual modo não têm surgido complicações no Instituto de Medicina Legal, uma vez que os médicos ali em serviço não dependem do MAS, mas sim do Ministério da Justiça, razão pela qual se encontram alheados das reivindicações referentes ao Estatuto.

Entretanto, e conforme referimos no início, os directores clínicos dos hospitais poderão ser suspensos por se recusarem a garantir o expediente urgente dos seus serviços, nomeadamente na concessão de altas e na passagem de certidões de óbito. Estas e outras medidas «excepcionais» foram ontem decretadas pela DGH para limitar as «consequências graves» resultantes da greve. De acordo com o documento distribuído pela DGH as direcções médicas dos hospitais são instadas a colaborar com os gestores dos estabelecimentos de forma a garantir o «andamento do expediente urgente». Por outro lado, sempre que possa haver «perigo para a saúde pública» os órgãos de gestão deverão «pedir a com-

parência da autoridade sanitária local a qual actuará conforme legislação em vigor». A DGH fundamenta esta sua decisão no facto de existirem, actualmente, «dificuldades na efectivação de terapêutica pelo não preenchimento das requisições de medicamentos, o prolongamento desnecessário de internamento dos doentes pelo não preenchimento das altas».

E que a DGH tem razão para se mostrar preocupada, atestam-no as duas queixas ontem presentes na Polícia Judiciária, quando os familiares de Beatriz da Conceição Resende, de 54 anos, e Emília de Jesus, de 64, acusam a Ordem pelas suas mortes («falta de assistência médica»).

31 MILHÕES DE CONTOS EM JOGO

Ampliação da Siderurgia arranca no 'Diário da República'

O «Diário da República» de hoje insere a resolução do Conselho de Ministros (inserida já num suplemento da folha oficial de 28 de Maio de 1979) que autoriza a Siderurgia Nacional a ampliar a sua unidade industrial do Seixal com uma capacidade adicional de aço bruto ao nível do milhão de toneladas por ano.

Registe-se que esta ampliação da capacidade produtiva daquela importante empresa pública permitirá o trabalho nacional, incorporado na fase de realização, atingirá cerca de 48 mil homens por ano, com particular intensidade nos anos de 1979 a 1981.

De referir ainda, conforme acentua a própria resolução governamental, que «a dimensão atingida com o novo alto-forno vem alargar o mercado para minério de ferro e para cinzas de pirite, podendo contribuir, em consequência, para viabilizar a exploração das minas de Moncorvo e reforçar as condições de rentabilidade do projecto do aproveitamento integrado das pirites alentejanas».

A ampliação da unidade da SN do Seixal é estimada, aos câmbios em meados de 1978, em cerca de 31 milhões de contos, incluindo os encargos financeiros do período de realização.

Depois da alteração

veio a morte accidental

PORTO, 21 — Vindo do Hospital de Chaves, onde, recebeu os primeiros socorros, deu entrada no hospital de Santo António, a fim de ser submetido a uma intervenção cirúrgica, o comerciante José Lopes, de 33 anos,

casado, proprietário do café «Terra Fria», de Montalegre. Após uma alteração com a esposa e depois de ter pegado numa pistola, esta disparou-se alojando-se a bala no abdómen.

Congresso Internacional dos directores de Escolas Hoteleiras realiza-se em Albufeira

O XVI Congresso Internacional da Associação Europeia dos Directores de Escolas Hoteleiras (EUHOFA) vai realizar-se este ano em Portugal, no hotel Montechoro, de Albufeira, nos dias 3, 4 e 5 de Setembro.

A organização do congresso é da responsabilidade do Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira (CNFTH), que hoje anunciou a sua realização, em Conferência de Imprensa.

Subordinado ao tema geral «A Formação Contínua e a Adaptação dos Programas de Ensino à Evolução do Turismo e da Hotelaria», o congresso conta já com a inscrição de 167 participantes,

de 25 países.

Os objectivos são — segundo os seus promotores — permitir aos dirigentes estrangeiros, da Formação Profissional Turística o conhecimento do Património Histórico-Cultural português, para o que terão lugar, a partir do dia 29 e até à abertura do Congresso, vários passeios e visitas na região de Lisboa.

Os organizadores propõem-se ainda chamar a atenção das autoridades portuguesas para a importância da Formação Profissional, para além do interesse suscitado pelo tema e pelas alocações de personalidades especialmente convidadas.

Novo local de assistência aos assinantes do telefone

Os assinantes dos Telefones de Lisboa vão ter um novo local de assistência, prevendo-se que as longas bichas nos guichets e os transtornos causados pelas demoras escusadas possam ser aliviados. A informação dos TLP onde se insere esta novidade afirma que no n.º 20 do Largo Rafael Bordalo Pinheiro é

possível a partir de agora apresentar pedidos de telefone ou de transferência de aparelhos ou mesmo pedir uma rectificação ou uma verificação das instalações, pagar a conta do telefone, etc. O Largo Rafael Bordalo Pinheiro fica na Baixa e, segundo os TLP, é um local de fácil acesso.

Afonso de Sousa julgado amanhã

Terá início amanhã, pelas 14.30h, no 1.º Tribunal Militar Territorial do Porto, o julgamento de Afonso de Sousa, condenado em 1.ª instância (numa acção jurídica recheada de ilegalidades), em 13 anos de prisão maior (dois dos quais já cumpridos), sob a acusação de ter participado no

assalto a uma agência bancária em S. Mamede de Infesta.

Afonso de Sousa, antigo militante do PRP, conseguiu esta repetição de julgamento, após uma greve de fome de 16 dias, realizada o mês passado no forte de Caxias.



meta um golo
na sorte...

aposte no

TOTOBOLA

19ª época - 26 de Agosto - 2 concursos





PASSAGEM DE NÍVEL DE PAÇO D'ARCOS

Reboque colhido pelo rápido: um morto e quatro feridos

Faleceu um dos ocupantes do reboque colhido ontem à tarde na passagem de nível de Paço d'Arcos pelo rápido Cascais-Lisboa.

O acidente deu-se quando uma camioneta transportando carros de feira e levando atrelado o reboque, atravessou a passagem de nível. Na impossibilidade de descrever a curva de uma só vez para a estrada de Porto Salvo, o conjunto foi obrigado a efectuar a manobra de marcha-atrás, tendo o atrelado transposto parcialmente a can-

cela, que entretanto descera.

Apercebendo-se do acidente, Elidoro Francisco saltou do reboque, mas foi esmagado contra o muro, vindo a falecer a caminho do Hospital de S. José. Os restantes ocupantes do reboque, Maria Rosa Martins, de 48 anos, e José Luis Francisco, de 11, respectivamente a mulher e o filho do morto, bem como Piedade Rosa Martins, de 42 anos, e Bernardo Manuel Carvalho, de 11, mulher e filho de Manuel David Carvalho, proprietário da carga, que seguia na cabine, encontram-se livres de perigo.



Assim ficou o reboque: por dentro e por fora

Bolsas de Estudo para pessoal de enfermagem via receitas do Totobola

Os 4500 contos previstos na distribuição de lucros do Totobola em 1978 (cerca de 700 mil contos) para concessão de bolsas de estudo pelo Ministério dos Assuntos Sociais, são hoje destinados na portaria, publicada na folha oficial, à «formação ou aperfeiçoamento de pessoal médico, de enfermagem, de reabilitação e dos serviços auxiliares de diagnóstico e terapêutica», até ao quantitativo acima indicado.

A portaria é assinada por Pereira Magro, ministro dos Assuntos Sociais no Governo Mota Pinto. Recorde-se ainda que dos citados lucros de 1978, perto de 200 mil contos foram concedidos ao Fundo de Fomento de Desporto, 85 mil à Federação Portuguesa de Futebol, 68 mil ao Inatel, 169 mil à Direcção-Geral da Assistência Social e também 169 mil às Santas Casas de Misericórdia e outras instituições.

MÁRIO JORGE LIVRE DE PERIGO

Equilibrismo falhado no fosso dos leões

Fazer equilibrismo no fosso dos leões deve ter ficado de emenda ao Mário Jorge, de 21 anos. Quando ontem visitava o Jardim Zoológico, resolveu «brincar» com o fogo, isto é, com os leões. Caiu lá dentro e foi atacado.

Por uma leoa — afirma o Mário Jorge — já que «ela» não tinha juba. Ao que parece, a sua preocupação foi defender o pescoço, melhor, a garganta. Depois, lá foi salvo da leoa pelo tratador. Entre os pontapés e a ordem do empregado do Jardim Zoológico para se manter imóvel, o Mário Jorge foi içado.

Os leões não se meteram nesta «guerra» já que tinham a barriga cheia. Só a leoa comia mais qualquer «coisa». Segundo afirmou, Mário Jorge tenciona entrar para a Marinha, em Setembro.

Quando estiver no mar alto, convém não brincar muito ao

equilibrismo, porque podem aparecer uns «bichinhos» não muito grandes, chamados tubarões ou baleias, que não são tão bons anfitriões. Mário Jorge está

completamente livre de perigo, apenas com algumas arranhadelas e uns «pedacitos» de carne a menos nas pernas. A «sobremesa» incompleta da leoa.

Sexagenário assassinado em Vila Verde (Braga)

PORTO, 21 — As investigações acerca da morte de um sexagenário de Vila Verde (Braga) estão a decorrer activamente tanto por parte da GNR daquela localidade como da Polícia Judiciária do Porto. Tudo indica que o autor do crime, praticado na pessoa do reformado António Gonçalves, de 64 anos, que residia sozinho na freguesia de Geme, daquele concelho, poderá vir a ser detido de um momento para o outro.

O corpo da vítima, mais conhecido por «Manel Fardel» foi

encontrado anteontem por algumas crianças, que brincavam num silvado, no lugar da Serra, em Vila Verde.

Numa busca feita, posteriormente, à residência da vítima, a GNR verificou estar tudo remexido, pelo que concluiu que o móbil do crime talvez tenha sido o roubo.

Segundo a autópsia realizada na casa mortuária do hospital local, o António Gonçalves apresentava duas fracturas de crânio, uma das quais bastante profunda.

EXTINTO O FOGO EM OLEIROS

Incendiários em fuga

Foi considerado extinto o incêndio que durante três dias consumiu extensa área de matas na região de Oleiros, próximo de Castelo Branco.

Apesar de o fogo ter sido dado como extinto cerca das 16.30 de ontem, permaneceram ainda no local alguns piquetes de vigilância dos Bombeiros Voluntários de Oleiros, Sertã e Proença-A-Nova, por se temer que o vento sudeste reacenda a chamas.

De acordo com os bombeiros, este foi o maior incêndio do género registado até hoje em Portugal.

O balanço provisório aponta para os seguintes números: o fogo destruiu 3000 hectares de mata no concelho da Sertã, 200 quilómetros quadrados no de Proença-a-Nova e metade das florestas de Oleiros.

Puseram-se em fuga, após serem avistados por militares ao fim da tarde de ontem, dois presumíveis autores do incêndio.

Os bombeiros de Proença-A-Nova informaram que os eventuais incendiários foram localizados numa mata nas imediações da vila, junto a um foco de incêndio em desenvolvimento. Mas fugiram ao ser avistados por elementos do Regimento de Infantaria de Tomar, que participou no combate às chamas.

Um terceiro incendiário foi visto a pôr fogo no lugar de Concras, também em Proença-a-Nova. A Guarda Republicana procura os indivíduos.

nosa dos incendiários e a tomada de medidas que permitam um eficaz combate aos incêndios».

No tocante aos lucros com as matas ardidas, já se vulgarizou a expressão segundo a qual «o Zé do pinheiro é que se lixa».

SINTRA

Está já dominado, embora seja de prever que as operações de rescaldo se prolonguem ainda por muitas horas, o incêndio que ontem consumiu boa parte do arvoredo da Serra de Sintra, numa área compreendida entre a Peninha, Casa da Mata, Abiscas e Azóia, numa frente de dez quilómetros. Estiveram em perigo algumas moradias em Casa da Mata. Combateram o incêndio cerca de 500 homens de todas as corporações de bombeiros do concelho de Cascais.

GUARDA

Foi dado igualmente por extinto, «até ver», o violento fogo ontem ateado no lugar da Quinta da Pocança, nos arredores da Guarda. O «até ver», expressão usada pelo nosso informador, indica que o incêndio no local, depois de extinto, tem sido novamente ateado, o que comprova, segundo os bombeiros, a existência de acção criminosa.

Os «voluntários» da Guarda receberam, desde o passado dia dez até hoje, 30 pedidos de socorro para incêndios em florestas. As zonas mais atingidas foram as de Gonçalo, Pega, Vela, Pousafoles, Albando, Soito e Amoreiras.

AROUCA

Voltou a calma às povoações de Fuste, Pedrógão e Adaúfe, do concelho de Arouca, que ontem estiveram ameaçadas por extenso incêndio em matas de pinheiros e eucaliptos que as rodeiam. O sinistro foi combatido pelas corporações de Oliveira de Azeméis, S. João da Madeira, Estarreja e Arouca. Os bombeiros desta localidade disseram-nos que lutaram com falta de material, pouco e rudimentar. Uma ambulância chegou a ser utilizada também como pronto-socorro. O mesmo informador salientou a inestimável colaboração dos populares, um dos quais chegou a ter de ser internado, depois de cair, vítima do cansaço. Piquetes de bombeiros continuam de atalaia.

NOTA DO PCP

Em nota ontem distribuída, o Organismo da Zona do Pinhal de Castelo Branco, do Partido Comunista Português, depois de saudar «as corporações de bombeiros da região que, com o seu sacrifício e heróica dedicação tudo têm feito, com o auxílio das populações, para diminuir a gravidade dos incêndios», acrescenta que «o Povo português já não acredita em fantasmas e, apesar de serem muitos aqueles que aparecem a gritar que os culpados são os verdadeiros democratas, a verdade é que os verdadeiros culpados são aqueles que têm a lucrar com os incêndios, ganhando dinheiro com as florestas que ardem e ganhando com a desestabilização do país, que lhes favorece as intenções golpistas e antidemocráticas».

A nota termina defendendo «medidas que condenem e impeçam a actividade crimi-



INACIO, CUNHA & REBELO, LDA.

DONA DE CASA

NÃO DECORE O SEU LAR, SEM PRIMEIRO NOS CONSULTAR

Temos uma vasta gama de Artigos para Decoração

Rua Andrade, 4 r/c e 1.º Dtº Lisboa
Telef: 843244 — 849492 — 849486

EMBAIXADA DE ANGOLA

Artigos do Jornal Novo: efeitos do desespero do orgulho branco contra a universalidade

«Quando é o próprio colono que reconhece que o colonizado, depois de 500 anos de civilização, não consegue tomar conta da casa, como ficou demonstrado nas declarações do Bispo de Bié (resignatário) acrescenta-se mais uma prova de que o colono falhou e que a política ultramarina exercida naquele território era de sanguessuga, de terra queimada e de amortecimento de espíritos» — afirma-se numa nota da Embaixada da República Popular de Angola, em que se analisa os artigos contra a RPA inseridos no «Jornal Novo» de 13/8/79.

A nota da Embaixada considera aqueles artigos como «efeitos do desespero do orgulho branco contra a universalidade».

O documento prossegue sublinhando que não se nega a existência na RPA de problemas nos circuitos de distribuição dos artigos de primeira necessidade; da guerrilha alimentada pela África do Sul e levada a efeito pelo grupelito formado pelo Governo colonial português chamado «UNITA» contudo «a RPA tem sempre presente a necessidade de, pela força das armas a África do Sul sair da Namíbia e só os combatentes namibianos o podem fazer e não os portugueses do «Jornal Novo» ou os norte-americanos, porque nos tempos que correm a África é dos africanos».

A nota transcreve depois palavras de Agostinho Neto em que

se sublinha que o problema que se põe em Angola «é o da transformação do carácter da sociedade» é «entre o socialismo que avança e o capitalismo moribundo» para continuar: «temos receio que o sr. padre bispo de Bié, D. Manuel António Pires e todos os que no «Jornal Novo» tocam na orquestra comandada pelo capital imperialista entendam o significado destas palavras, porque a transformação implica um modo de viver novo, caso contrário seria neocolonialismo».

Mais à frente responde-se a afirmação do «Jornal Novo» em que considera estarem os civis descontentes, assim como certos comandantes das FAPLA, com a presença dos cubanos. Diz o texto: «quando todos os portugueses, uns por cobardia outros arregimentados pela pro-

paganda imperialista e ainda outros com a promessa de refúgio em glória às antigas propriedades fugiram de Angola, com todos os quadros capazes, foram os cubanos os primeiros a prestar à RPA formas de auxílio concretas, dentro da fraternidade e solidariedade internacionalista.»

O CRISTO NAS MÃOS DO COLONO PORTUGUÊS

Referindo-se às afirmações do Bispo de Bié a nota da Embaixada considera que com a proclamação da independência ele foi remetido à sua função específica ou seja «pregar um Cristo que na mão do colono português, ou de qualquer outro, nunca serviu de elemento libertador, mas sim de símbolo de opressão».

O pessimismo manifestado por aquele prelado é considerado pela Embaixada como o resultado do fim das prerrogativas da Igreja Católica em Angola e a separação da Igreja e do Estado prevista na Constituição da RPA.

A nota refere-se ainda aos «chamados resistentes angolanos» a quem Portugal dá «asilo político» considerando-os «caça dólares e amigos do prazer que prosseguem fins tribais e racistas, como pode demonstrar aquela mãe que viu o seu filho morto à paulada só porque não parou quando os recrutas passavam a marchar ao som do «Savimbi é maravilhoso» na vila de Balombo».

Sobre as alegadas conversações secretas, entre diplomatas norte-americanos e representantes do Governo da RPA, em Lisboa a Embaixada chama atenção para o discurso de

Agostinho Neto em que é focado esse assunto:

«Têm vindo aqui falar conosco para ver se prendemos todos os camaradas da Namíbia e os metemos num quartel qualquer, para não poderem mais fazer a sua luta. Mas nós dissemos: «Como assim? Se nós temos de continuar a nossa luta até à vitória final dos povos africanos»? Sejam quais forem as ameaças, sejam quais forem os bombardeamentos, sejam quais forem as agressões terrestres, nós vamos resistir até a África ser libertada».

Acrescenta ainda a nota da Embaixada: «e nada disto se fará com ajuda do «Jornal Novo», nem com a do sr. bispo resignatário do Bié, mas sim com a ajuda internacionalista dos países socialistas e todos os que entendem o valor profundo da universalidade entre eles próprios».

CÂMARA DE MÉRTOLA E SINDICATO DE MADEIRAS

“Agressores de José Luís não têm lugar no Portugal de Abril”

Os acontecimentos verificados na cooperativa de Casebres, em Alcácer do Sal, e o espancamento de José Luís, presidente da Câmara Municipal de Avis, provocaram protestos em diversos sectores da vida nacional, nomeadamente sindicatos, organizações políticas e autarquias pelo que se revestiram de insólito num país democrático.

Assim o Sindicato da Construção, Mármores e Madeiras do Distrito de Lisboa divulgou um comunicado no qual repudia «o tratamento brutal» a que foi submetido José Luís Correia da Silva, dirigente da UCP «Primeiro de Maio», de Avis por parte do sargento Ramos, comandante do posto da GNR de Fronteira «e dos lacaios que com ele

fazem equipa».

Afirma o documento que tais indivíduos «não têm lugar no Portugal de Abril» e muito menos na zona de intervenção da Reforma Agrária, onde os trabalhadores impuseram uma dinâmica incontrolável com atitudes repressivas e de carácter fascizante. Por isso as organizações de trabalhadores reclamam das autoridades o apuramento das responsabilidades e o julgamento dos culpados.

Os acontecimentos de Casebres e de Avis ficam na memória do povo português «como um dos muitos actos vergonhosos cometidos pelo Governo Mota Pinto» — sublinha o comunicado.

Esperam os trabalhadores que o novo executivo venha remediar

algumas das acções do anterior governo «com a reposição da legalidade democrática e o respeito pelo trabalho e direitos fundamentais dos cidadãos».

CÂMARA DE MÉRTOLA

Também a Câmara Municipal de Mértola se pronunciou contra a agressão de que foi vítima José Luís Correia, atraído ao posto da GNR de Avis e espancado durante seis horas por elementos da GNR, cuja prática se assemelha aquela que a PIDE utilizava no tempo de Salazar e Caetano.

A Câmara Municipal de Mértola exige a punição dos implicados na «cobarde agressão levada a cabo na pessoa do presidente do Município de Avis», ilegítimo representante do povo daquele concelho. E reclama ainda que «a repressão e prepotência» sejam banidas, de uma vez para sempre, do nosso País. Cópias desta moção aprovada pelos vereadores da Câmara Municipal de Mértola foram enviadas ao Presidente da República, Conselho da Revolução, Assembleia da República, Comandante Geral da GNR e outros órgãos de soberania.

Exilados brasileiros em vigília

Um grupo de exilados políticos brasileiros iniciou hoje na sede do Comité Pró-Amnistia Geral no Brasil (CAB) uma vigília cívica de solidariedade com os presos políticos que se encontram em greve de fome no Brasil, desde o dia 22 de Julho.

Amanhã, será concedida uma conferência de Imprensa, com a participação de personalidades portuguesas sobre problemas relacionados com a Lei da Amnistia, que se encontra actualmente a ser debatida no parlamento brasileiro.

Quem utiliza cartões de crédito

Um em cada 154 portugueses utiliza o cartão de crédito como meio de pagamento nas suas compras, segundo foi apurado junto das entidades emissoras do referido cartão, em Portugal.

Os homens de negócios, de profissões liberais e turistas são os maiores utilizadores, no nosso País, dos cartões de crédito, os quais circulam principalmente nos grandes centros comerciais e turísticos como Lisboa, Porto e Algarve.

Os cartões de crédito, que apareceram nos Estados Unidos em 1960, começaram a surgir em Portugal em 1974, através do Banco Pinto e Sttommayor («Cartão Sottomayor») e da Unicre, instituição par bancária, proprietária de seis bancos portugueses («Cartão Unibanco»).

O cartão de crédito é um meio de pagamento, que pode substituir com vantagem o cheque e o numerário, pois é mais prático do ponto de vista do utilizador, evita situações de falta de cobertura e é também de mais fácil manuseamento através de computador.

Em Portugal, foram já emitidos na totalidade, 65 mil cartões, tendo-se verificado um cresci-

mento considerável a partir de 1978.

A implantação do sistema de cartões de crédito está dependente, não só do número de utilizadores, mas também da qualidade de estabelecimentos comerciais que aderem ao sistema, que neste momento ascendem a cerca de quatro mil, para cada uma das instituições.

Através da apresentação do cartão nos estabelecimentos comerciais aderentes (que enviam a respectiva factura ao organismo emissor), o utilizador pode fazer compras até um determinado limite de crédito que lhe é fornecido pela entidade emissora, podendo pagar o montante em dívida até 25 dias depois de receber o extracto de conta.

A entidade emissora, que cobra uma comissão aos estabelecimentos aderentes e uma quota anual aos detentores de cartão, passará a cobrar juros a estes, caso não liquidem a sua dívida naquele prazo.

Os cartões emitidos pelas instituições portuguesas — que se encontram filiadas em organizações internacionais (a Interbank e a Bankamericard) — só podem ser utilizados em Portugal.

A utilização destes cartões é mais frequente nos ramos da hotelaria, viagens, restaurantes, aluguer de automóveis (ramos ligados ao turismo), tendo também grande utilização nas oúvesarias.

Dai que sejam os turistas quem mais os utiliza em Portugal na época forte do turismo.

No caso do «Cartão Sottomayor», por exemplo, 60 por cento do montante das compras efectuadas, através do cartão, nessa época, são realizadas por estrangeiros.

Ainda relativamente a este cartão, a média mensal de compras efectuadas ascende a 55 milhões de escudos.

Deputados da UEDS

vão renunciar aos mandatos

O primeiro-secretário da UEDS, Lopes Cardoso entregou ontem ao Supremo Tribunal da Justiça o processo de legalização daquele partido, com o objectivo de apresentar candidatos às próximas eleições para a Assembleia da República.

Brevemente, o antigo ministro da Agricultura e os deputados Brás Pinto e Vital Rodrigues, que também pertencem à UEDS deverão renunciar aos seus mandatos parlamentares, uma vez que foram eleitos pelas listas do PS e não poderão permanecer na Assembleia se pertencerem a

outro partido, o que não acontecia até agora porque a UEDS era uma mera associação política.

Entretanto, em entrevista ontem à noite concedida à RTP, Lopes Cardoso revelou que Otelo recusou um convite para integrar como independente as listas da UEDS, convite que foi também dirigido a outras personalidades independentes.

O líder da UEDS afirmou também que «a esquerda não é um feudo de ninguém» e que repetir um quadro parlamentar de uma «maioria teórica» seria recriar uma situação de impasse.

Abolidos os vistos

entre Portugal e a Coreia

Foram abolidos os vistos entre Portugal e a República da Coreia segundo informação veiculada pela ANOP.

O acordo nesse sentido, que ontem foi assinado em Lisboa,

entrará em vigor a 1 de Setembro, e permitirá aos naturais dos dois países que se desloquem ao outro em viagem de turismo, dispensar o «visto», quando as estadias não se prolonguem por mais de 60 dias.

NOS AÇORES

Governo Regional preocupa-se com o Norte de África

Reunido ontem em Ponta Delgada, o Governo Regional dos Açores «fez uma reflexão sobre a evolução dos últimos acontecimentos no Norte de África e possíveis reflexos, a médio e longo prazo, nas ilhas atlânticas». Estas foram as palavras com que António Lagarto, secretário regional do Trabalho e porta-voz do executivo regional, anunciou a primeira parte dos trabalhos de ontem do Governo de Alberto João Jardim, embora não tivesse precisado nem as conclusões a que os governantes chegaram, nem o interesse da discussão.

Na mesma sessão, ainda segundo o mesmo Lagarto, foram ainda consideradas «caluniosas e injuriosas» as declarações feitas na Assembleia da República durante a discussão do Programa do Governo por deputados do Partido Socialista sobre a situação nos Açores. De acordo com o Governo Regional elas obedeciam a intuítos eleitorais e não teriam eco no arquipélago.

O Governo açoriano debruçou-se ainda sobre a preparação do Plano regional para 1980, bem como sobre um ante-projecto de criação de uma sociedade de desenvolvimento regional.

Foram ainda adjudicadas algumas obras, nomeadamente a reparação do cais de Vila do Porto e a pavimentação das pistas de S. Jorge, Pico e Graciosa.

Presumível bombista libertado nos Açores

Um suspeito de implicação em atentados bombistas acaba de ser libertado por ordem do tribunal de Ponta Delgada.

Trata-se de José da Costa Patrício, chefe do cais da Junta Autónoma dos Portos de Ponta Delgada, que fora detido pela Polícia Judiciária em 22 de Maio passado.

A libertação foi esta noite confirmada por um seu familiar que, no entanto, não soube esclarecer as condições em que ela foi feita.

Um informador da P.J., por seu turno, disse desconhecer oficialmente essa libertação, acrescentando que o processo que incrimina José da Costa Patrício, depois de concluído, foi já entregue ao tribunal da comarca.

Recorde-se, que na passada sexta-feira, devido à falta de um juiz em Ponta Delgada, a Polícia Judiciária devolveu à liberdade dois indivíduos acusados duma série de assaltos, visto o tribunal estar encerrado por motivo das férias judiciais.

Lanofabril: mais 60 dias

O Governo Mota Pinto prorrogou por 60 dias o prazo estabelecido pelo decreto que desinterveio Lanofabril para a transformação daquela empresa do sector têxtil em sociedade anónima de responsabilidade limitada, em resolução do Conselho de Ministros publicada no «Diário da República» de sábado.

A resolução considera que «por motivos que lhe são alheios não foi possível à empresa cumprir o prazo estipulado».

PASSAGENS
de avião, barco
ou comboio

PREÇOS OFICIAIS - reservas na
Central de Passagens da

EUROPE

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Av. D. Carlos I, 33 - 1.º e 2.º andares - 1200-012 LISBOA

AINDA AS "HERANÇAS"

Caso da Standard motiva protestos

O despacho do ex-Governo que autorizou o despedimento de 269 trabalhadores da Standard Eléctrica motivou um comunicado do Sindicato dos Trabalhadores da Construção, Marmores e Madeiras do Distrito de Lisboa em que se alerta todos os trabalhadores e o povo português «para mais este acto criminoso».

Trata-se, segundo aquele sindicato, de um «vergonhoso despacho» da Secretaria de Estado da População e Emprego, integrada na política geral do «ex-Governo Mota Pinto, que, conforme já denunciámos anteriormente, era fiel servidor da CAP, CIP, CCT e multinacionais».

«Não satisfeito com o mal que já tinha feito aos trabalhadores e ao País, no último dia da sua existência, apesar de exonerado, prestou mais um serviço aos seus patrões — as multinacionais —, em total menosprezo pelas leis em vigor — considera aquele sindicato a propósito da medida.

N a sequência dos considerados referidos, aquela estrutura sindical «reclama do actual Governo, assim como das restantes entidades competentes, a anulação de mais este acto ilegal, assim como de todos os outros cometidos pelo ex-Governo Mota Pinto/PPD/CDS».

Os objectivos visados com esta exigência são o de que «a legalidade democrática seja um facto no nosso país, assim como o direito ao trabalho consignado

na Constituição, da República Portuguesa».

«Basta de submissão ao imperialismo e às multinacionais», acrescenta o comunicado a que nos referimos, para terminar: «Os trabalhadores, organizados em torno das suas associações de classe, saberão derrotar a reacção».

Como oportunamente noticiámos, para além da autorização de despedimento de 269 trabalhadores da Standard Eléctrica, o tinado Governo acabou por firmar um acordo protocolar que implica a cedência de um milhão de contos para a multinacional norte-americana ITT, que opera no nosso país através de diversas subsidiárias, para além da citada: Oliva Indústrias, Rabor, Sheraton, Imprimarte, etc...

SOLIDARIEDADE DOS RESINEIROS

Entretanto, também o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas e Resineiros de Coimbra se solidarizou com os trabalhadores da Standard Eléctrica abrangidos pela medida autorizada pelo ex-Governo.

Em moção agora divulgada, aquele sindicato, repudia as ameaças de despedimento e exige a revogação do despacho da Secretaria de Estado da População e Emprego.

Como é do conhecimento público, os sindicatos envolvidos no conflito já entregaram um requerimento no Supremo Tribunal Administrativo, visando essa revogação.

NO NORTE

Ferrovieiros propõem unidade

Higiene e segurança no trabalho, segurança social, saúde e assistência são alguns dos aspectos considerados prioritários na luta pela melhoria de condições de trabalho dos ferroviários do Norte que amanhã vão às urnas para eleger os novos corpos directivos do seu sindicato. Concorrem duas listas, a «A» — unitária — proposta pela actual direcção, apresenta-se sob a sigla «Por um sindicato unido e democrático, na defesa dos nossos direitos e conquistas»; e a «B», afecta à UGT, sob o lema «Por um sindicato democrático e independente em defesa de todos os trabalhadores ferroviários».

Ontem à tarde, na sede do sindicato, os proponentes da lista «A» promoveram uma conferência de imprensa para divulgar os aspectos mais significativos do programa proposto à classe.

Conforme sublinharam os elementos que integram a lista «A», a sua linha de orientação futura visa também a defesa dos direitos constitucionais e a defesa das nacionalizações.

Quanto ao trabalho interno do sindicato orientar-se-á pela «defesa de um sindicalismo de massas, formação e informação, reforço da actividade junto da federação, tempos livres e cultura, trabalho organizativo específico

junto das mulheres trabalhadoras e dos jovens».

O programa da lista «A» salienta ainda: «Hoje mais do que nunca, face aos sucessivos atrasos nos pagamentos, os ferroviários sentem absoluta necessidade de ver a sua empresa reestruturada e em situação desafiada economicamente.» Daí, o ter sido ainda afirmado que «como apontou a Conferência Nacional dos Sindicatos Ferroviários, devemos continuar lutando até vencer: pelo saneamento económico da CP, pela legalização do Plano Nacional dos Transportes, pela eliminação dos obstáculos à implantação do controlo operário».

Reformados organizam-se

Elementos representativos dos concelhos de Évora elegeram, no domingo, em plenário, a Comissão Distrital de Reformados e Pensionistas. A Comissão tem como objectivo «coordenar e orientar a acção dos organismos intermédios e de base implantados no distrito», para trabalhar junto das autarquias locais.

Durante o plenário, convocado pela USE, foi analisada a situação dos reformados tendo usado da palavra dois elementos do MURPI (Movimento Unitário de Reformados e Pensionistas) e foi aprovado um documento exigindo que o Estado tome medidas efectivas sobre a situação dos idosos, nomeadamente sobre o aumento de pensões.

PATRONATO NÃO QUER NEGOCIAR CCTV

Hotelaria prepara luta para Setembro

As entidades patronais do sector de hotelaria não compareceram a uma reunião de negociações do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical convocada pela respectiva Comissão Sindical e que estava marcada para ontem.

Face a essa posição patronal, os representantes dos trabalhadores decidiram convocar nova reunião, destinada ao início das negociações, para o próximo dia 27.

Contudo, de acordo com o comunicado que dá conta da situação, a C.N.S. vai «continuar o esclarecimento dos trabalhadores, a mobilizá-los e organizá-los para as lutas que, quase certo, vai ser necessário desencadear em Setembro».

Entretanto, os representantes dos trabalhadores da hotelaria reafirmaram «a sua disponibilidade para continuar a desenvolver todas as formas de diálogo e de negociação que levem à aplicação das novas tabelas a partir do dia 1 de Outubro».

Por outro lado, afirmaram de novo «que não permitirão a divisão dos trabalhadores, nem o protelamento das negociações».

A ausência ontem verificada do patronato na reunião oportunamente convocada foi considerada pelos sindicatos envolvidos como um ensaio de «protelamento do início das negociações», que deverá ser acrescida à «tentativa divisionista do envio isolado de uma 'contraproposta' da Associação dos Hotéis do Centro e Sul».

Além disso, considera a CNS, «para fazer face às acções de divisão e de protelamento das

associações patronais, vai ser necessário o esclarecimento, a unidade e a luta de todos os trabalhadores».

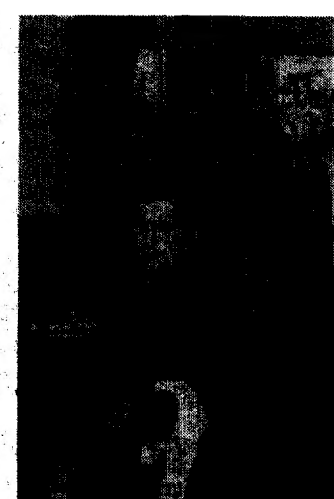
NO NORTE: VITÓRIA

A publicação, no «Boletim do Trabalho e Emprego» do dia 9, da Portaria de Regulamentação de Trabalho para os Trabalhadores da Hotelaria e Similares do Norte, foi considerada pelo Secretariado da Federação Sindical do sector como uma vitória.

A propósito, aquela estrutura exortou os trabalhadores «a reforçarem a sua organização sindical, a sua unidade, e apela à sua contínua mobilização para a luta pelos seus direitos e conquistas de Abril».

O processo conducente a esta PRT foi iniciado em 24 de Maio do ano passado, altura em que foi enviada aos representantes patronais uma proposta de CCTV. O facto de só agora ter terminado o processo ficou a dever-se «ao sistemático boicote que o patronato desta região tem feito, desde 1974, à contratação colectiva do sector, nunca comparando às negociações, e ao franco e indistigado apoio que lhe foi dado pelos últimos Governos, principalmente pelo Governo Mota Pinto/PPD/CDS».

«Ao confluente entre o patronato e o Governo souberam os traba-



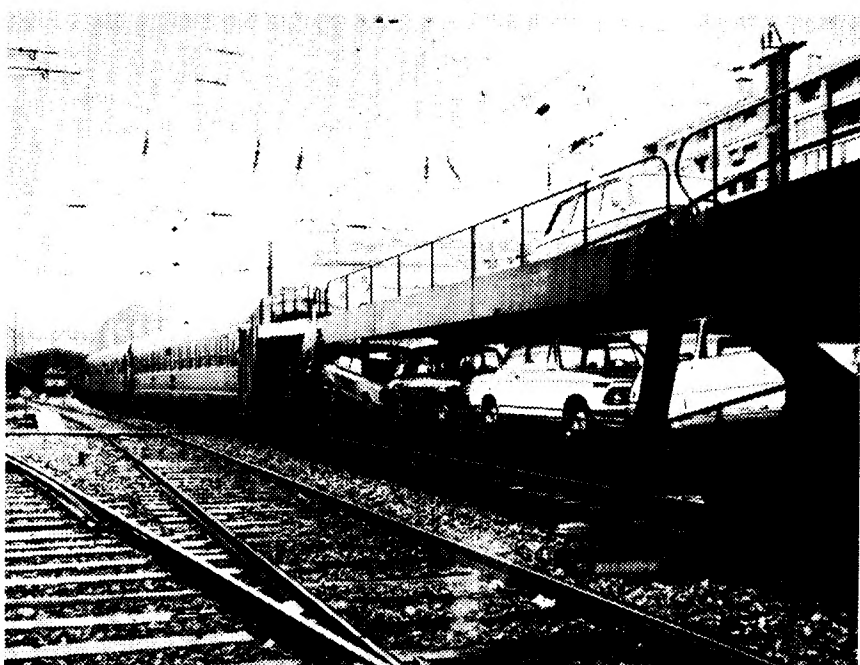
lhadores do Norte unir-se em torno dos seus sindicatos e, serenamente, avançar na luta pelas suas justíssimas reivindicações» — comenta o secretariado da Federação.

Nesse sentido, os trabalhadores desenvolveram lutas que se concretizaram em greves nos dias 23 de Março, 10 e 11 de Maio e 20 de Julho o ano corrente.

Por fim, agora trata-se de levar o patronato (com «tradicional comportamento reaccionário») a cumprir integralmente a PRT publicada.

LEVE O SEU CARRO DE COMBOIO

LISBOA ⇄ CASTELO BRANCO
Apenas por 250\$00
(comprimento inferior a 4,42 m.)



Partidas diárias

Lisboa — 20.25 Castelo Branco — 8.30

3 h 30m de viagem

 Caminhos de Ferro Portugueses

MAIOR ADESÃO NA PROVÍNCIA

Fazenda Pública ficou quase sem tesourarias

A adesão à greve dos trabalhadores das tesourarias da Fazenda Pública foi, ontem, bastante elevada, particularmente fora de Lisboa, nos termos de informações prestadas pela Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores da Função Pública.

A greve de dois dias, que, portanto, hoje termina, tinha por objectivo pressionar as instâncias governamentais competentes a reverem as condições de trabalho dos ajudantes das tesourarias «para a sua situação inadmissível e até inconstitucional».

Os dirigentes sindicais tiveram ontem uma reunião com os chefes de gabinete do ministro das

Finanças e do secretário de Estado do Tesouro, com os quais discutiram as reivindicações dos trabalhadores ou seja, em suma, «uma nova regulamentação das carreiras».

Na sequência dessa reunião, os representantes dos trabalhadores manifestaram-se satisfeitos com a forma como esta decorreu e ficou desde já assente que as negociações prosseguirão.

Para já e segundo ficou acordado, os sindicatos deverão ser convocados para novas reuniões durante a semana corrente e nelas deverão analisar os projectos da regulamentação de

carreiras já elaborados. Visa-se, com este andamento, que um acordo final esteja concluído dentro de poucas semanas.

Em alguns distritos do País a adesão, durante o dia de ontem, foi total. Entretanto, em treze dos vinte concelhos do Norte registou-se uma adesão de cem por cento. Apenas não aderiram os ajudantes de tesoureiro de Amarante, Braga, Barcelos e Esposende.

Os ajudantes de tesouraria começaram a organizar-se em 1975, altura em que foi convocada uma reunião a nível nacional, realizada na Figueira da Foz, e aprovado um caderno reivindicativo.

Automóveis: a crise é para amanhã?

Contrariamente às previsões alarmistas da época, a crise automobilística não acompanhou a da energia: depois do alerta de 1974-1975, as vendas retomaram os níveis recordes de 1973. As ameaças que, contudo, pesam sobre a indústria automóvel europeia são correspondentes ao papel essencial que ela desempenha na economia dos principais países da Comunidade (ver o quadro anexo).

Pelo lado da procura, os níveis a partir dos quais os mercados dos países desenvolvidos ficaram saturados é da ordem de alguns anos (sete) mesmo, estando a Europa, com um veículo por cada 3,5 habitantes, ainda

Actualmente, 80% da produção e 75% do consumo estão concentrados em seis países: Estados Unidos, Japão, França, Alemanha Federal, Itália e Reino Unido, mas a situação poderá mudar profundamente, nos pró-

por Michel Godet (exclusivo Le Monde/"DL")

pertar de 1985. Saberá a Europa superar este desafio e construir veículos, respeitando as novas normas americanas e resistindo, ao mesmo tempo, à concorrência dos Estados Unidos sobre o mercado europeu?

A implantação de novas fábricas de automóveis no norte da França e na Lorena, para reabsorver uma parte do desemprego, provocado pela crise da siderurgia, poderia bem ser uma

investimentos de investigação e de desenvolvimento (R.D.), visando melhorar a produtividade, os governos europeus não agravam os seus problemas de desemprego? Pelo contrário, a conservação dos empregos nestes sectores passa por uma reestruturação industrial e pelo recurso à industrialização da produção? (Os investimentos no estrangeiro garantindo os investimentos, a competitividade e

Indústrias automóveis	Efectivos	Empregos industriais	Parte do valor aumentado das indústrias manufacturadas	Exportações de bens manufacturados
França	250 000	5%	5,9%	10%
Alemanha	600 000	8%	6,9%	12,5%
Inglaterra	480 000	6,3%	5,9%	10%
Itália	200 000	4%	5,2%	10%

Empregos derivados: 1 milhão na Inglaterra; 500 000 na Itália e 1 activo em cada sete em França.

longe dos Estados Unidos (um carro por cada 1,5 habitantes). Por razões evidentes de dimensões geográficas, a Europa não atingirá nunca este «plafond».

A procura, essencialmente, de renovação será mais sensível à conjuntura e por consequência mais instável. Os novos mercados do Terceiro Mundo e dos países de Leste (um quarto do consumo mundial) serão, na realidade, plataformas insuficientes, face à procura local e fraco nível da procura solvente nestes países.

Pelo lado da oferta, a ameaça para a indústria automóvel europeia é dupla:

Em primeiro lugar, o automóvel tem necessidade de matérias-primas, de energia e de mão-de-obra barata, um número de vantagens comparativas, que se encontram fora da Europa. O risco de «deslocação» e banalização duma produção de massa é tão grave, quanto manter-se é vital competitivo. Assim, paralelamente à concentração (é necessário aumentar o volume de produção para rentabilidade investimentos), assiste-se, a uma internacionalização rápida da divisão do trabalho.

ximos dez anos, com a chegada de novos produtores dos países de Leste e do Terceiro Mundo (a Roménia já exporta os Renault 12 para a Alemanha e a produção coreana, prevista para 1979, é de 100 000 veículos). Estes «novos japões», são para preocupar: recordemos que a parte do Japão, na produção mundial passou duma percentagem insignificante de 1,4% entre 1958 e 1962 a 16% entre 1972 e 1976: é verdade que um operário japonês produz, em média, 32 veículos, por ano, ao passo que o seu homólogo francês produz 12,5% (isto explica, tudo, sem dúvida).

Em segundo lugar, não existem técnicas imutáveis e o despertar tecnológico será tanto mais brutal quanto há quarenta anos, os princípios da propulsão, da transmissão e da suspensão não variam. O automóvel de hoje está mal adaptado às sujeições de energia e ecológicas, à vida urbana e às exigências de segurança.

Os esforços de investigação são múltiplos (aerodinâmico, novos materiais, electrónica, motor diesel, etc.) e os Estados Unidos lançaram um verdadeiro desafio tecnológico para o des-

solução a curto prazo e um remédio pior do que o mal: como desabafava um patrão da indústria automóvel: «Não há milagres, os empregos que nós criamos no Norte, traduzir-se-ão, pelo menos, por uma compressão equivalente, na região parisiense. Como proceder outra maneira quando a defesa da nossa competitividade exige não só nivelamento mas a diminuição dos nossos efectivos.»

Contudo, todas as decisões responsáveis, no domínio da indústria automóvel, passam por uma reflexão prospectiva, tendo por objectivo responder, pelo menos, às seguintes perguntas:

— Deve-se esperar uma baixa substancial de empregos, na indústria automóvel, e, se sim, a que nível e com que consequências directas e indirectas sobre as actividades afins e sobre as regiões respectivas? (Em França, um trabalhador activo em cada sete trabalha directa ou indirectamente para o automóvel e, em certas regiões, esta proporção é ainda mais elevada).

— Financiando as exportações de fábricas de automóveis e os

assegurando o essencial dos lucros que permitem a sobrevivência da actividade e, por consequência o emprego na Europa).

— Quais são as acções de R.D. que devem ser desenvolvidas rapidamente, para superar os desafios tecnológicos e económicos do futuro, respeitando, ao mesmo tempo, as exigências de empregos, de rentabilidade e de economias de recurso?

Esperamos que não seja preciso esperar pela crise da indústria automóvel, para ter a coragem de responder a estas perguntas.



EUA

Taxa de redesconto gera controvérsia

A decisão do Banco Central norte-americano de elevar a taxa de redesconto de 10 para 10,5 por cento, tomada no fim da semana passada, tem gerado controvérsia nos meios económicos e financeiros do país.

Antes e após o aumento daquela taxa, os bancos comerciais fizeram subir também as suas taxas de juro para 12 por cento.

Enquanto círculos financeiros de Wall Street acolheram com agrado a decisão do novo presidente da Reserva Federal, Paul Volcker, argumentando que a restrição do crédito e da circulação monetária será um travão para a escalada inflacionista, outros operadores económicos manifestaram o seu desagrado.

Richard Marcis, director de uma instituição de crédito à habitação, afirmou que a elevação daquelas taxas fará subir os juros para quem pretende adquirir habitação.

Outro economista, Rudy Oswald, é de opinião que o encare-

cimento do crédito para qualquer ramo da actividade económica só pode contribuir para agravar a espiral inflacionista. «Desde o princípio de 1978 que a taxa de redesconto não pára de subir e a inflação não baixou, antes sofreu uma aceleração» — observou.

Para David Jones, economista da firma nova-iorquina Aubrey G. Langston Co., a acção das autoridades monetárias é positiva, «tendo em conta o excessivo crescimento da massa monetária, a inflação e a debilidade do dólar, a medida é inteiramente oportuna» — notou.

No entender deste economista, a redução do consumo e do crédito resultantes destas medidas terão como efeito, no final deste ano ou no início do próximo, uma diminuição da pressão sobre as taxas de juro, no sentido de fazê-las descer.

O Banco Central argumenta, por seu turno, que se estava a assistir a uma expansão relativamente ao mês anterior, com uma quebra de três por cento na indústria automóvel, o início de

construção de habitações diminuiu 7 por cento e a taxa de utilização da capacidade produtiva era de 85,6 por cento, tendo baixado 0,1 por cento.

Por outro lado, o Departamento de Agricultura prevê, para o ano fiscal que começa em 1 de Outubro, que as exportações agrícolas do país atinjam o nível recorde de 32 bilhões de dólares (cerca de 1.600 bilhões de escudos), correspondendo a um aumento de 17 por cento em relação ao anterior ano fiscal.

O Banco Central argumenta, por seu turno, que se estava a assistir a uma expansão relativamente ao mês anterior na indústria automóvel, o início de construção de habitações diminuiu 7 por cento e a taxa de utilização da capacidade produtiva era de 85,6 por cento, tendo baixado 0,1 por cento.

Por outro lado, o Departamento de Agricultura prevê, para o ano fiscal que começa em 1 de Outubro, que as exportações agrícolas do país atinjam o nível recorde de 32 bilhões de dólares (cerca de 1.600 bilhões de escudos), correspondendo a um aumento de 17 por cento em relação ao anterior ano fiscal.

PUB

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DAS INDUSTRIAS DE CELULOSE, PAPEL, GRÁFICA E CARTONAGEM CCTV DA IMPRENSA

PRÉ-AVISO DE GREVE

- À Associação de Imprensa Diária
- À Associação da Imprensa não-Diária
- Às Agências Noticiosas
- Ao Ministério da Comunicação Social
- Ao Ministério do Trabalho

Nos termos e para os efeitos do disposto no art.º 5.º, da Lei n.º 65/77, as organizações sindicais signatárias vêm por este meio comunicar que se realiza a nível nacional uma greve de 24 horas, no período das 8 horas do dia 23 de Agosto às 8 horas do dia 24, dos Trabalhadores abrangidos pelo CCTV para a Imprensa.

- PELA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA DOS TRABALHADORES!
- UNIDOS E ORGANIZADOS, VENCEREMOS!

- Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Cartonagem
- Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários
- Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores de Comércio
- Federação dos Sindicatos da Indústria de Hotelaria e Turismo
- Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos
- Federação Nacional dos Sindicatos de Construção Civil e Madeiras
- Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Centro
- Sindicato Nacional dos Cobradores e Profissões Similares
- Sindicato Nacional dos Técnicos de Desenho
- Sindicato dos Trabalhadores de Serviços de Portaria, Vigilância, Limpeza e Actividades Similares
- Sindicato das Indústrias Eléctricas do Norte
- Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas
- Sindicato Nacional dos Telefonistas e Ofícios Correlativos do Distrito de Lisboa
- Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações

Cimpor abandona cimentos de Moçambique?

São esperados hoje em Lisboa dois elementos do Conselho de Gerência da Companhia Portuguesa de Cimentos (Cimpor), que durante oito dias estiveram na capital moçambicana. A saída do Maputo nenhum deles pediu quaisquer declarações, atitude que parece indicar não ter sido frutuosa a sua ida a Moçambique, onde a empresa portuguesa é proprietária de três fábricas: Matola, Beira e Nacala.

Em Abril passado, durante as suas contestadas, e para alguns desastrosas, conversações com os dirigentes do Maputo, o então ministro Alvaro Barreto afirmara nesta capital que o custo de produção nestas três fábricas estava a ser superior ao estipulado por Moçambique para as vendas, tanto no interior como no exterior do país. A Companhia de

Cimentos de Moçambique, de que a Cimpor é a principal acionista, não se apresentava, assim, viável, na opinião de Alvaro Barreto, segundo o qual a empresa poderia vir a ser inter-venhada pelo Estado moçambicano.

Dias depois, a imprensa local dizia que o Governo de Moçambique desejava estabelecer contratos de assistência técnica com a Cimpor, mas que tal ainda não fora possível por falta de aprovação do Estado português.

A mesma imprensa referia que a Companhia de Cimentos de Moçambique fora votada ao abandono pelo Estado português, pelo que não se tinham ainda verificado trabalhos de manutenção dos equipamentos.

Acrescentavam então os jornais de Moçambique que o Go-

verno deste país pagará a outras empresas estrangeiras para repararem as fábricas em questão, de onde uma parte do cimento se destina à Tanzânia e a outros países.

Por outro lado, dizia ainda a imprensa local que o Estado português não fizera nenhum dos investimentos necessários ao dimensionamento das fábricas da Matola, Beira e Nacala. Por isso — prosseguia — as mesmas continuavam a funcionar com graves estrangulamentos e deficiências, o que elevava os custos da produção.

Apesar das diversas razões apresentadas, — concluiu — Moçambique não tomara ainda para a Companhia de Cimentos e para outras empresas afectas a capital português, e consideradas em situação de abandono pelos seus proprietários, «as medidas previstas na lei».

Não o teria feito ainda — dizia-se na informação moçambicana — por estarem em curso conversações com o Estado português.

Recorde-se que as mesmas conversações foram suspensas no início de Abril e, até hoje, ainda não reatadas.

A missão da Cimpor desta última semana teria vindo, pois, procurar estabelecer contactos com as autoridades moçambicanas, no sentido de esclarecer a situação quanto à Companhia de Cimentos sua subsidiária.

Não há, porém, confirmação de que tais contactos se hajam concretizado. E ainda menos de que tenham dado qualquer resultado positivo.

Apesar de défice orçamental governo francês prefere manter ritmo da economia

O governo francês, que examinará esta semana o Orçamento Geral do Estado para 1980, prefere um forte défice orçamental a um crescimento económico demasiado lento — observaram ontem, em Paris, círculos financeiros.

O governo deseja evitar a todo o custo a diminuição do crescimento económico, ainda que o défice de 1979 deva alcançar 37.000 milhões de francos (cerca de 425.000 milhões de escudos).

Segundo aquelas fontes, a opção política do governo é clara: aumentar os impostos sobre o contribuinte, mas não sobre as empresas, nem sobre os produtos petrolíferos.

Este será o orçamento das eleições presidenciais — sublinham os observadores — recordando que estas terão lugar em 1981.

O orçamento, tal como o de 1979, dará prioridade a áreas como o emprego, a defesa, o investimento públicos e a poupança de energia.

Apesar disso, prevê-se uma redução de postos de trabalho na administração pública, já que serão criados 12 mil novos empregos neste sector em 1980, contra 22 mil em 1979.

Segundo meios financeiros de Paris, o governo está a tentar, antes de tudo, evitar que a opinião pública sofra um «traumatismo», no actual clima de austeridade.

BALANÇA COMERCIAL DA GUINÉ

Primeiro trimestre de 79: o mais fraco de sempre

A balança comercial guineense acusou no primeiro trimestre do ano corrente um dos seus mais baixos índices de sempre, estimando-se que as importações apenas tenham sido cobertas por exportações numa taxa aproximada de oito por cento.

Segundo o boletim trimestral de estatística, publicado pela Direcção-Geral de Estatística e Planificação, a Guiné importou mercadorias no valor de 763.800 mil escudos, exportando em contrapartida, apenas 62.500 mil pesos guineenses, equivalentes a 82 milhões de escudos.

Este défice, já de certa maneira histórico no primeiro trimestre de cada ano, foi particularmente agravado em Janeiro, Fevereiro e Março de 1979, porque se incluiu nesse período a importação da maior parte da maquinaria destinada ao complexo agro-industrial do Cumere, que deverá arrancar em Janeiro do próximo ano e está em fase avançada de montagem. Esta maquinaria foi comprada na Itália.

Os três primeiros meses de cada ano caracterizam-se, também, por reduzida exportação de produtos agrícolas, já que nesse período a mancarra (amendoim), principal produto de exportação, está na fase de descasque,

iniciando-se a exportação a partir de Maio. De qualquer modo, e segundo estimativas recentes, a comercialização da mancarra deverá ficar bastante longe do esperado.

Muitos camponeses, especialmente na fronteira norte, vão vender a sua produção ao Senegal e à Gâmbia, onde mais facilmente podem adquirir bens de consumo.

Mais de 70 por cento das exportações no trimestre referido são constituídas por peixe e mariscos.

Portugal exportou para a Guiné, durante o período considerado, 23,8 por cento do total dos produtos comprados no exterior e importou 21,8 por cento dos bens vendidos por Bisau. Continua a ser, de longe, o principal cliente do comércio guineense.

Em 1977, a Guiné importou bens no valor de 260 milhões de escudos, exportando 95 milhões. Em 1978 as exportações atingiram os 37,5 milhões de escudos, enquanto as importações somaram 453 milhões.

As doações de países amigos e instituições internacionais cifram-se, durante os três primeiros meses do ano, em pouco mais de uma centena de milhões de escudos.

Taxa de inflação inglesa já bate recorde

A taxa de inflação britânica atingiu uma subida mensal recorde em Julho com 4,3 por cento, colocando a taxa anual em 15,6 por cento — revela o mais recente relatório governamental sobre o índice de preços a retalho.

O documento — divulgado a semana passada — refere que grande parte deste aumento foi provocado pela subida do imposto sobre o Valor Acrescentado (VAT), incluída no primeiro orçamento do governo conservador.

A Inglaterra anunciava ontem um lucro de 100 milhões de libras no seu comércio de Julho com o resto do mundo, resultante de «invisíveis» como a navegação e os seguros.

No mês passado, as importações desceram e as exportações subiram em cerca de 3,6 bilhões de libras. Contudo, os números, inesperadamente favoráveis, apontam-se num sombrio pano de fundo económico.

Os indícios de que a Inglaterra

se encaminha para a recessão provocaram a descida das cotações das acções na Bolsa de Londres antes de terem sido anunciadas as estatísticas. A Confederação da Indústria britânica declarou que as encomendas diminuíram e, numa previsão mais pessimista, a Câmara de Comércio de Londres declarou que a indústria britânica «enfrenta 12 meses difíceis». As medidas da senhora Thatcher para apertar o crédito, medida monetária com vista a conter a inflação, estão a transformar-se num colete de forças para a economia — acrescentou a Câmara de Comércio.

Apesar das estatísticas ontem anunciadas, a Inglaterra tem tido este ano um défice de 1,8 bilhões de libras na balança de pagamentos. A crescente contribuição do petróleo do Mar do Norte para a economia britânica encobre a deterioração do comércio da Inglaterra noutros produtos, que até agora causaram um défice de 2,2 bilhões de libras.

PREÇOS AO CONSUMIDOR EM JULHO

Assistência médica aumentou mas o vinho desceu de preço

Os preços no consumidor aumentaram 0,4% no mês de Julho em relação ao mês anterior e 22,7% relativamente a Julho do ano passado, segundo anunciou o Instituto Nacional de Estatística.

Para este aumento mensal contribuíram especialmente as rubricas «Vestuário e calçado», que foi de 0,7%, situando-se a seguir as classes «Diversos» (0,4%), «Alimentação e bebidas» (0,3) e «Despesas de habitação» (0,3).

A carne de porco e as frutas frescas ou congeladas foram dois dos produtos, onde os aumentos foram mais sensíveis, respectivamente, 6,6 e 7,4%. A carne de vaca subiu 2% e os legumes, 2,7%.

As bebidas alcoólicas sofreram uma descida de preço calculada em 4,4%, explicada somente pela diminuição de preço do vinho.

Por outro lado, relativamente a Junho de 1978, a classe que

apresenta maior variação é a de «Alimentação e bebidas» (30,1%), seguida de «Vestuário e calçado» (23), «Diversos» (10,9) e «Despesas da habitação» (6,5).

ASSISTÊNCIA MÉDICA

A assistência médica aumentou 3,1%, no mês de Julho, comparativamente com o mês anterior, revela ainda o INE. De facto, quer as consultas quer os medicamentos, para não referir já o internamento, sofreram um aumento substancial. Não há, por exemplo, uma regulamentação de preços para as consultas na medicina privada.

De tudo isto, conclui-se que tudo aumentou em Julho... menos o vinho. O «copo de três» que custava 7500 já desceu para 6500. A colheita deste ano prevê-se excepcionalmente boa. Muitos portugueses vão tirar «a barriga de miséria» dos anos anteriores.

Reforçado (escassamente)

o orçamento da segurança social

O «Diário da República» inseriu o decreto-lei que põe em execução o orçamento da segurança social para o ano corrente.

O diploma, ainda da responsabilidade do Governo Mota Pinto, apenas permite os aumentos de 250\$00 nos actuais valores das pensões sociais e dos rurais, com retroactivos a partir de um de Junho e uma dotação de 250 mil contos para subsídios com vista à frequência de estabelecimentos de reeducação pedagógica, superior em cerca de 160 mil contos à verba despendida em 1978.

Diz-se no Decreto-Lei em causa — o 304/79 — que «além das verbas que representam responsabilidades já anteriormente assumidas pelo Orçamento Geral do Estado, não é possível, em 1979, obter do OGE qualquer outro reforço para o orçamento global da segurança social, situação que necessariamente se traduz na inviabilidade de alterações significativas no esquema de prestações do sector, não obstante se prever, de 1978 para 1979, um aumento global de contribuições da ordem dos 9,2 milhões de contos».

CARTA DE BISSAU

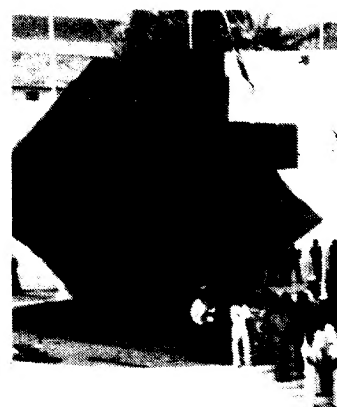
Festa e luto no regresso dos heróis

Os restos mortais de Domingos Ramos, Osvaldo Vieira e Pansau na Isna, três dos principais chefes guerrilheiros caídos durante a luta armada na Guiné-Bissau, repousam desde o dia 3 de Agosto na capital guineense ao lado de Amílcar Cabral e Francisco Mendes, no mausoléu do forte militar da Amura.

O regresso à pátria destes combatentes da liberdade (como são aqui chamados os participantes na luta de libertação nacional) foi integrado nas comemorações do 3 de Agosto, XX aniversário do massacre de 50 marinheiros em greve no cais do Pídiguiti e base da decisão para a passagem à luta armada como meio único eficaz de reivindicação da independência.

As cerimónias da trasladação e a inauguração do monumento aos mártires do colonialismo (um punho crispado, em ardósia negra, erguido sobre o cais e as instalações portuárias) culminaram uma semana de festa e luto na Guiné-Bissau e Cabo Verde.

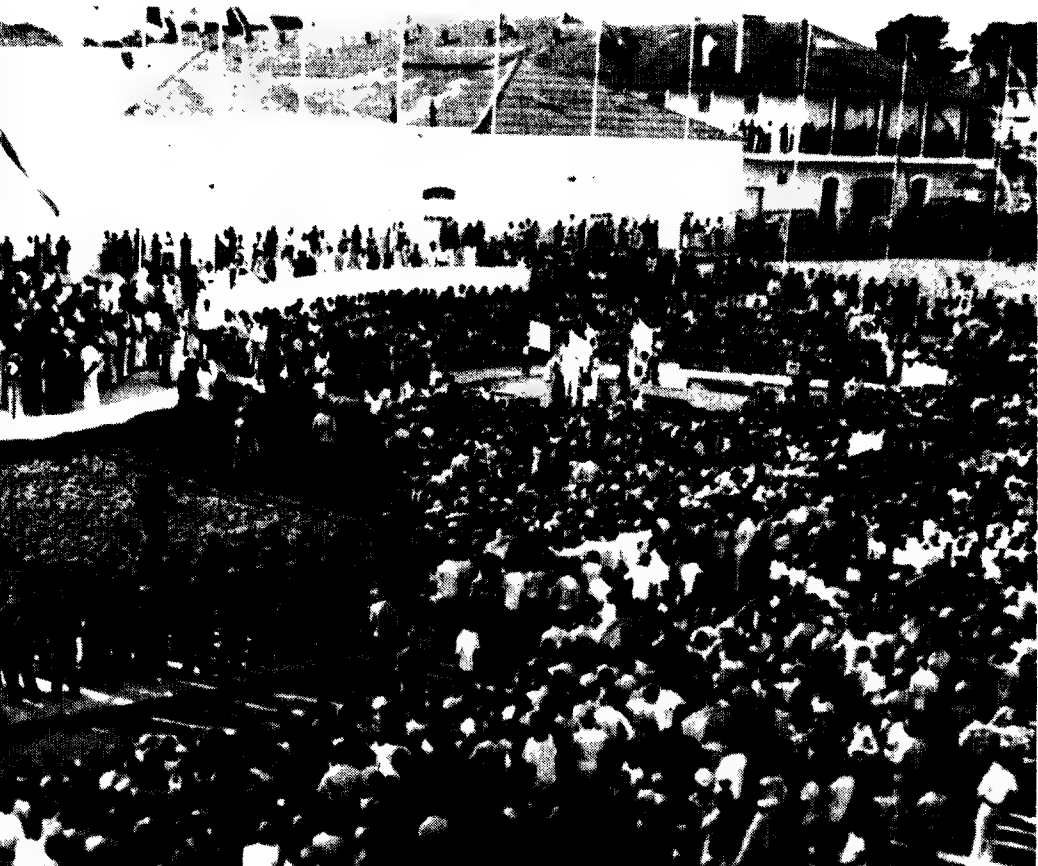
Domingos Ramos era comandante-chefe da Frente Leste e ocupou os mais altos cargos do PAIGC, sendo membro do «bureau» político



Luís Cabral abraçando uma familiar de Domingos Ramos



O sarcófago de Domingos Ramos nos braços do comissário político e do chefe da Região Militar



Quem esperava os mortos da guerra de libertação



Nino, o guerrilheiro, chorou copiosamente

quando morreu, em 1966, num dos muitos ataques a Madina do Boé. Atingido no peito por um estilhaço de óbus foi transportado de urgência para o Hospital de Boké, na Guiné-Konakry onde chegou já sem vida. Osvaldo Vieira era também comandante na Frente Norte e na Frente Leste. Foi ferido e ficou bastante doente, vindo a falecer, pouco tempo antes do 25 de Abril. O seu corpo encontrara sepultura em Cundara, cidade de fronteira na República da Guiné.

Pansau na Isna tinha co-



Aristides Pereira e Luís Cabral na pausa solene

meçado a guerra na ilha de Como, no Sul, onde nascera filho de camponeses balantas. Subiu rapidamente no Partido. Combateu, praticamente, em todo o território nacional, para vir morrer às portas de Bissau num ataque ao posto emissor de Nhaccra. Não chegara a conhecer a capital do país pelo qual deu a sua vida e onde repousa agora para sempre.

A população de Bissau viveu as horas do regresso em estado de choque, visível, nomeadamente, quando as pequenas urnas chegaram à

sede do PAIGC, onde as aguardavam os familiares e a direcção do Partido. Muita gente se emocionou até às lágrimas, até os mais batidos comandantes de guerra.

Nino, por exemplo (foto). O grande chefe guerrilheiro, esse, chorava convulsivamente, antes os restos mortais dos que combateram a seu lado e que com ele traçaram os planos de guerra para abrir as portas da paz e do futuro. Soltas as duras lágrimas que as noites e os dias, os sóis e as luas de longas caminhadas com o povo em movi-

mento tinham acumulado.

Viram também estes meus olhos repletos do sol da África o que é uma guarda de honra feita por velhos soldados do mato para receber os seus comandantes tombados no fragor da fuzilada: os braços tensos, as mãos fechadas, duramente, sobre a culatra da «Kalash», o suor escorrendo nas faces negras, ao cair da tarde, o olhar perdido no tempo e na distância (quem sabe se voltando às emboscadas nas lalas e bolanhas do seu país) e as lágrimas secas, como nós, na gargante.

As urnas contendo os restos mortais foram transportadas ao longo da Avenida Amílcar Cabral em carros de combate, por entre alas de uma multidão silenciosa e depois levadas em braços para o mausoléu pelos membros do Estado-Maior das FARP (Forças Armadas Revolucionárias do Povo). A frente, o pequeno sarcófago de Domingos Ramos, nos braços de Juliinho Carvalho, comissário político das FARP, e Abdulay Bary, chefe da Região Militar de Bissau (foto).

Foram dias de festa, pelo regresso dos heróis, e de luto, pela sua perda. Mas para



O
IMENSO
ADEUS
RAYMOND
CHANDLER

© — Livros do Brasil/College Trustees

— Mas porque fecharam a porta?

O Wade estava meio a dormir e eu não queria que se fizesse barulho. E quem quiz fechar a porta foi ela. Nunca pensei que fosse assim tão importante.

— Quanto tempo se demorou você lá dentro do quarto?

— Não sei ao certo. Talvez três minutos.

— E eu digo que você esteve lá umas quantas horas — disse o Hernandez friamente. — Estou a ser suficientemente claro?

Eu olhei para o Ohls. O Ohls não olhou para ninguém. Como de costume chupava um cigarro apagado.

— O senhor foi mal informado, capitão.

Vamos ver. Depois de sair do quarto foi para o escritório e passou a noite no sofá. Talvez seja mais exacto se disser o resto da noite.

— Faltavam dez minutos para as onze quando ele me telefonou. E já passava bastante das duas quando eu entrei pela última vez no escritório. Se quiser pode chamar-lhe o resto da noite.

Mandem entrar o criado.

O Ohls saiu e entrou com o Candy. Sentaram o Candy e o Hernandez fez-lhe umas perguntas preliminares de identificação.

Depois disse:

Ora bem, Candy, depois de ter ajudado o Marlowe a deitar o Roger Wade o que aconteceu?

Eu já sabia o que ia seguir-se. O Candy contou a sua história em voz baixa, raivosa e sem grande sotaque. Dava a impressão que era qualquer coisa que ele podia ligar e desligar quando quisesse. O que ele disse foi que tinha ficado pelo rés-do-chão para o caso de ser preciso. Por vezes na cozinha e por vezes na sala de estar. Quando estava na sala de estar tinha visto a Eileen Wade de pé à porta do quarto enquanto se despiu. Que a tinha visto pôr um robe sobre o corpo nu e que me tinha visto a mim entrar no quarto dela, fechar a porta e ficar lá dentro muito tempo, talvez

231

Sabe
como
entrar
em contacto
com
a
Comissão
Nacional
de Eleições?

Comissão Nacional de Eleições
Rua Augusta, n.º 27, 1.º Dto.
Lisboa 1100
telefones:
360480 360489

Daniel Reis



Livros do Brasil-College Trustees

O Petersen acendeu o cigarro com um fósforo de cozinha. Para ele nada de isqueiros.

Disse boa noite e saiu, acompanhado por um tipo de olhos escuros e duros que devia ser o seu guarda-costas. Quando desapareceu, o capitão Hernandez dirigiu-se para a secretária e sentou-se na enorme cadeira do sheriff. O Ohls sentou-se num dos cantos da secretária, com um ar de quem se está a divertir.

Vamos então a falar, Marlowe — disse o Hernandez com um ar despachado.

O que se passa para não me fotografarem?

Você ouviu o que o sheriff disse.

Pois ouvi, mas porquê?

O Ohls riu-se.

Você sabe muito bem porquê.

Por eu ser alto, moreno e bem parecido e terem medo que alguém se apaixone por mim?

Deixe-se de fitas — disse o Hernandez friamente. — Vamos começar pelo princípio.

Eu comecei: contei a minha entrevista com o Howard Spencer, o meu encontro com a Eileen Wade, ela ter-me pedido para encontrar o Roger; eu tê-lo encontrado, ela ter-me pedido para ir viver com eles, o que o Wade me pediu para fazer e como o encontrei inconsciente junto do muro do jardim, e todo o resto. O estenógrafo foi escrevendo tudo o que eu dizia. Ninguém me interrompeu. E só disse a verdade. Se por acaso faltou alguma coisa era cá comigo.

Muito bem — disse o Hernandez quando acabei. — Mas está incompleto. — O tipo era perigoso, competente e calmo, mas perigoso. Alguém tinha de o ser. — Na noite em que o Wade disparou a pistola quando estava no quarto, você entrou no quarto da sr.^a Wade e demorou-se algum tempo. A porta esteve sempre fechada. Que estava o senhor a fazer lá?

Ela chamou-me para me perguntar o estado do marido.

232

EM CACILHAS...

DAS 10.00 ÀS 19.00
ATÉ 31 DE AGOSTO
PODERÁ VER O QUE NUNCA VIU, NA
CASA ESTRELA
Rua Cândido dos Reis, 60-A



LINGUACOOP

AVENIDA MANUEL DA MAIA, 46, 1.º DT.
(a Praça de Londres) — Telef. 88 14 98 — LISBOA

CURSOS DE FÉRIAS
INGLÊS • FRANCÊS • ALEMÃO
PORTUGUÊS • ESPANHOL

— PEQUENOS GRUPOS
— PROFESSORES DA NACIONALIDADE
FAÇA JÁ A MARCAÇÃO
ORGANIZAMOS TAMBÉM GRUPOS
PARA PREPARAÇÃO DE EXAMES

Os portadores deste anúncio beneficiarão do desconto de 50% na inscrição

AMÉRICA

COSTA RICA

Confrontos entre guardas e grevistas

Reina um clima de crise na Costa Rica, onde ficaram feridas a tiro mais de cinquenta pessoas em Limon, principal porto do país na costa atlântica, no decurso de violentos confrontos entre guardas e grevistas.

Ao mesmo tempo a crise assumia dimensão internacional quando o Governo costarriquenho anunciou a expulsão de dois diplomatas da Embaixada soviética em São José, a pretexto de serem «agitadores internacionais» que põem em «perigo o regime democrático da Costa Rica».

Os dois diplomatas, o primeiro-secretário Iuri Chernish e o adido cultural Alexander Mordeovets foram intimados a deixar o país até ao meio-dia de hoje.

As perturbações ocorridas em Limon surpreenderam pela sua violência. Com efeito a Costa Rica é um país de dois milhões de habitantes com tradições democráticas que não tem exército e que é considerado um oásis de paz numa América Central sacudida pela violência. Para os jornais de São José, os acontecimentos de Limon representam uma escalada das forças de esquerda encorajadas pelo triunfo da Frente Sandinista na Nicarágua.

A crise começou com uma simples greve desencadeada há oito dias por cerca de sete mil trabalhadores de Limon, entre os quais, empregados da refinaria de petróleo, dos caminhos-de-ferro e dos hospitais, que reclama-

mam aumentos salariais de 47 dólares mensais e melhoria das suas condições de trabalho.

O movimento, contudo, ameaçava paralisar a economia do país. Devido à greve na refinaria, a gasolina tornava-se cada vez mais escassa na capital e outras cidades do país. A Guarda Civil, pela sua parte, teve de carregar ela própria nos navios a banana que ameaçava apodrecer.

No fim-de-semana surgiram os tumultos com o seu cenário habitual — barricadas, explosões de molotovs, ataques e contra-ataques das forças da ordem. Balanço, pelo menos 50 feridos a tiro, dezenas de prisões.

Carter no Mississippi...

James Carter está cansado. Perdeu peso e ele próprio reconhece que não dorme. O seu rosto cavou-se enquanto tenta ressuscitar a sua presidência.

Oficialmente de férias — em cruzeiro no Mississippi — está de pé a todas as horas, chegando ao ponto de fazer o seu discurso «ladainha» de campanha eleitoral duas a três vezes por noite em todas as comportas onde aguardam curiosos e simpatizantes.

A bordo do «Delta Queen» este navio «herói» dos romances de Mark Twain, o presidente americano tenta ser simples cidadão. Os assuntos de conversa com os 145 passageiros são evidentemente as férias, a pesca, o tempo trovejante, as barcaças que sobem o rio. A política que vá para o diabo...

O presidente compila as suas memórias. Todas os dias dita algumas passagens. E surpreen-

dente o vulto que tem — assegura ele.

O teor das suas comunicações telefónicas com os chefes de Estado estrangeiros, «Begin, Giscard d'Estaing, por exemplo, é, diz ele, anotado por um secretário que as ouve e toma notas. Mas «não há gravações» sublinha Carter. O escândalo de Watergate baniu por muito tempo as fitas magnéticas da Casa Branca...

EUROPA

Herri Batassuna contra "Estatuto de Autonomia"

A coligação basca Herri Batassuna, ligada à ETA militar, rejeita «de forma plena e absoluta, sem nenhuma voz discordante e com todas as suas forças, o Estatuto de Autonomia», aprovado há semanas no Congresso, afirmou aos jornalistas o deputado Telesforo Monzon.

A conferência de imprensa convocada ontem para anunciar a decisão formal da coligação basca, assistiram, além dos principais dirigentes dos partidos que integram Herri Batassuna, os três deputados eleitos, mas que só levantaram as credenciais nunca tendo comparecido nos trabalhos do Parlamento.

Monzon considera que o Estatuto a que chama «da Moncloa» e «burla ao povo basco» «não recolhe os requisitos mínimos necessários para a reconstrução nacional de Euzkadi».

Herri Batassuna — disse — re-

comenda a abstenção no referendo e propõe-se valonzar qualquer outra fórmula de rejeição.

Os dirigentes de Herri Batassuna já tinham indicado que não aceitariam o Estatuto de Autonomia que terá que ser referendado pelo povo, possivelmente em finais de Outubro, mas agora anunciaram a decisão oficial da coligação.

Telesforo Monzon, uma das figuras históricas do nacionalismo basco agora integrado na sua expressão mais radical, diz que no estatuto não existe nenhuma palavra que reconheça a soberania de Euzkadi, coluna central do nacionalismo basco.

DEDUÇÃO FISCAL "REVOLUCIONÁRIA"

Os industriais do País Basco espanhol estão a criar um verda-

deiro caso de consciência ao Ministério das Finanças espanhol, ao deduzirem o «Imposto Revolucionário» pago à organização separatista basca ETA da sua declaração de impostos normal.

Os industriais, como justificação do pagamento do «Imposto Revolucionário», mandaram ao Ministério das Finanças a carta da ETA que lhes reclama o pagamento daquele imposto extraordinário.

Há já vários anos que a ETA ameaça com represálias os principais industriais bascos se estes não pagarem um tal imposto. Os dinheiros recebidos pela ETA totalizam várias dezenas de milhões de pesetas, segundo se pensa nos meios bascos.

Mitterrand propõe relançamento da "União da Esquerda"

François Mitterrand, primeiro secretário do Partido Socialista Francês, lançou ontem um apelo a favor do restabelecimento da União da Esquerda e tentou colocar-se no campo dos seus parceiros comunistas propondo «acções de base».

Mitterrand advogou a constituição de uma «esquerda de salvação pública» com raiz nas lutas sociais. Para lá chegar, porém, ao contrário do que se es-

perava, em vez de propor uma reunião cimeira entre os dirigentes dos partidos de esquerda, e os sindicatos operários, Mitterrand, avançou com a ideia de «discussões bilaterais».

Mitterrand procura deste modo criar um clima de «consciência colectiva» com o objectivo de meter o PCF entre a esquerda e a parede. O primeiro secretário do PSF sugeriu, assim, que a luta política incida primeiro

na defesa do poder de compra, da segurança social e das liberdades. «Se querem a união das bases — declarou ele, — não só aceitamos como propomos».

Resta saber se os militantes do PCF vão aceitar a proposta e se esta luta comum das bases poderá servir de catalisador aos estados-maiores para um relançamento da união da esquerda a ano e meio das eleições presidenciais.

Reforma Agrária avança na Nicarágua

Quase um mês depois da tomada do poder pelos sandinistas, a Reforma Agrária, uma das tarefas mais importantes do novo regime nicaraguense, está a progredir rapidamente.

As propriedades da família Somoza e das personalidades ligadas ao antigo regime (as únicas a serem abrangidas pela Reforma Agrária) estão a ser reorganizadas em cooperativas ou em unidades de produção do Estado.

As autoridades consideram que dentro de um ano metade das terras terão sido entregues aos camponeses para serem geridas por eles.

Na euforia da vitória, terras que não deveriam ser abrangidas pela Reforma Agrária foram ocupadas por camponeses, principalmente na região de Leon, (90 quilómetros a norte de Managua), tendo o material agrícola sido também confiscado. As autoridades hesitam ainda em obrigar os camponeses a restituir as terras aos seus legítimos proprietários.

«A nossa filosofia é evitar a parcelização. As propriedades mais vastas e mais modernas serão unidades de produção do Estado, sob o nosso controlo directo, enquanto que as outras serão transformadas em herdades colectivas a que forneceremos uma assistência técnica», afirmou um encarregado da reforma agrária em Leon.

CIÊNCIA

Começou a Conferência sobre Ciência e Tecnologia

A Conferência das Nações Unidas sobre Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento (UNCSTD) começou ontem em Viena com a participação de 130 países, incluindo Portugal.

A Conferência tem por principal objectivo eliminar a dependência tecnológica do Terceiro Mundo em relação às sociedades industrializadas do Ocidente, através de uma drástica redução das diferenças existentes no campo tecnológico entre os países ricos e as nações em desenvolvimento.

O secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, inaugurou a reunião com votos de que «ela mostre que a ciência e a tecnologia podem unir os países industrializados e em desenvolvimento na causa comum do futuro do mundo como um todo».

«As verdadeiras divisões no mundo não são entre Norte e Sul ou Leste e Oeste, mas entre os que defendem a manutenção passiva do 'statu quo', prejudicial a todos e os que são a favor do dinamismo, das mudanças e das inovações» — afirmou Waldheim.

Chefiadas pelo Grupo dos 77, do Terceiro Mundo, a maioria dos delegados exige uma justa colaboração internacional nos campos científico e tecnológico, bem como financiamentos e medidas especiais para os países em desenvolvimento.

Os países industrializados já fizeram saber que não concordam com muitas das propostas apresentadas pelo Grupo dos 77, incluindo a entrega de 2 mil milhões de dólares por ano até 1985 e 4 mil milhões em 1990 para o desenvolvimento tecnológico do Terceiro Mundo.

ASIA

IRÃO

Encerrada a sede do Partido Comunista

As autoridades iranianas fecharam a sede do Partido Tudeh (Comunista).

As portas da sede principal do partido, perto da Universidade de Teerão, foram encerradas hoje, sendo apostos selos na entrada. Fontes afectas ao partido disseram que um contingente de 20 guardas revolucionários islâmicos ocupou o edifício, ontem, à noite.

A medida seguiu-se à proibição, ontem, de dois dos jornais do partido pelo acusador revolucionário de Teerão.

Militantes do partido tinham antes levado todos os documentos da sede, receando a medida, após o discurso proferido, no fim da semana, pelo «ayatollah» Ruhollah Khomeiny, no qual afirmou ser a favor de um Estado de um só partido.

O Tudeh foi proibido oficialmente pelo xá, em 1949, mas surgiu imediatamente depois da deposição da monarquia, em Fevereiro último, quando a sua chefia voltou do exílio.

O partido seguiu uma política firmemente pró-Khomeiny, desde uma remodelação de emergência nas suas cúpulas, poucas semanas antes da revolução, e ofereceu, repetidas vezes, ao clero muçulmano, que ocupa o poder, uma aliança.

O Tudeh alegou que era um partido do político legal, após a revolução, devido a considerar ilegítima a proibição pelo xá das suas actividades. Contudo, o Governo revolucionário nunca reconheceu oficialmente a sua existência.

Nada se sabia hoje acerca do paradeiro do secretário-geral do

Tudeh, Nur-E-Din Kianouri, e dos outros dirigentes do partido.

Fontes afectas ao Tudeh anunciaram ontem que as cúpulas tinham efectuado uma reunião para resolver se entrariam novamente na clandestinidade, a seguir à série de ataques contra secções do partido em todo o país feitos por militantes islâmicos.

O «ayatollah» Khomeiny, que, nos últimos meses, tem afirmado considerar comunistas todos os que se opõem à República Islâmica, desencadeou, após as recentes eleições, uma campanha contra a esquerda incluída numa tentativa para eliminar toda a oposição.

Entretanto, nove militantes do Partido Democrático (PDC) proibido no Irão, foram hoje passados pelas armas na cidade

fronteira de Paveh, no Oeste do país, cenário de recentes recontros sangrentos entre tropas governamentais e guerrilheiros curdos, segundo informou a rádio nacional.

O jornal de Teerão «Do Clero Islâmico», porta-voz do clero muçulmano que ocupa o poder, informou que mais cinco homens acusados de participarem na luta em Paveh foram executados, ao alvorecer de hoje, na cidade próxima de Kermanshah. Os fuzilamentos elevam para 25 o número das pessoas executadas, desde que forças governamentais retomaram a cidade, no domingo passado.

Por outro lado, reina hoje a calma no Curdistão, segundo o Governo iraniano. Mas para este, a questão curda continua por resolver, tendo contudo for-

necido a ocasião ao exército para fazer a sua reentrada em cena, desde a revolução.

O exército está presente no Curdistão, por ordem do «ayatollah» Khomeiny. Há agora unidades blindadas em Paveh. Foram mandados para-quedistas para Sanandaj, onde a situação era calma hoje. Finalmente, no Sul do Curdistão, assim como no Norte, as divisões que lá se encontram foram reforçadas.

JORNAIS DE ESQUERDA SILENCIOSOS

Foi proibida a circulação de 19 jornais e periódicos de Teerão, incluindo quatro de esquerda, anunciou hoje um comunicado do procurador da Justiça Islâmica da capital iraniana, o «ayatollah» Ahmad Azeri Qomi. São eles o «Mardom» (as massas), órgão oficial do Partido Comunista Tudeh, o «Tufan» (A Tempestade), do Partido Maoísta, o «Khalq» (O Povo), do Partido Socialista Operário, e o «Skar» (O Trabalho), dos Fedayine-Khalq (Marxistas-Leninistas).

As outras quinze publicações já tinham deixado de sair a semana passada. Nestas condições, os partidos de esquerda não dispõem actualmente de qualquer órgão de imprensa.

O comunicado justifica estas proibições pela «necessidade de se pôr termo às provocações culposas e à difusão de jornais que ultrapassem os limites permitidos de artigos susceptíveis de perturbarem a ordem pública e de tomentarem manobras contra o Governo da República Islâmica».

De harmonia com as instruções do procurador os «Guardas da Revolução» (milícias do regime islâmico) devem «embargar as instalações desses jornais e periódicos, evacuar o pessoal e dar voz de prisão àqueles que resistirem a essa ordem».



Impasse na Índia

Com a demissão de Charan Singh (em cima) abre-se nova crise política na Índia. O presidente Sankar Reddy (ao centro) só tem duas alternativas: ou convidar o dirigente direitista, Jagjivan Ram (em baixo) a formar novo Governo ou promover eleições intercalares. O primeiro-ministro demissionário convidou o Presidente a dissolver o Parlamento e a convocar nova consulta. Por sua vez, Ran, dirigente do maior agrupamento direitista do país (e que dispõe de 80 lugares na Câmara Baixa) acha que poderá constituir um governo estável.

MÉDIO ORIENTE

Negros americanos ao lado da OLP

Como reacção ao caso Andrew Young, os dirigentes negros americanos decidiram encetar na segunda-feira uma ofensiva política no sentido de aproximar os Estados Unidos do Médio Oriente, promovendo encontros espectaculares com representantes da Organização de Libertação da Palestina (OLP).

O almoço que um grupo de personalidades negras, conduzido pelo reverendo Joseph Lowery, presidente da Conferência dos Dirigentes Cristãos do Sul (Southern Christian Leadership Conference) teve em Nova Iorque com Zehdi Labib Terzi, observador da OLP nas Nações Unidas, constituiu até hoje a nota mais espectacular da simpatia crescente da América negra pela causa palestina.

Logo após o almoço, Lowery proclamou o apoio da sua organização — uma das mais influentes do mundo negro americano — aos direitos dos palestinos, «inclusive o direito à autodeterminação, implicando, entre

outros, a sua pátria».

Este grupo de negros encontrar-se-á hoje com Andrew Young.

Entretanto, o Governo americano já anunciou publicamente que oporá o seu veto no Conselho de Segurança da ONU, que se reúne na quinta-feira, a qualquer projecto de resolução, mencionando o direito dos palestinos a um Estado independente.

A desavença que o caso Young provoca entre negros e judeus americanos, que sempre foram solidários na defesa dos direitos civis, é mais uma preocupação para o presidente Carter na perspectiva das eleições de 1980. Estas duas minorias étnicas, com efeito, constituem, tradicionalmente uma parte da clientela democrata. Alguns dirigentes negros, já declararam que certos candidatos republicanos à presidência pareciam estar menos submissos do que o presidente Carter aos interesses de Israel.

ATAQUE ISRAELITA

Aviões e artilharia israelitas bombardearam ontem o Sul do Líbano e cerca de 50 soldados israelitas avançaram até às imediações de uma aldeia que se encontra sob o controlo das Nações Unidas.

Rádio Beirute disse que os aviões atacaram uma zona costeira em Ras El-Ain, a poucos quilómetros ao sul do porto de Tiro. Segundo fontes hospitalares, ficaram feridas pelo menos cinco pessoas.

GREVE DA FOME

Cerca de 60 membros de partidos progressistas egípcios, presos na sequência das «reformas» levadas a cabo pelo presidente Sadat, que condenou à ilegalidade os partidos de esquerda, encontram-se em greve de fome desde sábado.

Entretanto, o matutino «Al Ah-

ram» insere uma entrevista com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Butros Ghali, em que este afirma que Israel «está a criar dificuldades para a abertura das fronteiras entre os dois países».

Por último, Butros Ghali, avistou-se no Cairo com um enviado norte-remenita, assinando o primeiro contacto oficial entre o Egipto e qualquer dos países árabes que cortaram os laços devido ao tratado de paz com Israel.

AMNISTIA

O presidente norte-remenita, Ali Abdallah Saleh, proclamou na segunda-feira, uma amnistia geral para os presos políticos do país, incluindo os condenados à morte, anunciou, SABA, Agência Noticiosa da República Árabe do Iémen do Norte.

A SABA acrescenta que o presidente Saleh ordenou a libertação de vários detidos e o arquivamento dos seus processos.

AFRICA

Reunião sobre o Sará proposta pela Espanha

Numa declaração publicada na segunda-feira pelo jornal «Le Monde», o ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol, Marcelino Oreja, declara que o seu país está na disposição de «permitir que as partes envolvidas (na questão do Sara Ocidental) se reúnam em Madrid desde que a Espanha não continue a ser considerada potência administrante do Sara Ocidental, o qual, acrescentou, «continua a ser, como sempre o foi, um território internacional, preconizando o governo de Madrid um referendo que permita à sua população autodeterminar-se».

Definindo a posição da Espanha relativamente à frente Polisário, Oreja declarou que esta «é certamente uma parte representativa do povo saariano. Esta Frente é reconhecida pela Espanha como única e legítima representante do povo saariano em luta. «Insisto, na expressão em luta» — frisou.

EMBORA COM RESERVAS Frente Patriótica vai a Londres

O dirigente nacionalista negro Joshua Nkomo anunciou ontem em Lusaka que a Frente Patriótica aceitou o convite britânico para participar na conferência de Londres, embora não considere a Grã-Bretanha como a única autoridade constitucional no Zimbabwe-Rodésia.

Em conferência de imprensa realizada na capital da Zâmbia, após as suas conversações com Robert Mugabe em Dares-Salam, Nkomo afirmou que embora ambos devam participar na conferência, a Frente Patriótica continua a duvidar do êxito da mesma.

«Em virtude da guerra, a Grã-Bretanha deixou de poder ser considerada como a única autoridade constitucional na Rodésia. Controlamos actualmente grandes zonas do país e a Grã-Bretanha perdeu a sua autoridade exclusiva. Tal responsabilidade deverá ser agora partilhada connosco» — declarou Nkomo.

Conforme comunicado distribuído em Maputo ao fim do dia de

ontem com as assinaturas dos dois líderes da Frente, Roberto Mugabe (ZANU) e Joshua Nkomo (ZAPU), esta rejeita tanto a proposta orgânica constitucional, «que tem por base a constituição ilegal do acordo interno», como a proposta de cessar-fogo «injustificadamente feita».

A guerra — diz o comunicado — continuará, pois, até se alcançar o objectivo da libertação.

Ao aceitar o convite britânico, a Frente sublinhou todavia que pretende apenas com isso negociar uma solução do conflito rodésiano.

O comunicado final das conversações de Dares-Salam diz

Conferência em Adis Abeba

Uma conferência, que estará o papel das multinacionais em África, os recursos naturais do continente e o desenvolvimento da indústria africana, foi inaugurada ontem em Adis Abeba, revelou a Rádio etíope. A Rádio numa emissão cap-

ta em Nairobi, ontem, à noite, disse que a Conferência na Sala de África, em Adis Abeba, fora organizada conjuntamente pelo Conselho de Pesquisas Socio-Económicas para África e o Departamento de Treino e Pesquisas das Nações Unidas.

que a Grã-Bretanha tem cedido às exigências dos colonos, e que a Frente Patriótica se tornou ao longo dos anos, o factor decisivo da descolonização.

O documento acrescenta que a Frente se considera o único, legítimo e autêntico representante do povo do Zimbabwe, sem o qual nenhuma solução poderá ter êxito.

Mugabe e Nkomo pedem o desmantelamento do actual regime rodésiano e a sua substituição por «um governo verdadeiramente democrático, sob cujo controlo as forças de libertação se transformem no exército popular».

ONDE O RISO É A ARMA

TEATRO ABERTO

Grupo 4

APRESENTA

O CHÁ dos GERAIS

de **BORIS VIAN**

ENCENAÇÃO DE RUI MENDES

NOITES DE SEMANA, ÀS 21.30

SÁBADOS, ÀS 18 E ÀS 22 HORAS

DOMINGOS, ÀS 16 HORAS

ESP. NÃO ACONS. A MENORES 13 ANOS

Subsídio da S.E.C.

A CULTURA QUE VEIO DE LONGE

"Os Rurais" do Alentejo triunfam na Jugoslávia



O Folclore alentejano acaba, uma vez mais, de merecer além-fronteiras, a consagração que lhe é justamente devida, através do triunfo de um dos seus grupos corais, na 14.ª edição do Festival Internacional do Folclore de Zagreb, na Jugoslávia. Escolhido para, em conjunto com os representantes da URSS, RFA e Bangla Desh, tomar parte no final do festival,

que teve lugar no Palácio dos Concertos de Zagreb, o grupo coral e etnográfico «Os Rurais», de Figueira de Cavaleiros, viria, segundo refere o «Diário do Alentejo», que se publica em Beja, não apenas a repetir a «proeza» de outro grupo alentejano («Os Trabalhadores» de Ferreira do Alentejo) que, há sete anos, actuou com grande êxito no mesmo certame, como

ainda, e não obstante o maior relevo dado à edição deste ano e à maior qualidade patenteada, alcançar a elogiosa distinção do grupo de «maior valor etnográfico e folclórico» do festival.

A sua actuação no final do festival mereceria do presidente do certame elogiosas considerações, designadamente: «O grupo português é um autêntico e verdadeiro grupo de folclore; o

traje com que se apresentou é o mais autêntico possível, as canções executadas são de um conteúdo cultural impressionante; todas elas nos dão uma verdadeira imagem do trabalho que os seus componentes executam e nos revelam um povo profundamente possuidor de uma cultura que vem muito de longe; o grupo coral de Portugal é verdadeiramente um potencial de força criadora do povo rural.»

No final do certame, que mais uma vez veio demonstrar a dinâmica e a originalidade do folclore alentejano, apesar das tentativas de ostracismo e de marginalização empreendidas pelo fascismo, o director-orientador do grupo de Figueira de Cavaleiros foi convidado para o festival de 1980, podendo levar consigo um grupo alentejano à sua escolha.

M.G.

"Rock" não chega aos condores

Ainda não é desta que a poluição sonora afectará os condores, já que a eventualidade de as ruínas incas de Sacsaihuman servirem de cenário para um festival mundial de música rock foi posta de parte pelo presidente do Instituto de Cultura Andina, Ernesto More.

«Não creio que as autoridades permitam a realização de um festival de tal natureza nas imediações de Machu Pichu», disse More. Com efeito, em Sacsaihuman, grande esplanada situada a três quilómetros de Cuzco, encontra-se a mole gigantesca de um templo da época do esplendor inca, onde outrora se realizaram cerimónias religiosas caracterizadas precisa-

mente pelo silêncio de que se revestiam, apesar de nelas participarem milhares de pessoas.

O «músico» Tom Coster, do Grupo Santana da Califórnia, percorreu a zona de helicóptero em busca do melhor lugar para reunir um milhão de fanáticos da música rock. Coster, que devia estar com uma grande «pedrada», não deve ter avaliado em toda a dimensão as consequências de uma tal escolha. Na verdade, se a sua ideia, como afirmou, era realizar outro festival no estilo de Woodstock, celebrado em 1968, com a assistência de milhares de «hippies», arriscava-se a ver sumir-se pelos fundos abismos do local a maioria da rapaziada.



NA BULGÁRIA

Crianças de 80 países na Assembleia Internacional "Bandeira da Paz"

Está a decorrer em Sófia, na Bulgária, e prolongar-se-á até ao próximo dia 25, a Assembleia Internacional da Criança «Bandeira da Paz», com a participação de 80 países dos cinco continentes, representados por 970 crianças.

URSS, RDA, Checoslováquia, Polónia, Hungria, Mongólia, assim como os países vizinhos da Bulgária (Turquia, Grécia, Chipre e Roménia) constituem os grupos mais numerosos, mas o Japão, com 82 crianças, não lhes ficou atrás. Os EUA enviaram 30 crianças, a Grã-Bretanha 15, a França 22, a Espanha 14, a Itália 20, a Holanda 14, a Suíça 10, a Áustria 15, a RFA 9, Berlim Ocidental 10, Suécia 5, etc. As crianças da Índia, Shri Lanka, Angola, Gana, Guiné Equatorial, Nigéria, Palestina, Argélia, Síria, Tunísia, assim como as de outros países da Ásia e da África mandaram os seus representantes à Assembleia, participando com cerca de 3 mil desenhos, 6 mil poesias e contos e 80 obras musicais.

As crianças búlgaras preparam-se também com emoção para a Assembleia Internacional da Criança, concorrendo

com coros, grupos de teatro, dança e ópera, nos quais tomam parte mais de 10 mil crianças.

Na exposição nacional, organizada em nome da Assembleia, os futuros pintores apresentam

10.600 quadros, 770 escritores vindouros lerão algumas das suas obras literárias e 880 pequenos músicos e compositores participarão nos concertos de gala.

CO-PRODUÇÃO LUSO-BRASILEIRA

"O Doutor Judeu"

Com a filmagem de «O Doutor Judeu» vai iniciar-se dentro em breve o que poderá vir a ser uma «importante cooperação cinematográfica luso-brasileira», afirma o cineasta brasileiro Alberto Cavalcanti, realizador do filme, em declarações prestadas, no Rio de Janeiro, ao «Jornal do Brasil».

«O Doutor Judeu» baseia-se na história da vida do dramaturgo António José da Silva cujas áspers críticas à sociedade portuguesa da época o levaram à fogueira da Inquisição em 1739.

O filme terá como cenários naturais, locais representativos do barroco português, nomeadamente em Lisboa e Mafra, bem como o Teatro de Santo André,

em São Paulo, onde serão filmados fragmentos de peças de António José da Silva.

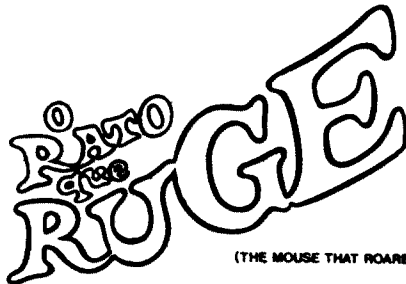
Portugal e o Brasil entram com 30 e 70 por cento respectivamente na produção do filme, sendo o lado português representado pelo Instituto Português de Cinema. A película tem um orçamento calculado em 10 milhões de cruzeiros, ou seja 20 mil contos.

PETER SELLERS - O ACTOR QUE TEM O HÁBITO DE SE DESDOBRAR



CARL FOREMAN apresenta

JEAN SEBERG



A COMÉDIA QUE PROVOCA RUGIDOS DE GARGALHADAS!

Prod. WALTER SHENSON - Real. JACK ARNOLD EASTMANCOLOR

AMANHÃ ÀS 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h



NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS



OLIVER REED
KAREN BLACK

FÉRIAS
MACABRAS



BURGESS MEREDITH • EILEEN HECKART
LEE MONTGOMERY • DUB TAYLOR
BETTE DAVIS NO PAPEL DE ELIZABETH

Não acons. a men de 18 anos
REAL. DAN CURTIS
TECHNICOLOR

EM 3.ª SEMANA



Canal da Crítica

Alice Vieira e Alexandra mais cooperação do que luta

MÁRIO CASTRIM

«Aquilo no tempo do Nixon, lá pela América, não foi mesmo brincadeira nenhuma!» pensará um telespectador ao menos capaz de compreender que aquele boçal «americano a sério» que dá pelo nome de Monckton não é outro senão o famigerado presidente dos Estados Unidos.

Esse e tantos outros como ele foram desde sempre educados na mentira ianque, composta de várias mentiras: a sua liberdade, a sua justiça, a sua democracia, etc., etc. Se lhes disserem que há milhões de famílias a viver abaixo do índice de sobrevivência, dificilmente acreditarão, pois a imagem fornecida pela televisão e pelo cinema é a de um país onde todos nadam na fartura e no bem-estar. Selhes contasse aquilo que vê nos «Batidores de Washington» não acreditariam. E, no entanto, factos como aquele enxameiam todos os Estados Unidos e não apenas a sua capital. E, no entanto, aqueles «batidores» deixaram há muito de o ser.

«Pois sim — dirão os traumiados — mas ao menos há a liberdade de denunciar publicamente...»

Bom. O que aconteceu é que duas forças, com suas clientelas e seus interesses próprios lutam pela Casa Branca. Mas, para além de diferenças pontuais, quer os democratas, quer os republicanos, defendem a mesma estrutura essencial da socie-

dade. O que não os impede, dadas as contradições de base, de lutarem encarnadamente pelo poleiro — e aí fazem valer a sua imprensa, a sua televisão, a sua engrenagem. Aqui, vale tudo. São os interesses de grupo que estão na base da denúncia da Lockheed, da campanha contra os Douglas-10, do escândalo Watergate, etc., etc. Lá se vão descobrindo a careca uns aos outros...

Exemplo da «liberdade» de informação tivemos-lo ontem quando se tratou de avaliar o peso da manifestação contra a escalada da guerra no Vietname. Alguns falavam em 500 mil manifestantes, as informações providas dos helicópteros diziam que nunca seriam menos de 300 mil. Nixon, aliás, Mockton para o seu secretário: «Digam às agências noticiosas que baixem as estimativas. Não estiveram aqui mais de 150 mil...»

Como se vê, total a liberdade das agências...

Depois, as brutalidades, as prisões, a violação das protecções legais mais elementares. Enfim, os «direitos humanos», não é verdade...

Do nosso país também se falou ontem. Da droga e dos seus avanços, por exemplo. Ficaram a saber — aqueles que o não sabem já — que o nosso país se transformou em encruzilhada importante no circuito comercial da droga, a nível mundial. Já agora podiam dizer-nos mais al-

guma coisa sobre os mecanismos montados para a sua repressão. Com sinais evidentes de não serem muito eficazes e isto se prova com dois exemplos tirados da televisão, ontem.

Um, aquele depoimento do drogado que se iniciou no Algarve, em clima de franca facilidade. Outro, o depoimento da Junta de Freguesia do Canibelo, no Porto, que se referia à acção nefasta do turismo, particularmente no que diz respeito à propagação da droga.

Certo, o problema da droga não se resolve apenas com a repressão dos traficantes; mas também não se resolve sem essa repressão. Esperemos os resultados do trabalho de cerca de mil especialistas na matéria. Têm pela frente uma tarefa ardua...

A rubrica «Gente Crescida» pôs frente a frente um jornalista, Alice Vieira, e uma estudante, Alexandra, de 14 anos. Emissão com um ritmo impressionante que só perto do fim, por evidente cansaço, conheceu uma certa quebra.

Mais do que falar de si, Alice Vieira procurou, através das mais variadas sugestões que a sua interlocutora desse de si própria o retrato mais completo possível. O método resultou. Através da marcha incessante das perguntas e das respostas, tivemos mais do que o retrato de uma adolescente: tivemos o retrato de uma certa adolescência.

Por outro lado, Alice Vieira não se esqueceu de que se tratava de um programa de TV e não de uma conversa privada. Daqui a sua preocupação em levantar problemas de ordem económica, moral e cultural que pudessem interessar outros milhares de telespectadores. Alguns problemas assumiam mesmo um carácter prático e imediatista: por que não a organização de uma biblioteca nos Olivais, para servir toda a população? Seria uma forma de lutar contra a carestia dos livros, que, de facto, não favorece a cultura.

Quanto à Alexandra, o melhor elogio que se lhe pode fazer é que não deixou nenhuma pergunta sem resposta, que se não furtou a uma total sinceridade, que recusou toda a hipocrisia toda a sofisticação e até aquela estudada fantasia com que, muitas vezes, os adolescentes levam os adultos à certa. Deu-se totalmente ao jogo — e quando isto acontece e quando acontece uma inteligência, uma sensibilidade e uma autodemagogia como as de Alice Vieira, o jogo resulta sempre.

BARCO

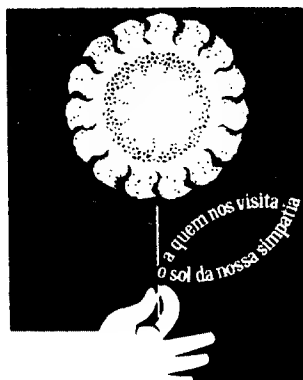
Vende-se, com motor Mercury, 50 H.P. e atrelado, estado novo. Telefone 773829.

PART-TIME

2 horas

6000\$00

Firma inglesa vai admitir de imediato 4 pessoas com mais de 18 anos para preenchimento dos seus quadros. Os candidatos deverão dirigir-se pessoalmente às 16 horas do dia 22 à Rua Duque de Palmela 30-5.º-B



ANTÓNIO MONTEIRO

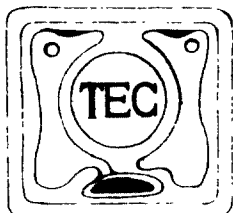
Encarrega-se de todos os trabalhos de pintura, limpezas de prédios e outros serviços que dizem respeito a esta arte.

R. João Batista Ribeiro, 8-A, r/C, Dt.º — Bairro do Charquinho - Benfica

Telef. 707024 (residência)

Bairro Social do Arco Cego — R. Xavier Cordeiro (A Praça de Londres) (emprego)

ESTREIA HOJE



TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS apresenta no

Picadeiro do Cruzeiro
Monte Estoril
De 3.º a domingo
às 21.45

"A MÃE"
OU COMÉDIA
REPUGNANTE
DO
"FILHO
DA MÃE"
DE
WITKIEWICZ
encenação de
CARLOS AVILEZ

Hoje



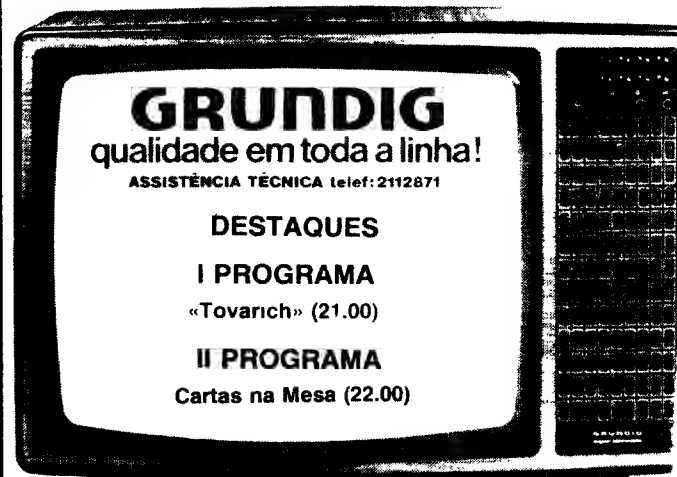
Claudette Colbert numa cena de «Tovarich»

I PROGRAMA

18.30 «Rei Artur»
19.00 País, País
19.30 Música, Maestro — com Paco Bandeira.
20.00 Jornal RTP/1
20.30 Manuel e Beatriz
20.35 Documentário
20.55 O Tempo
21.00 A Comédia e a Vida — «Tovarich».
22.40 24 Horas
22.55 Fecho

II PROGRAMA

20.32 «Ana Karenina» — 2.º episódio.
21.30 Informação/2
22.00 Cartas na Mesa
23.00 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

18.30: «Chapeu de Covo e Nargudo»; 19.00: País, País; 19.30: Recital de Música Portuguesa — pela pianista Manuela Gouveia; 20.00: Jornal RTP/1; 20.30: Manuel e Beatriz; 20.35: O Tempo; 20.40: Jogos sem Fronteiras; 22.10: «Serpico» — 3.º episódio «Serbian Connection»; 22.55: 24 Horas; 23.05: Fecho.

II PROGRAMA

21.30: Informação/2; 22.00: Concerto Promenade; 23.00: Fecho.

Caminhos de Ferro
Portugueses — E. P.

SERVIÇO COMPLEMENTAR RODOVIÁRIO

ALBUFEIRA-QUARTEIRA

Para as suas viagens de e para o Algarve, tem agora à sua disposição na estação de Albufeira, em ligação aos principais comboios, um serviço rodoviário servindo Albufeira (vila), Olhos de Água, Açotins, Vilamoura e Quarteira.

Consulte as estações de Lisboa — Terreiro do Paço, Barreiro e Albufeira.

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA FARRACHA

V FESTIVAL DE MÚSICA DA COSTA DO ESTORIL

Organização da JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO ESTORIL com a colaboração da:

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA,
DIRECÇÃO-GERAL DO TURISMO,
CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS, FUNDAÇÃO CULBENKIAN
e ESTORIL SOL, S.A.R.L.



IGREJA DOS SALESIANOS

4.ª-Feira, 22 Agosto

ESTORIL 21.30

KEI KOITO

órgão

FRANCISCO TANECO

trompete

Obras de: ALAIN, VIVIANI, MUFFAT, TORRELLI, KREBF, D'AQUIN e JANACEK

PAVILHÃO DOS CONGRESSOS

6.ª-Feira, 24 Agosto

ESTORIL

21.30 H

TANIA ACHOT

piano

BACH — 14 prelúdios e fugas

Preço 80\$00 — 50% de desconto para estudantes e sócios da JMP, APEM, OJS, INATEL e Sindicatos da Indústria Hoteleira. Bilhetes à venda na Junta de Turismo da Costa do Estoril.

Paço de Arcos: 58 anos

O Clube Desportivo de Paço de Arcos, colectividade do maior prestígio, que nasceu da fusão do Paço de Arcos Sports Clube, Desportivo Académico de Paço de Arcos e Paço de Arcos Hóquei Clube, começa hoje a comemorar o 58.º aniversário da sua fundação.

Sob o lema «Amizade primeiro, competição depois», o CD Paço de Arcos é uma colectividade que procura (no campo desportivo e cultural) servir o país.

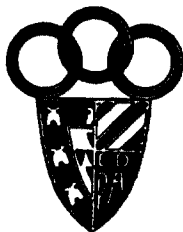
Em 21 de Agosto de 1921, (completam-se hoje 58 anos) nasceu o Futebol Clube de Paço de Arcos, que, fundindo-se com o SL Paço de Arcos, dá lugar ao Paço de Arcos Sport Clube, seguindo-se depois a nova fusão de colectividões que viria a dar lugar ao CD Paço de Arcos em 21 de Agosto de 1944. O dia do mês é aquele em que nasceu o CD Paço de Arcos, mas o ano registado como efeméride é o de 1921.

No programa comemorativo elaborado pela direcção, destacam-se hoje as seguintes cerimónias: lançamento de foguetes, iluminação do exterior das instalações sociais e hastear da bandeira com a presença da fanfara dos Bombeiros de Paço de Arcos, às 17 e 30; e sessão solene, no salão nobre da sede, às 21 horas, com en-

trega de emblemas de prata aos associados com 25 anos de filiação.

O programa comemorativo prossegue até ao dia 22 de Setembro, da seguinte forma:

Dia 25: Inauguração das Jornadas Nauticas «Patrão Lopes», às 11 horas, e inauguração da Exposição de Divulgação Filatélica «Paço de Arcos 79», no salão nobre da sede, às 17.



Dia 26: Pesca desportiva em barco, com chegada prevista para as 17 horas; romagem de saudade ao cemitério de Oeiras, por intenção dos atletas, dirigentes e sócios-filéis (concentração no largo do cemitério, às 10); vela — continuação das jornadas nauticas «Patrão Lopes», às 11; e filatelia, continuação da exposição, das 15 às 24.

Dia 27: Sessão infantil, no Cinema Chaplin, com entrada gratuita, às 15 e 30; e continuação da exposição de filatelia, das 15 às 24.

Dia 1 de Setembro: Corrida

de «cocos» do Cais do Salva-Vidas até ao Centro Náutico, às 11.

Dia 2: Corrida de natação entre Caxias e Paço de Arcos, para nadadores federados; e do Cais do Salva-Vidas até ao Centro Náutico, dependendo da maré à hora da partida.

Dia 7: Inauguração da retrospectiva do «CDPA dos Primeiros 50 Anos da Sua Existência» (1921-1970), no salão nobre da sede, às 21 e 30.

Dia 15: Torneio Quadrangular de Andebol, no pavilhão, às 21 e 30, com patinagem artística no intervalo.

Dia 16: Torneio Quadrangular de Andebol, no pavilhão, às 21 e 30.

Dia 18: Torneio Quadrangular de Hóquei em Patins, às 21 e 30, no pavilhão.

Dia 21: Sessão cultural de cinema, no salão nobre, com filmes sobre desporto, saúde pública e segurança.

Dia 22: Festival de encerramento das comemorações, no pavilhão desportivo; às 21 e 30: desfile representativo do eclectismo do clube; entrega de faixas e medalhas aos atletas campeões durante a época de 1978/79; entrega de troféus conquistados pelo clube durante o último ano; convívio entre todos os participantes para encerramento do 58.º aniversário.



Joaquim de Sousa Santos: vedeta da jovem guarda

Jorge Lara: "não há ciclistas em número suficiente"

Preparação a mais ou falta de treino da maioria dos homens que, bicicleta montada, se apresentaram em Espinho, para uma Volta a Portugal que registou uma das mais altas percentagens de desistências do seu histórico?

Jorge Lara, director da corrida, diz-nos:

— Não vou nessa, de saturação dos ciclistas após um ano de muitos grandes prémios e de possibilidade de rodagem muito doseada. Será porque esta «Volta» largou logo com etapas de montanha?

O problema do traçado insere-se em tema vasto. Porque uma corrida quase só viajando pelo Norte?

— Uma «Volta» custa cerca de 5000 contos. Logo, é obrigatório acautelar despesas e pensar em receitas. Houve terras que completamente se desinteressaram da «Volta»: casos de Lisboa e Porto. Outras (tantas!) nem sequer com um postal responderam ao nosso convite. O Norte (esse, sim) acorreu em massa: ainda hoje poderíamos andar por lá, tantas as boas vontades que a comissão executiva da «Volta» encontrou.

Não podemos levar uma chegada a qualquer terra por menos de 120/150 contos. Fizemos uma única excepção: Ourique, que somente deu 80 contos mas nos evitou uma neutralização entre Évora e o Algarve.

Ainda dentro do campo das intempéries (e abundantes) desistências, Jorge Lara explica:

— A verdade é que não há ciclistas em número válido para uma «Volta». Antes da corrida, houve equipas que quase exigiram que aumentássemos o quantitativo de cada formação: pois houve casos (Lousa, Sangalhos, Manique e Campinense) que nem sequer conseguiram contratar no mercado de trabalho elementos para completarem o lote de sete permitido regulamentarmente...

Jorge Lara esta no ciclismo desde o início da década de 50, quando, como vogal da direcção do seu clube (Académico do Porto) orientou o saudoso Ribeiro da Silva, vedeta de uma formação que também contava com Joaquim Carvalho e Agostinho Ferreira. Mais tarde, foi escolhido para o Conselho Técnico da Federação. Pertenceu a vários elencos federativos, teve como tarefa escolher diversas representações nacionais, viajou bastante com o ciclismo e, desde 1974, ao lado de Idalino de Freitas e António Fernandes, tem organizado comercialmente a «Volta».

— Da primeira vez, precisamente 1974, colocámos em jogo 2500 contos e tivemos como saldo positivo 20 contos...

Este ano, a DGD concedeu um aval de 800 contos à organização. Será preciso mexer nele?

— Seria a primeira vez...

Heath comenta desastre naval

O antigo primeiro-ministro britânico Edward Heath formula, no «Daily Telegraph», uma série de recomendações a propósito do drama da colisão do «Fastnet», que se saldou a semana passada, em 15 mortos.

Heath, que concluiu a prova ao leme do seu iate «Morning Cloud», começa por pedir que seja encurtado o período que vai da elaboração do boletim meteorológico à sua transmissão na rádio. Sugere (ainda) que essas transmissões sejam mais frequentes, sobretudo na altura das regatas, para além de incluírem previsões a mais longo prazo. Preconiza (também) que, antes das provas, os concorrentes sejam convocados para um «briefing» colectivo sobre as perspectivas meteorológicas.

O antigo primeiro-ministro considera, por outro lado, que todos os veleiros deveriam estar equipados (como sucede na Austrália) com radio receptores-emissores. Pensa, igualmente, que todos os concorrentes deveriam ser obrigados a assinalar regularmente a sua posição sob pena de desqualificação.

— É urgente uma concepção totalmente nova da construção dos barcos de salvamento e respectivo equipamento», escreve Heath. A concluir, o antigo primeiro-ministro solicita a criação de «um organismo independente dos desenhadores e construtores» de veleiros, encarregados de fiscalizar a resistência dos barcos.



Avis "Rent a Car": o máximo em segurança

Excelente comportamento teve o «Morris Marina» que a Avis Rent-a-Car colocou à disposição do nosso jornal para a cobertura da Volta a Portugal em Bicicleta. O nosso carro que transportou o redactor Neves de Sousa e, em grande parte da corrida, o pai de Marco Chagas (na imagem) foi magnificamente conduzido por um «volante» altamente experimentado nestas andanças (Adolfo Rodrigues) velho companheiro de muitas «Voltas», sem o mais pequeno lapso em muitas dezenas de milhares de quilómetros cumpridos na estrada. A segurança em pessoa completou a segurança em automóvel

MOVIMENTAÇÃO NA GUARDA

A Associação de Desportos da Guarda organiza, de 3 a 17 de Novembro, um torneio de abertura de basquetebol, para a categoria de iniciados masculinos.

Equipas representativas das Casas do Povo de Figueira de Castelo Rodrigo, Freixo de Numão, Tasém, da Juventude Desportiva e Cultural da Guarda e da Escola Preparatória de Gouveia participam nesta competição.

O torneio serve de apuramento para a selecção que irá representar o distrito num encontro regional entre Guarda, Castelo Branco e Viseu.

Entretanto, equipas de Gouveia, Guarda e de Fornos de Algodres vão disputar, de 20 de Outubro a 24 de Novembro, um torneio de abertura na categoria de juvenis masculinos.

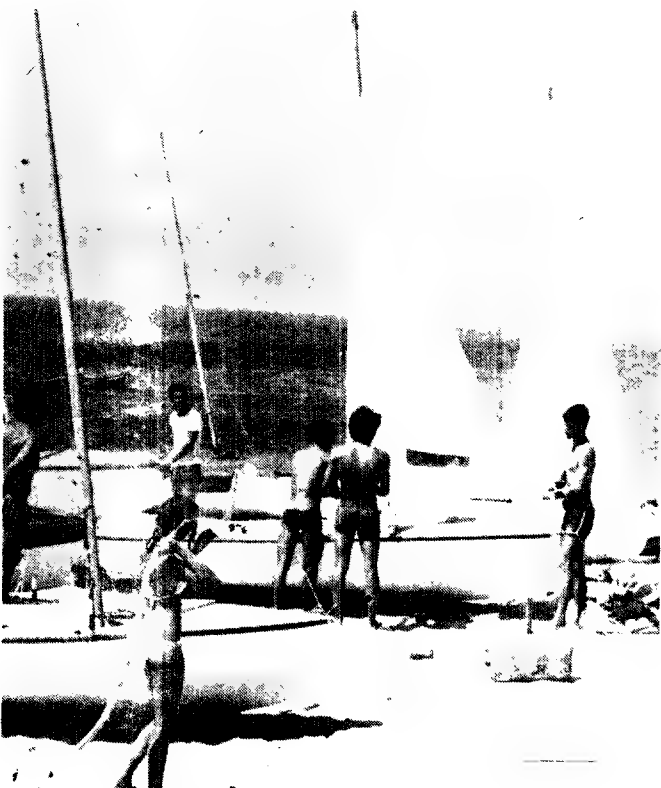
Uma comissão de juizes e árbitros de basquetebol do distrito da Guarda vai ser criada em breve, a fim de promover iniciati-

vas que ultrapassem as carências de árbitros da modalidade no distrito.

Alfredo Cordeiro, responsável técnico de basquetebol na Associação de Desportos da Guarda disse à ANOP que há necessidade de as autarquias locais apoiarem a modalidade para que resultados positivos sejam alcançados.

O basquetebol começou a ser praticado com maior entusiasmo neste distrito a partir de 1976, após a realização de uma acção de sensibilização promovida pela delegação na Guarda da D.G.D.

O facto de o clube «Os Beirões» (de Fornos de Algodres) ir disputar na próxima época o campeonato nacional da 3.ª divisão (zona norte) motivou que Alfredo Cordeiro o afirmasse que há necessidade material e de apoio.



O melhor da vela é sobre a areia

MODALIDADES

CICLISMO

Com a presença de 24 ciclistas, em representação das Associações de Ponta Delgada, Hora e Angra do Heroísmo, de uma equipa do continente e (ainda) dois individuais, disputou-se a III Volta à Ilha de S. Miguel. Saiu vencedor João Fernando, que representava a Associação de Desportos de Angra do Heroísmo, após boa luta com o seu colega de equipa Francisco Mendes e o micalense Fernando Ventura.

De salientar a boa presença dos «Veteranos da Dimope», todos chegados ao fim da prova e em lugares de bastante destaque, se atendermos às idades dos seus adversários.

Classificações finais: 1.º João Fernando (Adah), 8 h.20 m.50 s.; 2.º Francisco Mendes (Adah) 8.21.17; 3.º Fernando Ventura (Adpd) 8.21.22; 4.º José Carlos Costa (Adpd) 8.24.14; 5.º Bessa Gomes (Dimope) 8.24.25; 6.º António Matias (Dimope) 8.24.38; 7.º Ivo Correia (Adh) 8.25.15; 8.º José Pedro Botelho (Adh) 8.26.57; 9.º Fernando Carvalho (Dimope) 8.34.13; 10.º José Alberto (Adah) 8.36.25; 11.º José Manuel Patrício (Adpd) 8.36.26; 12.º Fernando Gomes (Dimope) 8.42.58; 13.º Arnaldo Pelevo (Dimope) 8.44.34; 14.º Augusto Rodrigues (Adah) 8.57.30; 15.º João Massa (Adpd) 8.53.50; 16.º Carlos Simão (Adpd) 8.54.46; 17.º José Santos (Adh) 9.07.48; 18.º José Monteiro (Adh) 9.20.25; 19.º David Câmara (Adah) 9.47.26; 20.º Oliveiros Oliveira (individual) 10.21.44.

Classificação geral, por equipas: 1.º Adpd 25 h. 12 m. 10 s.; 2.º Adah 25.18.32; 3.º Dimope 25.19.08; 4.º Adh 26.52.48.

Classificação geral da montanha: 1.º Fernando Ventura (Adpd) 43 pontos; 2.º Bessa Gomes (Dimope) 35; 3.º José Carlos Costa (Adpd) 34; 4.º Francisco Mendes (Adah) 23; 5.º Ivo Correia (Adh) 9; 6.º João Fernando (Adah) 8; 7.º José Manuel Patrício (Adpd) 5; 8.º Fernando Gomes (Dimope) 2; 9.º José Alberto (Adah) 1.

Os Campeonatos do Mundo de Ciclismo principiarão este ano pelas provas de estrada, que serão disputadas na região de Valkenburg, no sul do Limburgo (este dos Países Baixos), de 22 a 26 do corrente. Quanto às provas de pista, de 28 a 2 de Setembro, desenrolar-se-ão no velódromo de Amsterdão.

O programa das competições em estrada é o seguinte: amanhã, 100 km contra-relógio por equipas amadoras; sábado: Campeonato do Mundo de Estrada, senhoras (64 km) às 10.00 horas locais (11.00 TMG) em Valkenburg, depois do Campeonato do Mundo de Estrada (amadores 178.8 km) também em Valkenburg; domingo: Campeonato do Mundo de Estrada profissionais (274.8 kms) a partir das 10.00 horas (11.00 TMG) em Valkenburg.

O italiano Giuseppe Saronni venceu ao «sprint» a corrida ciclistica «Três Vales», um dos últimos testes antes do Campeonato do Mundo, a realizar na Holanda. Saronni derrotou sobre a linha de chegada o seu compatriota Perino Gavazzi, para vencer a corrida de 211 quilómetros no tempo de quatro horas e 55.25 minutos, à média de 42.854 quilómetros por hora. Nos lugares imediatos ficaram o belga Roger de Vlaeminck e os italianos Giuseppe Martinelli e Francesco Moser, todos com o mesmo tempo do vencedor.

A República Popular da China foi admitida como membro da Federação Internacional de Ciclismo Amador (FICA). O ingresso da RPC na FICA consumou-se no congresso realizado em Maestricht, devido a recomendações do Comité Olímpico Internacional.

Peres Bandeira: "evolução histórica" pesa no futebol português

O futebol português ficou no 14.º lugar (com 17 mil pontos), na classificação geral, ao fim de cinco tempos, das. Na 1.ª posição figura a RFA (52.617 pontos), a Holanda (39.200), Bélgica (38.300), Inglaterra (38.144) e Espanha (35.800). O último lugar é ocupado pelo Luxemburgo (1.666 pontos).

ROTEIRO CULTURAL

O teatro amador continua vivo: integrado nas suas jornadas do Centro Cultural do Alto Minho de Vila do Castelo, de que já deu notícia, e que se vai a partir de amanhã, a GTA de Viana do Castelo estreia no próximo dia 21 e 45, «Com Duas Pedras Na Mão». Peça premiada no último concurso de peças organizado pelo Teatro Universitário do Porto, o texto e a música são de Orlando Ferreira Barros.

Serão 13 os intervenientes no espectáculo de duas horas e meia. Ao vivo, os actores interpretarão sete canções do próprio grupo e uma de Lopes Graça.

Fundado em 1976, «O Gruta» conta já com oito espectáculos no seu activo. Mantém ainda, neste momento, em cena «As Espinheiras da Tia Carrar» de Brecht e o trabalho colectivo para crianças, «Três Histórias em Mimica».

A estreia terá lugar no Centro Cultural do Alto Minho, na nova sala de espectáculos do «Pataco».

Também ainda em Viana do Castelo, o grupo de teatro profissional da cidade, o TEAR, prepara os últimos retoques para a estreia, do primeiro dia de Setembro de

«Guerras do Alecrim e Manjerona», de António José da Silva, o Judeu. O público pode acorrer à Sala-Estúdio do Centro Cultural do Alto Minho (ex-BC 9). O espectáculo encenado por Castro Guedes, tem cenários e figurinos de Moura Pinheiro e coreografia musical de João Lobo. Na primeira noite de Setembro, quando os projectores se acenderem e os actores subirem ao palco o espectador estará a ver nove meses de trabalho de uma equipa inteira, do encenador ao carpinteiro auxiliar.

Em Lisboa, o Teatro da Cornucópia continua a ensaiar «Paragens mais remotas que estas terras». A estreia está prevista para meados de Setembro. O espectáculo resulta da montagem de textos das 24 peças que restam de Plauto, autor romano do século II a.C. Os textos foram traduzidos por Manuel João Gomes e o espectáculo tem encenação de Luís Cintra, cenografia de Cristina Reis, música de Paulo Brandão, e interpretação de Alda Rodrigues, Gilberto Gonçalves, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Márcia Breia, Raquel Maria, Rogério Vieira, Rui Furtado e José Pedro Gomes.

Se o campo e a praia, agora os saldos e os poucos filmes de qualidade que passam entre nós, já lhe não apetece, poderá determinar-se a ir até à Sociedade Nacional de Belas-Artes (Rua Barata Salgueiro) e refrescar os



Luis Lima Barreto e Rui Furtado ensaiam «Paragens mais Remotas que estas Terras», montagem de textos de peças de Plauto que a Cornucópia vai levar a cena a partir de meados de Setembro

olhos na exposição que a SNBA organizou para este Verão. Começa no átrio com duas esculturas de Virgílio Domingues e Eduardo Sérgio. Ao lado, no rés-do-chão, «moram» José de Guimarães, Maria Gabri, Fernando de Azevedo, José Augusto, Emília Nadal, Alice Jorge, Rogério Ribeiro, Helena Almeida, Guilherme Parente, Natividade Corrêa, Maria Beatriz, Lima de Carvalho, Nuno San-Payo, José Cândido, Carlos Amado, Carlos Gonçalves, Manuel Pires, George de Almeida,

Nuno de Siqueira, António Quadros, Fernando Cruz, Eduardo Nery e Lurdes Leite. No primeiro andar poderá ver ainda obras de, entre outros, Carlos Caareiro, Pedro Sobreiro, Rocha de Sousa, Vítor Belém, José Vaz Pereira, Assunção Venâncio, Tereza Ferrand, João Bento d'Almeida, Pires Vieira, Pedro Chorão, Ilda Reis, João Behr, José Câmara Pereira e Henrique Manuel.

Em Nazaré no Museu de dr. Joaquim Manso, fundador do «Diário de Lisboa»,

continua patente ao público uma exposição de pinturas de Stella Brito. É um conjunto de 44 obras desta pintora que já expôs na Alemanha, França, Suíça, Itália, Inglaterra, Canadá, Estados Unidos da América e cujas obras se encontram dispersas por museus portugueses e estrangeiros e em numerosas colecções particulares.

Ainda falando de pintura: a polícia de Israel está a investigar hipóteses de terem sido introduzidas clandestinamente naquele país os três quadros do pintor francês Paul Cézanne, roubados no ano passado em Chicago. O valor dos quadros está estimado em três milhões de dólares.

Odylo Costa Filho, escritor e jornalista brasileiro, faleceu ontem, com 64 anos de idade, no Rio de Janeiro, vítima de uma perturbação circulatoria. Foi adido de Imprensa em Lisboa, secretário da Imprensa do presidente Café Filho e membro da Academia Brasileira de Letras.

A nossa sugestão de hoje: uma visita ao Museu de Arte Contemporânea (Rua de Serpa Pinto, 6, Telf. 368028). As obras que poderá ver abrangem um período de 1850 até à actualidade. Na pintura poderá apreciar-se com obras de Marques de Oliveira, Silva Porto, José Malhoa, Alfredo Keil, Columbano Bordalo Pinheiro (o importante núcleo que engloba «O Grupo do Leão», «A Chávena de Chá», «O Concerto de Amadores», «Retrato de Manuel Teixeira Gomes»), rei D. Carlos, Carlos Reis, Eduardo Viana, Amadeu de Sousa Cardoso, Abel Manta, Dórdio Gomes, António Soares, Carlos Botelho, Mário Eloy, Vieira da Silva, etc. Na escultura poderá apreciar obras de Soares dos Reis, Teixeira Lopes, Francisco Franco, Rodin. Em desenho, «A Sesta», de Almada Negreiros. Vale mesmo uma visita. Está aberto todos os dias, à excepção de segunda-feira, das 10 às 17 horas.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS		(Por UNIDADE)	
E MOEDAS ESTRANGEIRAS		COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	49440	54440	
ALEMANHA OCID. (marco)	26450	27460	
AUSTRIA (xelim)	3390	3690	
BELGICA (franco)	13591	14591	
BRASIL (cruzeiro)	1820	1850	
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	41425	43425	
(notas de 5 a 1000)	41475	43475	
DINAMARCA (coroa)	9820	9860	
ESPAÑA (peseta)	5704	5804	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	48335	50335	
(notas de 5 a 1000)	48385	50385	
FINLÂNDIA (marca)	12565	13225	
FRANÇA (franco)	11835	11895	
HOLANDA (florim)	24510	25510	
INGLATERRA (libra)	108305	112305	
ITALIA (lira)	5054	5064	
JAPÃO (iene)	3203	3233	
NORUEGA (coroa)	9365	10515	
SUECIA (coroa)	11350	12310	
SUIÇA (franco)	29425	30435	
VENEZUELA (bolivar)	9390	10390	

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 2 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal o céu estava limpo e o vento era fraco de leste.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	23°
BRAGANÇA	16°
VILA REAL	20°
PORTO	25°
P. DOURADAS	18°
COIMBRA	24°
CABO CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	27°
LISBOA	26°
ÉVORA	23°
SINES	21°
BEJA	25°
SAGRES	25°
FARO	28°
PONTA DELGADA	21°
FUNCHAL	22°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
2.17 3,6 m	7.48 1,2 m
14.34 3,9 m	20.16 1,1 m
Dia 22	
2.54 3,7 m	8.21 1,1 m
15.10 3,9 m	20.46 1,9 m
Dia 23	
3.28 3,8 m	8.53 1,0 m
15.44 4,0 m	21.17 1,0 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Tempo quente com céu geralmente limpo e vento fraco predominando de leste.



rádio

1.º Programa
16.00: «Diagrama» (RDP/Centro);
17.00: «Trajectória»; 18.00: Noticiário;
19.00: Música portuguesa; 19.30: «Jornal da Noite»; 20.00: Retrospectiva; 20.30: Poemas e Poetas, por Hermínia Tojal; 20.45: 15 Minutos com...; 21.00: 17.º Episódio do Folhetim «Lisboa em Camisa»; 21.15: Música variada; 22.00: «Rádio Serviço»; 23.00: «Programa da Noite»; 24.00: «Último Jornal».

2.º Programa
18.00: Noticiário cultural; 18.10: Música portuguesa; 19.00: Terra viva, planeta azul; 19.30: Música de Mozart; 20.00: Ciclo Haydn; 21.30: Aspectos da música de...; 22.30: O gosto pela música, pelo Dr. João de Freitas Branco; 23.00: «Intercâmbio musical»; 00.15: Orquestras de Câmara; 01.00: Fecho.

RÁDIO COMERCIAL 290 m
17.40: «Contacto com a música»; 18.30: Noticiário; 19.00: Jornal noticioso; 19.45: «Teatro Trágico»; 20.00: Quando o telefone toca; 20.30: Noticiário; 20.33: Cartaz; 21.00: Novas de alegria; 21.30: Noticiário; 21.33: Quando o telefone toca; 22.30: Noticiário; 22.33: Rubrica musical; 23.00: Projectão.

Emissão Estereofónica

18.00: Noticiário; 18.03: Hora de ponta; 19.00: Em órbita; 19.10: Noticiário; 21.03: Fórum.

Rádio Renascença

16.00: Noticiário; 16.05: Sequência da tarde; 17.00: Noticiário; 18.00: Noticiário Regional; 18.05: Apelos; 18.15: Igreja em notícia - Palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço da Igreja de S. João de Brito; 18.00: Programa da Liga dos Amigos da R.R.; 19.25: Leitura do Programa; 19.30: Noticiário; 20.00: Objectivo; 20.54: Apelos; 21.00: Noticiário; 21.05: Espaço musical; 21.30: Ao encontro da grande música; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.00: Noticiário; 23.05: Última hora; 23.30: Dicionário de economia; 23.55: Meditando e Fecho.

544545



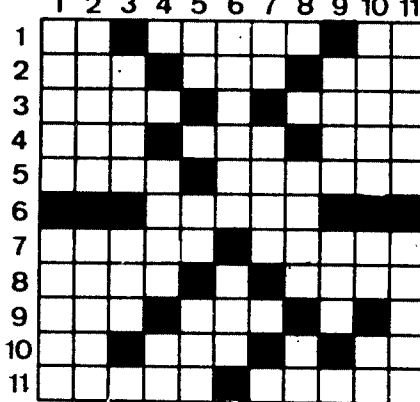
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 12 414

HORIZONTAIS:

- Miniatura. Destemido. Cálculo (s.q.).
- Patrão. Gavinha. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
- Jovem. Conjunção. O mesmo que galispo.
- Arara. Eia! Pronome pessoal.
- Descréditos. Tangera.
- Aparece.
- Patife. Pedra preciosa.
- Mamífero desdentado espécie de tatu. Prendem.
- Catedras. Nome de mulher.
- Soltário. Extremidade do braço. Artigo indefinido.
- Aragem. (pl). Cai à cama.



VERTICAIS:

- Sugar o leite materno. Cidade de Itália.
- Nome de fruto. Desmontou.
- Vazias. Freguesia do concelho de Penafiel.
- Formar as abas a. Rum.
- Nota musical. Estréito do desmemoramento. Duna na Suécia.
- Anim. Espaço de doze meses.
- Verso. Macaco americano.
- Protecção (fig). Antes de Cristo.
- Imã. Prendo.
- Animação (fig). Nota musical. Artigo indefinido.
- Velha. Acanasia.

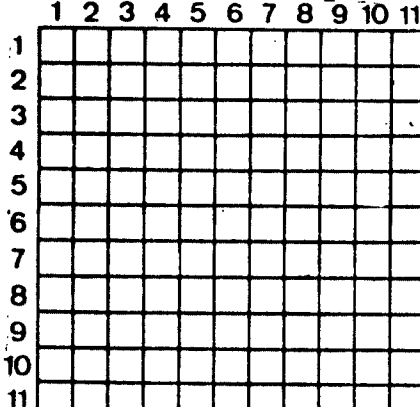
Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8474

HORIZONTAIS:

- Runs. Devoras.
- Falda. Apelido da mãe de Luís de Camões. Antiga medida das ilhas Maldivas, correspondente a pouco mais de meio litro.
- Senhor. Saltar. Prefixo de negação.
- Fecho as asas para descer mais depressa. Pronome pessoal.
- Arrogar. Joera.
- Sua Majestade. Sobear.
- Nome de mulher. Fruto da amoreira.
- Imundos. Zombas.
- Grande ribeira da Ásia Russa. Trib. indígena brasileira. Campeão.
- Lacais (ant). Sufixo que designa pequenez. Catedral.
- Osmio (s.q.). Adicionar.



VERTICAIS:

- Cidade de Itália. Pequeno planeta descoberto em 1932 pelo belga Delporte, no Observatório de Uclé.
- Descerrais. Títulos.
- O mesmo que uma (ant e pop) Tostar.
- Artigo indefinido. Grande desordem.
- Transporem. Preposição.
- Bigma de ourves. Ditar. Oleo de sardinha (Prov. minh).
- Que é do ar. Base aérea portuguesa.
- Substância que tinge de azul. Samaro (s.q.) Chefe etíope (inv).
- Gálio (s.q.). Crador.
- Recrutadas.
- Preposição. Lavrassem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 413

HORIZONTAIS:

- DEVAGAR.
- Ecran. Mam.
- Imã. Adr.
- Voa. Ar. Rimo.
- Assamos. Aar.
- Io. Visar.
- Cam. Al.
- Abara. Asoto.
- Orçarem. Nei.
- la. Leigos.
- Corgo. Soera.

VERTICAIS:

- SE. VAI. AO
- Ciosos. Bno.
- Damas. Caçar.
- Era. Avara.
- VA. Amimar.
- Amaros. El.
- Sa. Ames.
- Amar. Ras. lo.
- Radia. LONGE.
- Mimar. Teor.
- Soror. Coisa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8473

HORIZONTAIS:

- Achém. Matem.
- Voa. Al. Li.
- Arras. Orçar.
- Raer. Arva.
- Armar. Gruas.
- Olá.
- Besunta.
- Avila. Aires.
- Boca. Acis.
- Ita. Tua. Aro.
- Aarar. Garoa.

VERTICAIS:

- Avara. Sabia.
- Corara. Vota.
- Harem. Bicar.
- Ará. Ela.
- Mas. Mosa. Tu.
- Lu. Nú.
- Mão. Gana. Ag.
- Airar. Tia.
- Cru. Arcar.
- Elavas. Eró.
- Miras. Assoa.

PROVERBIO: DEVAGAR SE VAI AO LONGE.

Lisboa

PERMANENTE
(Hoje)

SANTOS SILVA - Pç. das Águas Livres, 8-D (Telef. 681515); **GARANTIA** - Av. Padre Manuel Nobrega, 5-A-B (Telef. 867300); **SÃO MIGUEL** - Pç. Francisco de Moraes, 1 (Telef. 771469); **MOURO** - Lg. da Graça, 63 (Telef. 860700); **CONFIANÇA** - Av. Almirante Reis, 46-B (Telef. 821653); **ALEGRIA** - Est. de Benfica, 180-A-B (Telef. 780511); **DOURO** - Alm. Linhas Torres, 93-A-B (Telef. 791131); **VALEN-TIM** - Rua Poço dos Negros, 88-90 (Telef. 601453); **DALVA** - Av. Duque de Ávila, 125 (Telef. 545225); **BOTÂNICA** - Rua da Junqueira 38-40 (Telef. 638132); **COMBATENTES** - Av. Comb. Grande Guerra, 166 (Telef. 2104953); **GONÇALVES** - Rua Dr. Egas Moniz, 30-B (Telef. 915662); **LEITÃO RIBEIRO** - Rua A do Falcão.

REFORÇO

3-A. **MOURA** - Tv. da Memória, 55 (Telef. 630944); **LÍBIA** - Av. da Igreja, 4-B-C (Telef. 891681); **BAIRO AZUL** - Av. Ressano Garcia, 7-A (Telef. 571451); **NORMAL DE LISBOA** - Rua da Prata, 220 (Telef. 321342); **LAVINHA** - Rua Eng.º Paulo de Barros, 28-A (Telef. 708242); **LINAIDA** - Rua Ferreira Borges, 30 (Telef. 660955); **SACRAMENTO** - Rua Actriz Palmira Bastos, 11-42 (Telef. 384904); **NOBEL** - Rua Actor Vale, 53 (Telef. 842152); **DAVI** - Rua Conde Redondo, 68-72 (Telef. 554342); **MARLUZ** - Cç. da Picheleira, 140-B-C (Telef. 860703); **SALTER** - Rua de Xabregas, 63-65 (Telef. 381185); **CORREIA** - Est. Principal, Lote 172 (Telef. 993148); **VAZ MARTINS** - Rua António Ferro, 6-A (Telef. 970660); **NOVA** - Rua Acores, 11-A (Telef. 910305); **MATOS** - Tv. Pnoras (Viv. Morgadinho) (Telef. 2519939).

Outra Banda

ALMADA - Macedo Henriques - R. Bernardino Francisco da Costa, Lote 1 (Telef. 2751297); **COVA DA PIEDADE** - Cerqueira Afonso - P. 5 de Outubro, 18 (Telef. 2750254); **LARANJEIRO** - A. Araújo - Laranjeiro de Fora; **COSTA DA CAPARICA** - Higienista 6 Av. da República, 23 (Telef. 2400020); **SESIMBRA** - Leão - Av. da Liberdade, 13 (Telef. 2233471); **BARREIRO** - Avenida - Av. Alfredo da Silva, 48 (Telef. 2073207); **AMORA** - Julieta Campos - R. Ribatejo, 2 (Telef. 2211131); **SEIXAL** - Soromenho - R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560); **MONTIJO** - Montepio - R. Almirante Reis, 93 (Telef. 2310035); **MOITA** - União Moitense - Av. Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025); **ALHOS VEDROS** - Guarnão - R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020); **ALCOCHETE** - Gameiro - L. António Santos Jorge, 15 (Telef. 234100).

Linha de Cascais

ALCABIDECHÉ - Carvalho - Até às 21 horas; **PORTO SALVO** - Ferreira Bastos - Até às 21 horas; **CAXIAS** - Nova - R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Te-

lef. 242839). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS** - Central 6 Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Vilar** - Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira - Av. Sabóia 29-B (Telef. 260085). Até às 21 horas; **OEIRAS** - Alcântara Guerreiro - P. Residencial Dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Telef. 2430691). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS** - Leal - Até às 21 horas; **PARADE** - Brandão - Av. República, 77-C (Telef. 2471054). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PARADE** - Junqueiro-Mendes - Até às 21 horas; **AMOREIRA** - Amoreira - (Telef. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTES TORRES** - Lopes - R. Hangar, 3 (Telef. 260008). Até às 21 horas; **CASCAIS** - A. Costa - R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214). Até às 21 horas; **Cordeiro** - Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA - Flama - R. Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485) Permanente; **Igreja** - P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740). Até às 22 horas; **DAMAIA** - Lemos - R. de Goa, 21-A (Telef. 9711121); **QUELUZ** - Zeller - R. da República, 83 (Telef. 950045); **CAMARATE** - Nova - R. Cid Lisboa, 94 (Telef. 2519726); **CACÉM** - Garcia - Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181); **MEM MARTINS** - Químia - Est. Mem Martins, 285 (Telef. 2910012). Até às 24 horas; **AGUALVA-CACÉM** - Mira Sintra - P.N.-Torre, 310. Até às 20.30 horas; **MERCÊS** - Claro Russo - Permanente; **RIO DE MOURA** - Riomouro - Av. Oscar Mont.º Torres, 8 (Telef. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA** - Simões - Estefânia (Telef. 2930832). Permanente; **COLARES** - Abreja - (Telef. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CONSTITUIÇÃO - R. da Constituição, 93 (T. 490813); **FERREIRA DE CARVALHO** - R. do Bonjardim, 354 (T. 27640); **RAMOS** - P. do Exército Libertador, 91 (T. 64935); **FIGUEIREDO** - LDA, R. de Cedofeita, 125 (T. 21620); **SOUSA SOARES** - R. de Santa Catarina, 141 (T. 22145); **VITÓRIA** - R. de S. Roque da Lameira, 756 (T. 52225); **MOURA** - R. do Bonfim, 582-A-B.

(De dia e toda a noite)

PARENTE - R. das Flores, 114 (T. 216111); **CANAVARRO** - R. da Restauração, 53 (T. 60754); **PADRÃO** - R. de Santo Ildelonso, 340 (T. 52149); **SANIL** - R. do Paraíso, 214 (T. 23935).

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

VEIGAS & COELHO - R. da Sofia, 19-21 (T. 22089).

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A (18 anos)
As 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 23.45
INTERIORS/INTIMIDADE
Filme de Woody Allen
SALA B (13 anos)
As 15, 17, 19, 21.45 e 23.45
- Int. men. 13 a.
NOSTALGIA DO AMOR

ALVALADE 897480

Av. de Roma
As 15.15, 18.15 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
NAUFRAGIO!
c/ Robert Hogan e Mikki Jamison Olsen

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h
O CEU PODE ESPERAR
Nao acons. men. 13 anos
Hoje e todos os dias às 23.30
Int. men. 13 a
KING KONG

AVIS 547163

Av. Duque D'Ávila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
O regresso da dupla explosiva!
Um autêntico arrabalde de «pera» e gargalhada!
JUNTOS SÃO DINAMITE
c/ Bud Spencer e Terence Hill
2.ª semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
nao acons. men. 13 anos
SETE DIAS DE AMOR
c/ Michael York, Hiden Aoki e James Villiers
Um filme de Lewis Gilbert

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Nao acons. men. 13 anos
um filme de Randal Kleiser - colorido
GREASE
(Brilhantina)

CASTIL 580194

Rua Castilho
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
MEU DEUS, AO QUE EU CHEGUEI!
(MIO DIO COME SONO CADUTA IN BASSO)
c/ Laura Antonelli
Um filme de Luigi Comencini
2.ª semana

CINE 222 Tel 579460

Av. Praia da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
UMA RAZÃO PARA VIVER
As 23.45 - M. 14 anos
NO CALOR DA NOITE
c/ Sidney Poitier e Rod Steiger
Todos os dias às 11 - Para Todos
OS ALEGRES PIRATAS DA ILHA DO TESOURO

CINEBOLSO 573407

Rua Actor Taborda, 27-B
As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
A FREIRA DIABÓLICA
As 24 - 18 a
POLÍCIAS E LADRÕES

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
As 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 a
A ADOLESCENTE E O QUARENTÃO
c/ Charles Bronson e Orson Bean
Um filme de Richard Donner

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
O COMBOIO APITOU 3 VEZES
c/ Gary Cooper e Grace Kelly
Um filme de Fred Zinnemann
As 23.45
O HOMEM QUE MATOU LIBERTY VANCE

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30
O PEQUENO BANHISTA
Para todos
c/ Louis de Funès

DOIS MIL 2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algés
As 15.30 e 21.30
- Int. men. 18 a
FANTASIAS EROTICAS

D. JOÃO V 971794

Praça Centro Comercial - Damaia
As 21.15
EM BUSCA DO PASSADO
nao acons. men. 13 anos
EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
nao acons. men. 18 anos
O TEMPLO DOS LUTADORES
c/ David Chiang, Ti Lung e Alexander Fu-Sheng
Um filme de Chang Cheh

ESTUDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O mundo apaixonante da aventura, da violência e do amor!
4 NO TEXAS
c/ Frank Sinatra, Dean Martin e Ursula Andress

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83
15.30, 18.30, 21.30 h
Int. men. 18 anos
Uma sociedade sofisticada de outros tempos
«VICIOS PRIVADOS, PÚBLICAS VIRTUDES»
c/ Lajos Balazsovits e Pamela Villosini

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35
As 21.30 - N. ac. men. 13 a
A TULIPA NEGRA
c/ Alain Delon e Virna Lisi
As 15.15 - Int. men. 13 a - Última
OS CANHÕES DE SAN SEBASTIAN

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
As 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a
Um grande êxito mundial
CASSANDRA CROSSING
c/ Sophia Loren, Richard Harris e Burt Lancaster

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
NÃO PASSO BEM TI
c/ Annie Girardot

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
As 14.15, 17.45 e 21.15
- Grupo b (10 a)
SPARTACUS
c/ Kirk Douglas e Jean Simmons
Projeção do filme 5 minutos após o início das sessões

MONTECARLO Tel 681117

A. Pedro Álvares Cabral, 37
As 15.30, 18.30 e 21.30
- 13 a.
IMÉRIO DO GREGO
(Parque de estacionamento privativo)

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrão, 12-A
As 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
Mel Brooks e o Oeste juntos pela última vez!
BALBÚRDIA NO OESTE
c/ Cleve Little e Gene Wilder
2.ª semana

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
(nao acons. men. 18 anos)
FÉRIAS MACABRAS
Um filme de Dan Curtis
com: Bette Davis - Oliver Reed - Karen Black

NOVOCINE 840678

Av. General Roçadas, 7
As 15.15 e 21.30 - N. ac. men. 13 a
Você vibrará de emoção e ternura
VITIMA DE UM PECADO
c/ Analia Gade e Juan Luis Galiardo

ODEON 326283 4

R. Condes, 12 e 20
15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 18 anos
DISPOSTA A TUDO
Muitos dos problemas dos casais de hoje
4.ª semana

PATHÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- 13 a.
FRANKENSTEIN JR.

POLITEAMA 326305

R. Portas de St.º Antão
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 13 anos
HERCULES
c/ Steve Reeves-Sylvia Koscina
Gianna Maria Canale

QUARTETO 771378

R. Flores do Lima, 16
SALA 1: As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
(Int. men. 18 anos)
A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO
Realiz. Gilles Carle
SALA 2: As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Int. men. 13 anos
JONAS
Realiz. Alan Tanner

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
As 15.15 e 21.30
Int. men. 18 a
SOL VERVELHO
c/ Charles Bronson Allan Dellon

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRB
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
O regresso da dupla explosiva
Um autêntico arrabalde de «pera» e gargalhada!
JUNTOS SÃO DINAMITE
c/ Bud Spencer e Terence Hill
2.ª semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- N. ac. men. 13 a
O IMPÉRIO DO GREGO
c/ Anthony Quinn e Jacqueline Bisset
Um filme de Lee Thompson
3.ª semana

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
As 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a
Grandes Realizadores
Uma reposição sensacional
VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS
c/ Jack Nicholson
Um filme de Milos Forman

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
15.15, 18.15 e 21.15
nao acons. men. 18 anos
A CLASSE DOMINANTE
c/ Peter O'Toole, Alastair Sim e Arthur Lowe
Projeção do filme 5 minutos após o início da sessão

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
15, 18 e 21.30
Int. men. 13 anos
OS NOIVOS MONSTROS
com Vittorio Gassman, Ornella Muti, Alberto Sordi e Ugo Tognazzi

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Sessões: 12.00, 15.00, 18.15, 21.30 n.
ac. m/13 a.
A NOITE DOS GERAIS
A noite que esconde o segredo dos homens
Peter O'Toole, Omar Sharif, Tom Courtenay
Atenção: O filme começa a projectar logo após o início da sessão

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
A BATALHA DE MIDWAY
com Charlton Heston/Henry Fonda/James Coburn/Glenn Ford
Não acons. a men. de 13 anos. Technicolor
Atenção: este filme será apresentado na espantosa multi-dimensão de SENSUR-ROUND
3.ª semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
As 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
JUVETUDE DE HOJE

ZODÍACO Tel. 570551

Rua Conde de Redondo, 5
As 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Para Todos (6 a)
O INVENCÍVEL HOMEM ARANHA
c/ Nicholas Hammond
2.ª semana

SALA 3

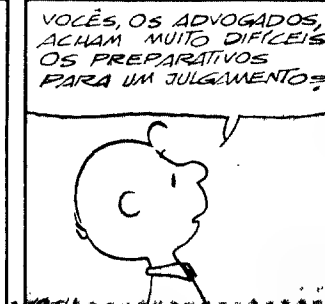
As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
Nao acons. men. 13 anos
UMA VIDA DIFÍCIL
SALA 4
As 15, 17, 19, 21 e 23
Nao acons. men. 18 anos
O MONSTRO VOLTA A NASCER

lubrificantes

GAIP

a máquina é exigente

PEANUTS



DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

• ADMINISTRAÇÃO: Rua Castilho 185-1
TELEFONE 354077-2

• REDACÇÃO PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS
Rua do Souto 44
TELEFONE 32154-5 320271-2 320279 322 81-2
PUBLICIDADE 304148

• SERVIÇO NOTAS (CÓPIAS DAS 21)
PORTUGAL 32154
MENSAGENS (JORNALISMO) 320279

• SERVIÇO DE TELEFONE E TELEGRAMAS 1218-1
1218-1
1218-1

• IMPLANTAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada 36-2 TELEFONE 30954-5

Novo medicamento contra a rejeição

LONDRES — O último doente a ser submetido a uma transplantação de coração na Grã-Bretanha está a ser tratado com um medicamento novo para combater a rejeição e o seu estado é «satisfatório» — anuncia-ram hoje os médicos.

Os médicos não identificaram, todavia, o novo medicamento que está a ser ministrado a Keith Castle, um construtor civil reformado de 52 anos, que foi submetido à transplantação no sábado, no hospital de Papworth, próximo de Cambridge.

Na opinião dos médicos, Castle tem mais possibilidades de sobreviver do que os outros cinco doentes submetidos anteriormente a uma transplantação deste género em Inglaterra.

O dador foi identificado como Duncan Prestt, um profissional de golf e pugilista amador com 21 anos. Prestt morreu na sexta-feira, vítima de um acidente de viação.

Joaquim Torres morto à metralhadora

Continuação da pág. 1

atiradores encontraram-se iam emboscados num caminho lateral à estrada Penafiel-Porto, próximo do lugar de Cristelo, do Concelho de Paredes, a três quilómetros de Penafiel.

No referido caminho junto à estrada foram encontradas marcas de pneus que se atribuem a um automóvel Peugeot, presumivelmente utilizado pelos atacantes.

Joaquim Ferreira Torres encontrava-se de férias, desde 15 do corrente, com a esposa e os dois filhos do casal, na casa de campo que possuíam no lugar de Pierces, na freguesia de Marrecos.

Todos os dias, cerca das oito horas partia para Famalicão, seguindo o itinerário onde hoje a morte o esperou.

Segundo apurou o «DL» junto do local, em depoimento de moradores na zona, o cunhado do major Mota Freitas teria sido alvejado por quatro indivíduos,

V GOVERNO EM ACÇÃO

Grandes problemas, intensa actividade

O Conselho de Ministros, que reuniu ontem em S. Bento, volta a reunir amanhã, na residência oficial do Primeiro-Ministro e sob a presidência de Maria de Lurdes Pintasilgo. Na agenda, que não se conhece nem na generalidade nem em pormenor, devem estar, por certo, alguns dos pontos mais «quentes» da situação actual. Não se excluindo a hipótese de serem tratados outros assuntos porventura de âmbito menos largo, mas não de urgência menor, questões que se situam na área da assistência social, e designadamente as que se prendem com a greve dos médicos, ocuparão o plenário.

A frequência aparentemente «anormal» com que o Executivo esta a reunir plenariamente deve-se naturalmente às proporções dos problemas que o novo Governo está a enfrentar, logo nos primeiros dias após a sua passagem no Parlamento. Já no domingo se realizou no Ministério dos Assuntos Sociais uma reunião interministerial para tratar da resolução dos problemas respeitantes à situação onde a greve dos médicos se enquadra. Hoje, nos departamentos implicados pela situação actual no sector da assistência, prosseguem os trabalhos preparativos da reunião do Executivo, amanhã. Ontem, antes do plenário, Lurdes Pintasilgo esteve em Belém, onde foi recebida por Eanes. Foi o primeiro encontro entre o PR e a chefe do novo Governo, depois da passagem do programa deste na AR. Encontro meramente formal? Certamente que não, ou apenas, e talvez antes, ou também, indicativo da disposição, partilhada por Eanes e Lurdes Pintasilgo, de desencadear a acção executiva na base dum entendimento apoiado por uma articulada colaboração.

Há entretanto uma questão que se levanta, e é a de saber como é que a AR vai resolver o problema que o Governo de- fronta tratando-se de diplomas indispensáveis ao cabal desempenho das suas funções executivas. Aparentemente, o problema é de fácil solução, e o Governo já deu o primeiro passo nesse sentido, apresentando ao Parlamento os documentos que precisa de ver discutidos e aprovados no hemiciclo para desempenho desde logo das funções de gestão corrente. Não tardará muito que Teófilo Carvalho Santos convoque os grupos parlamentares para se pronunciarem. Naturalmente, PSD e CDS vão opor-se a que a AR reúna para corresponder ao que o Governo pretende. Mas as pretensões do Governo, neste tocante, deverão merecer aprovação do PS, do PCP e dos deputados sociais-democratas independentes, pelo que o Parlamento irá mesmo prolongar por mais algumas sessões a sua actividade antes da dissolução. Admite-se que nem todos os textos propostos pelo Executivo passem sem correcções mais ou menos pontuais, mais ou menos profundas. Mas, pelo menos, deverão passar os textos de que o Executivo carece para impedir que a vida pública portuguesa sofra um bloqueamento de grandes proporções, como aconteceria se algumas das suas propostas não fossem aprovadas.

Em conta disto — de que o Parlamento vai das propostas que o Governo lhe apresentou e adiar assim a data da sua dissolução pelo PR —, ganha vulto a perspectiva de que as eleições intercalares não terão lugar tão depressa como desejaria a impaciência de certos sectores da vida política portuguesa. A este respeito, porém, todos os cálculos

los são prematuros.

AS PROPOSTAS

Medidas legislativas ligadas à execução orçamental e cobertura do respectivo défice constituem a parte principal das propostas de lei enviadas pelo Governo à Assembleia da República. A iniciativa do Governo respeita o preceito constitucional segundo o qual os empréstimos a contrair pelo Executivo deverão ser previamente submetidos à Assembleia da República, e aprovados.

De particular importância para a cobertura do défice orçamental — um empréstimo no valor de 92.300 milhões de escudos a colocar inteiramente junto do Banco de Portugal e das restantes instituições financeiras.

O Governo pretende também emitir, como forma de captação da poupança interna, um empréstimo «Obrigações do Tesouro FIP-79», no valor de 10 mil contos, com rendimento de mais três por cento do que a taxa de desconto básica do Banco de Portugal (actualmente fixada em 18 por cento).

No tocante a empréstimos externos, principalmente destinados à cobertura do défice das transações externas, o Governo pretende poderes para concluir algumas negociações já em curso.

Entre as conversações já em curso avulta um empréstimo de 55 milhões de marcos (1.474 milhões de escudos) da República Federal Alemã, para aplicar na construção do parque industrial da Covilhã e no abastecimento de água aos concelhos de Viseu, Mangualde e Nelas, e na construção de esgotos em Minde e Mira d'Aire. Este empréstimo deverá ser também canalizado para o financiamento de pequenas e médias empresas no Continente e nos Açores e no aeródromo da Ilha de S. Jorge, nos Açores.

Pretende ainda o Governo contrair um empréstimo junto do BIRD (Banco Internacional da Reconstrução e do Desenvolvimento para o sector da Educação).

Outra proposta do V Executivo respeita a um empréstimo ao Governo holandês no valor de cerca de 512 mil contos (2,9 milhões de florins).

Por outro lado, o Governo de Maria de Lurdes Pintasilgo pretende ver aumentados os limites máximos para a concessão de avais por parte do Estado. Os limites internos ficariam em 50 milhões de contos, e os externos em cerca de 123.750 milhões de escudos (2.500 milhões de dólares). A pretensão do Governo tem bases: os limites actuais estão à beira do esgotamento.

Que fazem os partidos?

Continuação da pág. 1

seus candidatos, apresentando um conjunto de nomes sobre os quais a decisão última é da responsabilidade da Comissão Política. Além destes, há ainda «candidatos por inerência» que são indicados pela Comissão Directiva e que deverão concorrer como «cabeças de lista» nos lugares para os quais forem indicados. Para os «centristas» trata-se de um processo que poderá estar concluído dentro de 5



A rapariga e a pistola

O IRA não desarma e a luta continua — tal podia ser, em função da intenção patenteada, a legenda desta fotografia, tirada, há dias, nas ruas de Belfast, momento antes da realização de um desafio de futebol que levou ao estádio daquela cidade milhares de irlandeses. Com efeito, aproveitando a concentração de compatriotas, o IRA quis mostrar que o seu objectivo principal — expulsar da Irlanda do Norte as tropas de «ocupação britânicas» — continua, apesar dos reveses sofridos, na ordem do dia. Para conseguir tal fim, o IRA tem estado a dar treino militar às suas militantes. Era necessário que se soubesse, para que outros braços (femininos) se levantem e empunhem as armas da «libertação». Daí, a presença da rapariga... e da pistola

NA GUINÉ-BISSAU

Naufrágio e 26 mortos

Vinte e seis pessoas terão morrido no sábado passado, a noroeste da Ilha de Bissau, num braço do Mansoa, na República da Guiné-Bissau, quando uma canoa de transporte fluvial naufragou.

As primeiras notícias do naufrágio só começaram a chegar ontem a Bissau, de onde a Anop entretanto a expedir para Lisboa. Pouco se sabe ainda das circunstâncias em que o acidente se deu.

Sabe-se que a canoa transportava 32 passageiros e alguma carga, para um trajecto entre Biombo e Pexixe, grande parte sobre a foz do rio Mansoa. Um rombo no casco (mal calafetado?) e o peso (excessivo?) da carga provocaram a entrada de água na canoa e o seu consequente afundamento.

Cinco pessoas conseguiram salvar-se, atingindo as margens, a nado. A capitania do Porto de Bissau enviou para a zona a única vedeta operacional. Mas a

vedeta avariou-se algum tempo depois, tendo de interromper as buscas.

As operações só foram retomadas mais tarde por unidades da Marinha Mercante, que ainda ontem encontraram, com vida, uma criança que conseguira atingir uma ponta de areia agarrando-se a destroços da canoa e deixando-se levar pela corrente.

(Hoje 28 páginas)

EGIPTO
na senda dos Faraós

Sensacional viagem de visita a uma das mais fascinantes CIVILIZAÇÕES MILENÁRIAS

de todos os tempos

Cairo, Luxor, Assuão, Abu-Simbel, as Pirâmides, a Esfinge, o Nilo, o Vale dos Reis

TUDO INCLUIDO

guia português permanente

Últimas partidas em 1979: 11 e 18 Setembro

LUGARES LIMITADOS

inscreva-se já:

EUROPEIA

A EXPERIÊNCIA AO SERVIÇO DO TURISMO

Av. da Liberdade, 233 • 1252 LISBOA Codex • Tel. 536121

Rua Rosa Araújo, 19 • 1252 LISBOA Codex • Tel. 561141

Av. Tomas Cabreira • Vendeira Santa Ana • Praia da Bocha 8500 PORTIMAO Tel. 23317

membro WATA em Portugal

MOBÍLIAS USADAS TROCAM-SE

AS SUAS USADAS POR NOVAS, MODERNAS OU DE ESTILO

ARMAZENS MÓVEIS JORGE

AV. ALMIRANTE REIS, 35 (aos Anjos) — Tel. 832161

Nicarágua: Deterioração do Sistema Interamericano

Austria: Conferência sobre Ciência e Tecnologia

Chile: A ruptura no P.S. Ch.

E.U.A: A remodelação de Carter

A DEMISSÃO DE ANDREW YOUNG

Uma "gaffe" inevitável?

■ LE MONDE

Pouco mais de uma semana após a remodelação voluntária do seu governo, o presidente dos EUA vê-se a braços com a resignação do seu embaixador na ONU, Andrew Young, personalidade, que, apesar do seu comportamento polémico, mereceu na altura dos «despedimentos» em massa um elogio rasgado e a certeza de que continuaria com o presidente. A demissão de Andrew Young deve-se inquestionavelmente à força do «lobby» israelita nos EUA e à aproximação das eleições, que ditarão a escolha para a sucessão de Carter. Como se sabe, o caso Andrew Young rebentou quando se teve conhecimento de um encontro que aquele diplomata realizara na ONU com um representante da OLP. Depois desta «gaffe», o jornal «Le Monde» comentava o sucedido no artigo que a seguir se transcreve.

O novo incidente que veio agora agravar a tensão Israel-EUA não tem nada de espantoso. É evidente que o encontro informal entre o embaixador dos EUA na ONU e o representante oficial da OLP junto daquela organização internacional não põe em causa a posição comum de Washington e Telavive acerca do problema palestino.

Os dois governos concordam em não reconhecer a «central» dos guerrilheiros, enquanto esta não admitir o direito de Israel à existência reconhecida pela resolução 242 do Conselho de Segurança. Esta dupla condição é mais do que suficiente para excluir a OLP do

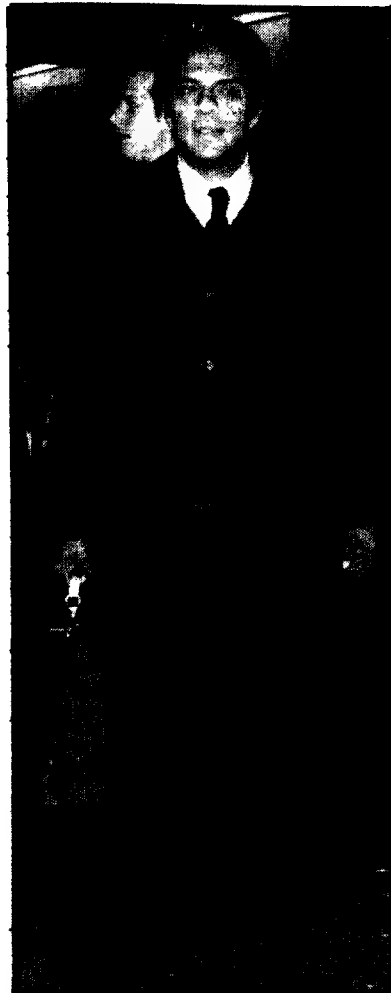
processo de paz encetado. Na verdade, a organização de Yasser Arafat não pode, sob pena de se suicidar, renunciar explicitamente àquilo que tem sido e infelizmente continua a ser o principal postulado do movimento palestino de há várias décadas para cá, a menos que obtenha em troca o reconhecimento por parte de Israel da sua existência e representatividade. Ora como se sabe, não é o governo de Begin que vai travar diálogo ou mesmo estabelecer o mínimo contacto que seja com um «bando de assassinos» (como Telavive designa a OLP).

E precisamente quanto a este

ponto que divergem os governos de Washington e de Telavive. Andrew Young agiu talvez por iniciativa própria, mas sabia, sem dúvida, que o seu governo — que tem feito diversos apelos a Yasser Arafat — não ficaria descontente, no fundo, com uma diligência que só se converteria em «gaffe» se fosse levada ao conhecimento do grande público.

Esta «gaffe» era provavelmente inevitável. Young procurava obter do representante da OLP — e, por intermédio deste, dos países árabes — o adiamento, «sine die» da reunião do Conselho de Segurança destinada a formular uma resolução a favor dos direitos dos palestinos. Como os interessados não tivessem conseguido chegar a acordo, o debate ameaçava saldar-se, na melhor das hipóteses, por um impasse, e, na pior, por uma moção anti-israelita, que Washington se veria obrigada a bloquear recorrendo ao direito de veto. Graças ao encontro discreto que teve com Terzi, Young viu satisfeita a sua pretensão. Agiu, segundo declarou, como «um embaixador inteligente a actuar numa situação difícil». Entende que serviu os interesses dos EUA, de Israel e dos próprios países árabes, pois todos eles desejavam evitar um inútil confronto diplomático.

Este raciocínio não agrada a Israel. Tal como não lhe agrada a



lógica do comportamento do governo americano para com a OLP. Como toda e qualquer potência com responsabilidades mundiais, os EUA não podem dar-se ao luxo de ignorar pura e simplesmente as realidades, por mais desagradáveis que elas sejam. Por mais que Carter compare a «central» palestina ao Ku Klux Klan, ele sabe que Arafat e os seus amigos exercem uma influência não compartilhada por mais ninguém sobre os seus compatriotas da Cisjordânia e de Gaza. Além disso, tem em conta ainda o facto de a OLP ter sido já reconhecida pela quase totalidade dos Estados membros da ONU como o único e legítimo representante do povo palestino.

Não levar isto tudo em consideração seria dar provas de miopia política. O presidente Carter tem, sem dúvida, presente no seu espírito as pressões que os fedayin poderão exercer sobre os países árabes produtores de petróleo, amigos dos EUA.

Os políticos de Israel têm, é certo, preocupações de outra ordem nomeadamente eleitorais, que os levam a posições intransigentes. Compensadoras, talvez, no plano imediato, ameaçam revelar-se, a prazo mais longo, estereis, se não mesmo perigosas.

(Ver artigo na pág. 7)

DEPOIS DO ACORDO DE ARGEL

Marrocos e Mauritânia tentam não agravar o conflito que os divide

■ BERNARD GUETTA

□ LE MONDE

Apesar de ter sido marcada por um sério incidente diplomático que a tornou mais curta do que fora previsto, a visita a Rabat, no passado dia 10 de Agosto, do tenente-coronel Heydella, chefe do Governo mauritano, não conduziu à ruptura que se poderia esperar depois de Marrocos ter acusado Nouakchott de capitulação após a assinatura, a 5 de Agosto, de um «tratado de paz» entre a Mauritânia e a Polisário. Os dois países, embora reafirmando o seu desacordo e as suas posições respectivas, evitaram agravar o diferendo que

os opõe e comprometeram-se a «desenvolver relações bilaterais».

No entanto, a imprensa e os dirigentes marroquinos continuam a defender com vigor a tese segundo a qual a retirada mauritana do conflito dá ao reino o direito de plena soberania sobre o conjunto do antigo Sara espanhol.

«Tudo vai bem». Foi com este famoso refrão que o ministro marroquino dos Negócios Estrangeiros, Boucetta, fez, sem aparentes segundas intenções, o balanço das primeiras discussões com Nouakchott, depois da conclusão do acordo entre a Mauritânia e a Polisário. E, contudo, evidente que nem tudo vai assim tão bem.

Cada uma das partes manteve as suas posições e, pelo menos

neste ponto, a declaração, longamente negociada, e que foi lida por Heydella antes de deixar Marrocos, é clara.

«A Mauritânia renunciou a toda e qualquer reivindicação sobre Tiris-el-Gharbia e considera-se definitivamente afastada deste conflito» explicou o primeiro-

♦ 2

Um oficial marroquino chega à capital provincial de Tiris-El-Gharbia para declarar a anexação desta região pelo Marrocos. Com efeito, este país pretende substituir aí a Mauritânia que se retirou da parte do Sara, que lhe fora atribuída pela Espanha, na sequência do tratado de paz com a Polisário. O oficial era acompanhado por três mil soldados marroquinos provenientes do Shaba



DE S. DOMINGOS À NICARÁGUA

A deterioração
do sistema interamericano

■ PAULO SCHILLING

□ PRENSA LATINA

«Os Estados Unidos propuseram na OEA enviar para a Nicarágua uma força militar para «garantir a paz» (diário das sessões de 23 de Junho de 1979)

«Nenhum outro país da OEA se mostrou partidário da ideia de enviar um contingente de tropas para a Nicarágua» (diário das sessões de 24 de Junho de 1979)

O sistema interamericano de defesa é um fruto ilegítimo da «guerra fria». Sob o pretexto do confronto com a União Soviética, consequência da histeria belicista da Doutrina Truman, Washington procurou fortalecer o seu controlo sobre o hemisfério.

Na Conferência de Quitandinha (2/9/47) foi firmado o Tratado interamericano de Assistência Recíproca (TIAR).

Era a primeira etapa do plano de transformar os exércitos latino-americanos em «tropa auxiliar» do Pentágono.

Posteriormente, na Nona Conferência interamericana (Bogotá 1948) foi elaborada a declaração de princípios da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Com o TIAR e a OEA o governo de Washington camuflou a sua clássica política de intervenção nos países do continente (especial-

mente na América Central), a «diplomacia dos canhões» e o «Big Stick» de Theodore Roosevelt.

Em Março/Abril de 1954, na Conferência Pan-americana foi identificado o «inimigo»: «...As repúblicas americanas declaram que o comunismo internacional, devido à sua natureza antidemocrática e à sua tendência intervencionista, é incompatível com o conceito de liberdade americano».

Dois meses mais tarde, com o pretexto de uma pretensa tendência intervencionista comunista, verificou-se uma intervenção real e brutal na Guatemala sendo liquidado um governo liberal e tendo sido colocado no poder um agente da United Fruit.

Dwight Eisenhower, tentou justificar assim o que se passou: «houve um momento em que se viveu na América Latina uma situação desesperada ou pelos menos pensávamos que o era e tivemos de destituir-nos de um governo comunista que tinha assumido o poder...»

Sete anos mais tarde chegaria a Cuba o momento de «ser libertada do intervencionismo comunista». O «liberal» John F. Kennedy, ao assumir a responsabilidade pela invasão da Baía dos Porcos (Abril de 1961) utilizou uma linguagem tao dura como a de Theodore Roosevelt:

«Se alguma vez a doutrina interamericana de não-intervenção

oculta ou justifica uma política de passividade, se as nações deste hemisfério fracassarem no cumprimento das suas obrigações de confronto à penetração comunista então — quero que isto fique bem claro — o meu governo não vacilará e assumirá as suas obrigações elementares, isto é, a segurança da nação americana. Se alguma vez chegar esse momento, é nossa intenção não receber lições de ninguém sobre não-intervencionismo...»

A política intervencionista foi levada às últimas consequências por Lyndon Johnson.

A primeira vítima do seu Governo foi o povo brasileiro. Sob a direcção do embaixador Lincoln Gordon e do coronel Vernon Walters (um homem da CIA) os militares brasileiros de direita liquidaram o governo liberal de João Goulart, e as instituições democráticas brasileiras.

Três meses após o golpe no Brasil, a OEA condenava Cuba e estabelecia o bloqueio económico contra essa ilha das Caraíbas.

A República Dominicana seria a terceira vítima do intervencionismo de Lyndon Johnson. Partindo do princípio de que os comunistas em São Domingos constituíam «um risco para a segurança do hemisfério e para a própria civilização ocidental e cristã», o texano Johnson, «colt 45» na mão, sem contar com a OEA ordenou a invasão do pequeno país:

«Dei imediatamente ordem para que as nossas forças fossem proteger as vidas norte-americanas (...) compreendi que não havia tempo a perder, com discussões, consultas ou demoras (...) As nações americanas não podem, não devem, não consentirão que se estabeleça outro governo



Manágua: o fim duma dinastia imposta pelos EUA

comunista no hemisfério ocidental...»

A urgência histórica de Johnson acabou por desmoralizar a OEA: os países membros tiveram que decidir «a posteriori» o que já tinha sido consumado por um país membro: a intervenção na República Dominicana.

O governo brasileiro do marechal Humberto Castelo Branco, como que para pagar a ajuda que lhe tinha sido dada por Johnson no dia 1 de Abril de 1964 e para justificar a sua posição de satélite privilegiado, também enviou tropas para coarçar a liberdade do povo dominicano.

A actual situação na Nicarágua e os seus reflexos na OEA revelaram uma importante alteração na posição dos países latino-americanos e das Caraíbas, assim como a manutenção do espírito intervencionista dos Estados Unidos.

A desmoralizadora derrota da proposta norte-americana é mais acentuada, precisamente devido ao facto de ter ocorrido na OEA, que já foi chamada, muito justamente, «Ministério das Colónias» dos Estados Unidos.

A posição de apoio ao movimento de libertação nacional nicaraguense manifestada por vários países membros da OEA — especialmente a Costa Rica, o Panamá e os membros do Pacto Andino teve uma importância especial.

Por outro lado, é importante a

mudança de posição do Brasil: desde a sua participação na intervenção militar de São Domingos, o regime brasileiro evoluiu até ao corte de relações com Somoza.

A actual situação mostra também a crise do chamado sistema interamericano, que a partir de 1947 serviu de capa ao intervencionismo norte-americano no hemisfério. Perante essa realidade sectores da «linha dura» do Pentágono são da opinião que os Estados Unidos devem voltar à política de intervenção directa se quiserem manter o seu domínio e a exploração económica do subcontinente.

Telegramas das agências norte-americanas AP e UPI, de 23 de Junho, informavam:

«O general Bernard W. Rogers, que assumirá no próximo mês o comando da OTAN revelou que, de acordo com um plano do presidente James Carter, está a ser preparada a organização de uma força especial para conflitos no Terceiro Mundo.

O corpo unilateral que prepara o exército (norte-americano) é formado por 110 mil homens pertencentes à 82.ª divisão aerotransportada e outras unidades. Essa força actuará em casos de crise no Golfo Pérsico e outros lugares fora da jurisdição da OTAN» (a América Latina está fora da OTAN...)

O que indica que a «diplomacia dos canhões» voltou a fazer parte da estratégia norte-americana e agora a nível mundial... ●

Depois do Acordo de Argel

1 ♦

ministro mauritano ao soberano marroquino. «Marrocos, tomando conhecimento desta nova situação, considera necessário assegurar a defesa dos seus direitos, da sua integridade territorial por todos os meios, da defesa da sua segurança e estabilidade em toda a região», reafirmou, por seu turno, Hassan II.

A «mensagem fraternal» do presidente do Comité Militar de Salvação Nacional, que foi transmitida por Heydella ao rei, terá sido capaz de apaziguar os receios dos marroquinos que temem ver a Frente Polisário instalar-se em Tiris-el-Gharbia? Terão sido fornecidos pormenores sobre o modo como a Mauritânia tenciona abandonar este território e sobre os prazos em que tenciona fazê-lo? Ninguém sabe que respostas dar a estas interrogações. Ignora-se ainda o conteúdo dessa mensagem e das afirmações e conclusões das duas horas de conversações que se desenrolaram no Palácio Real numa «atmosfera de fraternal compreensão».

Mas, mesmo antes da sua realização, o tom foi dado, nos salões do Grande Hotel de Rabat, numa Conferência de Imprensa do representante da Frente Islâmica e Democrática da Mauritânia, hostil aos acordos de Argel. O antigo comandante da Força Aérea mauritana, no tempo do presidente Ould Dadaah, o tenente-coronel Abdel

Kader — que afirmou pertencer a um «comité de oficiais livres» — lançou um apelo com todas as facilidades desejáveis, no sentido da demissão do actual Governo de Nouakchott e denunciar o seu «comportamento irresponsável e indigno, na medida em que trai as alianças e viola os acordos internacionais». Esta advertência, que não pode ser mais clara — apesar de não constituir ainda uma ameaça real — aumentou suficientemente a tensão para que o jantar desse dia tenha durado apenas uma hora e que as conversações tenham sido mais curtas e que a delegação mauritana tenham partido nessa mesma noite sem esperar, como estava previsto, pelo dia seguinte.

Para lá dessas tensões e de um desacordo que não precisava de ser confirmado, dois pontos da declaração de Heydella polarizaram a atenção dos observadores: trata-se, por um lado, do compromisso de «nada fazer que possa pôr em causa a segurança recíproca de ambos os países» e, por outro, a afirmação da vontade de desenvolver num quadro bilateral «relações privilegiadas» que Rabat manterá, em particular, através da continuação da sua ajuda e cooperação.

Por mais formal que possa parecer esta segunda intenção, a verdade é que pode encerrar o esboço de um «modus vivendi» realista e que poderá beneficiar ambas as partes. ●

BRASIL:

A renúncia de Simonsen

O general Golbery do Couto e Silva, chefe da Casa Civil, assumiu recentemente as funções interinas de ministro do Planeamento, depois da renúncia do seu titular, Mário Henrique Simonsen, que tinha assumido o cargo a 15 de Março, junto com o actual governo.

Simonsen tinha sido o ministro da Fazenda no governo do general Ernesto Geisel (1974/78) de onde foi catapultado para as posições que ocupou até 10 de Agosto, com poderes extraordinários no campo económico.

No texto da sua renúncia, Simonsen afirma que não era um superministro, mas apenas o titular da secretaria do Planeamento. «Como Secretária, teata-se de um simples órgão de assessoramento do presidente em assuntos económicos e ao contrário do que mui-

tos presumem, falta-lhe estrutura e poderes legais para actuar como um ministério de coordenação económica», expressa na sua carta.

«Já planifiquei e agora estou em condições de retirar-me», anunciou aos jornalistas e admitiu que, com efeito, a sua saída se produz no momento em que a inflação no Brasil está em níveis elevados, de mais de 46 por cento». Pôs fim a uma rápida conferência de imprensa, afirmando que «o melhor serviço que um ministro renunciante pode prestar é ficar calado e isso é o que vou fazer».

Antes de se calar, Simonsen afirmou que «a equipa de ministros actuou de forma conjunta e ordenada». Todos no Brasil sabem, no entanto, que ele tinha divergências com o ministro do Trabalho sobre a periodicidade dos aumentos sala-

riaes que passarão de anuais a semestrais. Que, com o ministro da Agricultura, Antônio Delfim Neto, a maior discrepância surgiu quando este conseguiu recentemente que fosse autorizado um aumento de 68 por cento nos preços mínimos dos produtos agrícolas. Com o do Interior, polemizava a propósito da ideia de outorgar a esse Ministério participação nos impostos sobre lubrificantes, para benefício dos programas rurais.

Na política, Simonsen discordava da flexibilidade do governo com respeito aos movimentos grevistas, porque considerava que aceitar reivindicações salariais com aumentos de até 70 por cento significava fracassar na luta contra a inflação.

No seu último relatório ao Con-

NAÇÕES UNIDAS

As razões da Conferência sobre Ciência e Tecnologia

■ EDUARDO MEDINA

□ IPS

A Conferência das Nações Unidas sobre Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento (UNCSTD) programada para a segunda quinzena de Agosto em Viena, não debaterá a questão da Ciência e Tecnologia em si mesma. Dedicar-se-á a avaliar o papel que lhes corresponde na correção das desigualdades sociais e económicas entre as nações e no interior delas.

A conferência decorrerá num momento em que a tecnologia actual ampliou as possibilidades de aplicação dos conhecimentos científicos a tal ponto que poderia produzir uma melhoria radical no bem-estar e na qualidade da vida de todos os povos. Contrariamente, uma aplicação imprudente da tecnologia poderia transformar as condições convenientes de vida e fazer degradar a ecologia mundial, e até mesmo ameaçar a existência da própria humanidade.

O propósito fundamental da conferência é, consequentemente, examinar a forma em que se pode empregar melhor a tecnologia para produzir uma transformação social saudável e o progresso económico de todos os povos.

Foder-se-ia afirmar que a necessidade vital da conferência deriva em grande medida de uma reavaliação por parte da comunidade internacional, do papel da ciência e da tecnologia no processo integral do desenvolvimento.

A tecnologia — que é a aplicação técnica da ciência — contribuiu muito para o aparecimento de sociedades altamente desenvolvidas. Mas, em geral, não beneficiou

de forma significativa a grande massa da humanidade na maioria dos países em desenvolvimento. Como amostra, bastam estes dois inquietantes exemplos: na actualidade, uma quarta parte da população do nosso planeta passa fome enquanto uma outra quarta parte está gravemente desnutrida. Além disso, dois terços da população mundial não tem acesso fácil ao abastecimento suficiente de água.

Paradoxalmente, embora a humanidade tenha a capacidade tecnológica de mitigar, senão de sanar imediatamente estes males, não se aplicou ainda essa capacidade para solucionar o problema fundamental da sobrevivência quotidiana da maioria da população mundial. De facto, pode-se afirmar que a aplicação da tecnologia frequentemente se limitou a acentuar a disparidade entre ricos e pobres, tanto entre as nações como no interior delas.

A disparidade entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento surpreende mais quando se comparam os seus níveis relativos de pesquisas, a sua capacidade tecnológica e institucional. Por exemplo, os cálculos indicam que mais de nove décimas partes da investigação científica actual se leva a cabo em países do mundo desenvolvido, que representam apenas uma terça parte da população do mundo.

No entanto, o desenvolvimento de um país não depende exclusivamente de uma tecnologia avançada. O desenvolvimento socioeconómico deve tirar a sua vitalidade essencialmente do complexo integral da investigação científica local e regional, das inovações tecnológicas pertinentes e da sua aplicação concreta, isto não impede que em muitos casos o desenvolvimento dependa da transmissão de uma tecnologia avançada de outras sociedades, sempre que o seu efeito nas condições culturais, ambientais e socioeconómicas existentes seja benéfico, e que a sua implantação seja compatível com as aspirações nacionais de desenvolvimento.

A declaração das Nações Unidas sobre o estabelecimento de uma Nova Ordem Económica internacional sustenta que a aplicação ulterior da tecnologia e da investigação científica deve ligar-se directamente com o processo integral do desenvolvimento económico e social, para o benefício do conjunto da humanidade.

Para esse fim, deve-se reconhecer que a confiança dos países em desenvolvimento em si mesmos é fundamental para a aplicação da Nova Ordem Económica internacional. Quer dizer, o esforço para o desenvolvimento deve ser responsabilidade primordial dos próprios países em desenvolvimento.

A importância da ciência e da tecnologia para o desenvolvimento está implícita, embora não enunciada expressamente na Carta das Nações Unidas. Ao longo dos anos realizaram-se amplas actividades nesta esfera, em muitos organismos e programas do sistema das Nações Unidas.

Em 1960, nos princípios do primeiro decénio da ONU para o Desenvolvimento, a decepção provocada pelo lento ritmo do crescimento do mundo em desenvolvi-

mento, unida à convicção de que os avanços da ciência e da tecnologia poderiam produzir com eficácia um rápido crescimento socioeconómico, levaram a convocar a Conferência das Nações Unidas sobre a Aplicação da Ciência e da Tecnologia em Benefício das Regiões Menos Desenvolvidas.

A conferência permitiu um intercâmbio de informação científica e tecnológica, deixando um legado internacional importante: o Comité assessor para a aplicação da Ciência e da Tecnologia ao Desenvolvimento.

Este grupo de peritos independentes traçou posteriormente um plano de acção mundial. O Plano sugeriu que, para remediar as desigualdades internacionais, as nações desenvolvidas deviam retirar dos gastos militares para a reproporção maior de recursos financeiros e dirigí-los para o desenvolvimento socioeconómico. Ao mesmo tempo, quanto aos países em desenvolvimento, sugeriu-se que deviam fazer todos os esforços para criar ou transformar as suas próprias formas de capacidade científica e tecnológica tendo presente a meta final de uma maior, se não completa, autonomia.

A estratégia internacional do desenvolvimento para o segundo decénio das Nações Unidas sublinhou como requisitos indispensáveis para todo o desenvolvimento baseado na ciência e na tecnologia, as contribuições substanciais de fundos e uma mobilização decidida de esforços. A estratégia para atingir as metas do segundo decénio para o desenvolvimento determinou que haveria que obter fundos suplementares e substanciais, não só dos países desenvolvidos, como também dos próprios países em desenvolvimento.

Em resposta à necessidade de supervisionar e coordenar as diversas actividades científicas e tecnológicas de todo o sistema, as Nações Unidas criaram em 1973 um Comité de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento. É um órgão subsidiário do Conselho Económico e Social e tem por finalidade intuir uma vontade política, ausente até então no processo de desenvolvimento científico e tecnológico.

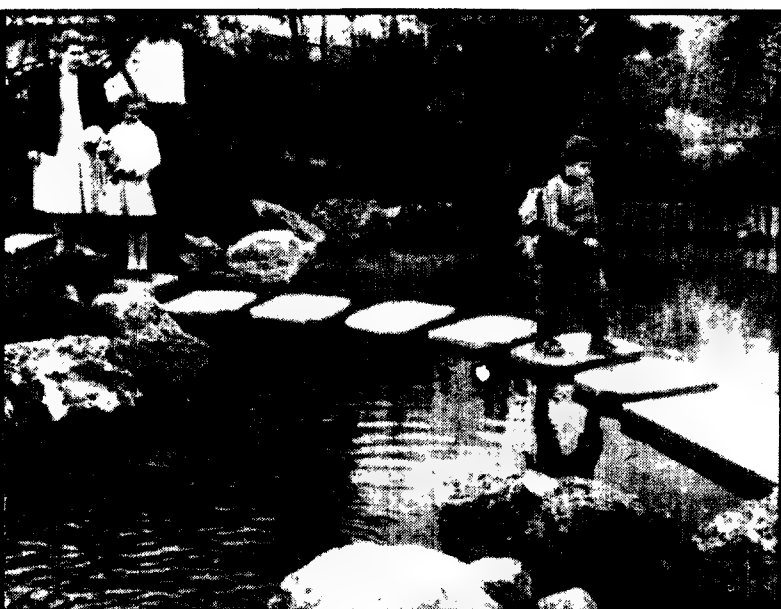
O debate internacional sobre o papel da Ciência e da Tecnologia para o desenvolvimento intensificou-se com a introdução de novos conceitos de desenvolvimento. Depois, as deliberações sobre a Nova Ordem Económica internacional tornaram um quadro vasto dentro do qual se concebe a Ciência e a Tecnologia como um vínculo possível entre os diversos aspectos do progresso socioeconómico. Nos últimos anos, uma série de conferências das Nações Unidas — sobre o meio ambiente, população, alimentação, industrialização, o direito do mar, o emprego, água e desertificação — reafirmou a importância da ciência e da tecnologia no desenvolvimento nacional e internacional.

Um dos propósitos da UNCSTD, a realizar-se em Viena, será motivar esses estímulos críticos e estimular os países em desenvolvimento para que possam contar em si mesmos.

FOTO

EXCLUSIVO

Esta foto de aspecto pacífico documenta um «drama» de desalojamento: mamã pata instalou-se na residência da rainha Isabel II, pôs ovos, chocou-os, e deu origem a 14 patinhos. Nessa altura, a infracção às regras do Plácio Buckingham foi detectada, e as autoridades expulsaram os intrusos. Mas fizeram-no civilizadamente, transferindo com muito bons modos a mãe e os filhos para um parque (St. James) onde eles viverão muito melhor



No castelo de Ludwigsburg na cidade oeste-alemã de Estutegarda foi inaugurado um jardim japonês, na presença do embaixador nipónico, que declarou ser aquele acto «mais uma contribuição para o bom entendimento entre a Europa e a Ásia». Essa afirmação será questionável. Inquestionável é porém o facto de que se trata de um lindo jardim onde dá gosto passear como o faz a criança da foto.



O velho mercado de Dresden data das origens da cidade. Imediatamente após a fundação da cidade, delimitou-se uma praça que era quase um quadrado. Hoje o velho mercado é o centro da cidade: é aí que se realizam as grandes reuniões públicas, é aí que se encontram as melhores lojas e os estabelecimentos culturais. A praça foi inteiramente destruída aquando dos bombardeamentos da Segunda Guerra. (Panorama DDR)



O novo símbolo de Viena: a «torre do Danúbio», edificada em 1964 para uma Exposição de Horticultura



ANICETO RODRIGUEZ:

"É dentro do Chile que se reso os problemas da sociedade ch

Começamos hoje a publicar a primeira de uma série de entrevistas dadas à revista «Chile-América» por três dirigentes do PS chileno, Aniceto Rodriguez, Clodomiro Almeyda e Carlos Altamirano, personalidades que encabeçam as várias tendências em conflito no seio daquele partido. Deste modo, o «exclusivo» pensa fornecer aos seus leitores uma ideia das razões subjacentes à lamentável divisão do partido democrático preponderante do Chile. Começamos por publicar a entrevista dada por Aniceto Rodriguez, à qual se seguirá, no próximo número, a de Clodomiro Almeyda.

Chile-América — Nos meios da esquerda chilena, tanto do interior como do exterior, considera-se que a ruptura no Partido Socialista foi deplorável. Até agora desconhecem-se as verdadeiras razões do conflito, pois os documentos emanados de um e do outro lado, longe de revelarem divergências fundamentais em matéria ideológica e política, dão a sensação de que existe um certo consenso nesse plano. Parece assim que o conflito se resume a uma disputa pelo poder dentro do Partido. Que pensa o senhor acerca disto?

Aniceto Rodriguez — É indubitável que esta crise orgânica do socialismo chileno é lesiva para os interesses populares e constitui um grande serviço feito a Pinochet. Penso que os seus principais actores, Almeyda e Altamirano, não podem eximir-se à responsabilidade pelo colapso que ameaça o partido, devido à sua temerosa luta pelo poder. Luta essa que não tem nada a ver com os interesses reais nem com o pensamento das bases do Chile, empenhadas na luta pela recuperação da liberdade e pela mudança do actual estado de coisas. As bases naturalmente mostram-se surpreendidas cada vez que afloram ou se tornam evidentes as lutas entre dirigentes no exílio.

Em certa medida tanto um como o outro contribuíram para afastar a maioria do partido e impedir que ela participasse de maneira importante na análise dos assuntos mais vitais que há vários anos vinham comprometendo os destinos do partido. Nos últimos seis anos desapareceu a democracia interna, que foi substituída por uma espécie de verticalismo totalitário e burocrático, que nos denunciámos e rejeitamos no nosso exílio venezuelano.

Em quase seis anos de exílio fizeram-se apenas duas reuniões aparentemente representativas: as de Havana e Argel. Em ambas se utilizaram mecanismos orgânicos artificiais mecanizados de aparente seriedade, mas que unanimemente procuravam prolongar um mandato directivo por dez anos, com atropelo da verdadeira legalidade socialista.

O partido recupera agora a possibilidade real de regressar à legalidade socialista. No que se passou, há quase uma espécie de contradição permanente, porque ambos mostraram pouca coerência na defesa da política que Al-

lende pretendeu impor ao governo, e depois no exílio cindiram o partido sem conseguirem elaborar um projecto político unitário que constituísse um factor dinâmico para a mobilização da esquerda, e, deste modo, motivasse as massas populares chilenas para metas viáveis na sua luta contra a ditadura. Os nossos companheiros do interior

tórica do Partido, uma linha que representou a bolchevização do partido. Esta ideologização não amadurecida alimentou determinadas correntes, o que tornou possível que no congresso de La Serena se unissem as tendências mais radicalizadas que elegeram como denominador comum Carlos Altamirano para o Secretariado Geral. Isto é verdade ou não?

A.R. — Vendo à distância, há que concordar que efectivamente nesse Congresso se registaram alguns acordos políticos que foram além do fio condutor lógico e teórico que o Partido Socialista seguia desde a época da sua constituição. Recordo-me inclusive de que a obcecção e a intolerância chegaram a tal grau que um sector ultra pretendia impedir que o companheiro Salvador Allende fizesse uso da palavra, facto que reflecte já o aparecimento de uma conduta infantil e

duta mecanicista» de grupos e pessoas — que pensavam que a revolução cubana se podia trasladar, como uma simples cópia, para o contexto político e social chileno. Alguns chegaram mesmo a acreditar que era possível no Chile aplicar a teoria «foquista» guerrilheira e assim criaram os primeiros fracassos. Sob o nome de «eleinos» (Ejército de Libertação Nacional) estruturaram-se como grupo conspirativo no interior do Partido.

Esse grupo aproveitando uma aliança heteorgénea, impôs em La Serena uma direcção que, com algumas variantes, é a que se mantém no secretariado exterior em Berlim (RDA).

Nesta situação tão contraditória a verdadeira origem da crise actual esteve tanto em Altamirano como em Almeyda, os quais deram existência a essa aliança heterogénea, e, por isso, entendo que ambos eles foram os administradores do desastre a que o partido e o governo de Unidade Popular foram conduzidos.

Marxismo-leninismo e Partido Socialista

C.A. — Um dos aspectos da radicalização imatura do Partido foi a adopção de uma rígida linha marxista-leninista. Afirmar-se que na primitiva declaração de princípios do Partido de 1933 e nos estatutos redigidos em 1946 por Eugénio Gonzalez, o problema do marxismo-leninismo era abordado com mais justeza. O senhor entende que o PS chileno deve definir-se como marxista-leninista?

A.R. — Na verdade, a primeira declaração de princípios do Partido Socialista, que continua a ser válida para nós, afirma que o Socialismo chileno se alimenta dos fundamentos teóricos da filosofia marxista enriquecida pelos constantes contributos do devir social. Os fundadores do PS procuravam resolver a velha questão das relações entre a teoria e a prática no marxismo. No ponto de vista da elaboração de um conhecimento científico da realidade social, o marxismo só pode ser uma teoria. Mas na medida em que procura servir de base a um projecto político socialista, o marxismo tenta converter-se num corpo de ideias éticas, ou, com maior propriedade, numa certa visão do mundo. Os socialistas chilenos nunca tomaram o marxismo como um dogma, como uma teoria seca ante a vida social, pois o que leva os homens a agir não é uma teoria abstracta, mas sim um sistema de representações com base no qual os homens interpretam o que é actual e concebem o que é possível.

Nós, socialistas, não acreditamos que o único marxismo seja o do «socialismo real», o da III Internacional. A vida mostrou-nos que não é assim. A riquíssima vida política e social chilena com os seus êxitos e fracassos impôs-nos a necessidade de sermos flexíveis.



Palácio de la Moneda: no dia do golpe, Salvador Allende foi assassinado no palácio presidencial

recordam que em 1970 se lhes entregou um partido vitorioso, um movimento popular unificado e um militante socialista convertido em presidente da República. Três anos depois, devolveram-nos um partido despedaçado, uma esquerda que retrocedeu trinta anos, e o companheiro Allende morto em La Moneda. Foram os administradores da derrota.

Um partido socialista dependente, como o concebe o sector estalinista, nunca servirá para a reconquista democrática do povo chileno. A realidade concreta indica que não serão eles os interlocutores válidos susceptíveis de construir ou oferecer um programa político viável para substituir o fascismo e reconquistar a democracia.

C.-A. — Sustenta-se que o Partido Socialista do Chile perdeu a sua identidade e características históricas a partir do congresso celebrado na cidade de Chillan em 1967, pois foi por essa ocasião que se impôs uma linha ideológica alheia à origem e à orientação his-

intransigente, que, com o andar dos tempos, se repetiu contra dirigentes ou militantes discordantes de posições claramente à margem da realidade chilena e que certos sectores impulsionavam, movidos por discutíveis fundamentos teóricos, fruto de simples abstrações.

Recordo-me também de que as resoluções políticas do congresso de Chillan tiveram que ser estudadas e adequadas pelo Comité Central a que me coube presidir e por sucessivos plenários que conseguiram ir rompendo a inflexibilidade em matéria de alianças políticas. Esta verdadeira revisão das resoluções de Chillan foi o que permitiu levar a bom termo a constituição da Unidade Popular em 1969 e a vitória eleitoral de Salvador Allende em 1970.

Sob outro ponto de vista e numa análise objectiva, temo de aceitar também que na década de 60 se assiste a um processo deformador da posição política tradicional do Socialismo chileno originada por aquilo a que eu chamaria de «con-

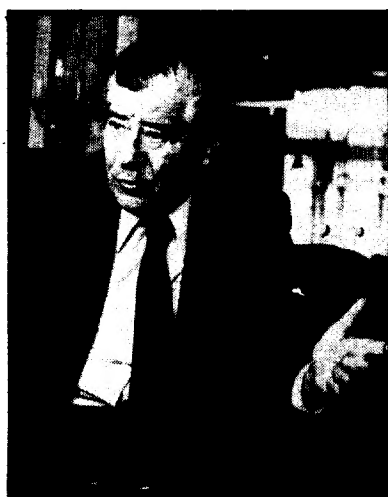
Assim acontece hoje e acontecerá sempre.

Seria absurdo repelir Lenine. Nós, socialistas, sempre temos tido respeito pela elaboração ideológica e teórica de Lenine, mas aqueles que usam a cartilha leninista como um receituário imodificável estão alheios às grandes mudanças que se têm produzido na Humanidade. Por outro lado, Estaline encarregou-se de falsificar o leninismo com toda a carga totalitária, rígida e burocrática própria de um longo período de opressão.

No nosso partido, aqueles que a si próprios colaram a etiqueta de «marxistas-leninistas» e que esgrimem com a «cartilha leninista» só o que têm feito é tentar liquidar a democracia interna e o direito à crítica. Por isso, na actualidade a grande maioria dos militantes permaneciam afastados do estreito grupo de poder que, com o nome de Secretariado do Exterior, se instalou em Berlim e nos anos de exílio nomeou chefes políticos em cada país, designado-os por «encarregados». Na Venezuela, onde estávamos, reagimos contra essas práticas e ironicamente assinalamos que esses «encarregados» na Europa se pareciam com os proconsules romanos e que na América Latina eram como os antigos vice-reis da Colónia, isto é, representantes de poderes longínquos sem nenhuma ligação real com as bases militantes do Partido.



olvem chilena"



Foi essa a razão por que os socialistas de base nunca aceitaram este sistema burocrático. Por isso no dia 19 de Abril dia do aniversário do Partido surgiu no Chile a chamada Convergência Unitária que reagrupou a maioria dos militantes.

A Convergência interna rejeita categoricamente o Secretariado Exterior de Berlim e adopta uma posição política independente para resgatar a democracia interna e abandonar as posições puramente ideológicas, inconciliáveis com a essência do socialismo chileno.

C.A. — Como vê o senhor o problema da autonomia do partido, tema muito ventilado nos últimos tempos?

A.R. — Nos primeiros anos da sua existência, o primeiro secretário-geral do PS do Chile, Oscar Schnake, afirmou que o PS não era apenas mais um entre tantos partidos do Chile. Com isso quis dizer que não seríamos um grupo dependente e que conduzi-riamos o povo chileno por uma firme vontade de poder, com identidade própria, chilena e latino-americana.

A autonomia do PS é uma afirmação de identidade. Assim se explica a constante capacidade criadora do Partido, a sua originalidade e a sua audácia política, que o levam a aceitar constantemente os desafios da realidade nacional e internacional, dando sempre um cunho próprio às suas respostas.

Esta autonomia do partido

leva-o também a rejeitar o monocentrismo ideológico, a rejeitar a ideia de um único centro de poder mundial, para dar existência a uma vivência policêntrica entre os partidos e os movimentos revolucionários e o conjunto da vida internacional. Assim se explica, por exemplo, o nosso entusiástico reconhecimento pela linha traçada pelo marechal Tito e pela sua construção do Estado multinacional jugoslavo, rechaçando as pretensões de domínio de Estaline. Assim também aplaudimos a singularidade da revolução anticolonial argelina e o fruto da guerra anti-imperialista no Vietname e a forma tão original que de início teve a própria revolução cubana. Cada uma destas revoluções deixa um saldo de experiências dignas de menção mas nenhuma delas e um reflexo absoluto para a revolução chilena.

Actualmente a solidariedade mundial recolhida pelo povo chileno e pela esquerda exilada foi gigantesca e multiforme, o que é muito significativo. Enriqueceram-se os contactos, e o diálogo universal do exílio fez abandonar as estreitas concepções provincianas. Mas o que não pode aceitar-se e que se esteja condenado ao fatalismo de escolher uma radicação do futuro na área comunista ou na área social-democrata. O importante é aprofundar as relações com ambas as

áreas mas sem perda da nossa identidade chilena e latino-americana, o que é uma forma concreta de defender a autonomia do nosso partido. Foi isso que o grupo de Berlim não entendeu, entrando numa etapa de humilhante servilismo rejeitado pela imensa maioria dos militantes.

A unidade socialista-comunista

C.A. — Como entende o senhor as relações com o movimento comunista? E no caso concreto do Chile, que pensa da unidade socialista-comunista?

A.R. — Depois do fracasso do centro chileno e das frustrações próprias do processo reaccionário e repressivo que caracterizou o governo de Gonzalez Videla, os socialistas chilenos concluíram pela necessidade de levar o movimento operário a posições autónomas, capazes de criarem o seu próprio comando político, mediante a unidade de acção dos partidos de classe mais representativos. Começa então a surgir e a progredir a unidade socialista-comunista, aquilo a que mais concretamente se chamou posteriormente a política da Frente de Trabalhadores e que, com algumas variantes, se projectou triunfalmente em Setembro de 1940 quando se fez a

mais seria tentativa histórica de criar uma nova sociedade em cujo centro vital se situam os trabalhadores manuais e intelectuais chilenos.

O Partido Socialista foi sempre unitário: foi-o ao criar o bloco de esquerda e a Frente Popular na década de 30. Foi-o, ao reconstituir a unidade do movimento sindical, ao contribuir em 1953 para o nascimento da Central Unica de Trabalhadores (CUT). Volta a criar organizações unitárias de esquerda com a FRAP e no processo de reagrupamento que levou à Unidade Popular de 1969. Durante todo esse processo, particularmente nas duas últimas décadas, a unidade do povo concretiza-se através da unidade de ambos os partidos.

Contudo surge aqui de novo o problema da identidade do Partido Socialista, pois não deve esquecer-se que a unidade dos dois partidos operários nunca implicou a subordinação de um ao outro. Tanto assim é que a unidade não impediu o PS de condenar a seu tempo a invasão da Hungria e, mais recentemente, a da Checoslováquia.

Hoje o problema complica-se para a imensa maioria dos socialistas devido à conduta do Partido Comunista chileno face à crise socialista, pois os comunistas intrometem-se abertamente nos nossos assuntos internos e apressam-se a reconhecer um grupo minoritário que não é o Partido Minorista. Isto não é boa maneira de praticar a unidade. Sobre isto advertimos na Venezuela os companheiros comunistas com os quais temos desenvolvido um intenso labor solidário conjuntamente com todas as forças democráticas, incluindo a Democracia Cristã e o MiR, a favor do povo chileno. Julgo-me autorizado fazer esta crítica, pois fui sempre um dirigente unitário e um dos construtores da Unidade Popular e do triunfo de Salvador Allende. Durante os meus 43 anos de militância socialista ninguém poderá ter-me chamado de elemento divisionista. Pelo contrário: cheguei a abandonar posições legítimas para contribuir para a unidade do partido e da esquerda chilena.

Penso que no futuro as próprias exigências da vida levarão os companheiros comunistas a emendar o seu erro, e é de esperar que a unidade do movimento operário se reconstrua e revitalize no futuro para tornar mais próxima a hora libertadora.

C.A. — Num recente encontro sobre o «Socialismo chileno: história e perspectiva» realizado em Itália, sob os auspícios da Liga para a Defesa dos Direitos dos Povos, sustentou-se que era preciso desenvolver e fortalecer uma grande vertente socialista chilena, ideia que, por outras palavras, se definiu como área socialista ou bloco socialista diferenciado comunista. O sr. acha que na actual situação

pode progredir-se no desenvolvimento e reforço de uma tal vertente socialista?

A.R. — Não estou informado sobre esse seminário a que o sr. alude. No entanto, todas as iniciativas tendem a fortalecer a defesa das ideias socialistas e a convencer as pessoas de boa-fé a unirem-se a nós na grande tarefa de construir um Chile diferente, uma sociedade nova, serão bem recebidas porque o nosso partido não é uma associação estreita e sectária, mas sim uma organização que acolhe amplamente os contributos que ajudem a atingir a meta histórica que é a construção do socialismo no Chile. E evidente, por outro lado, que para além do nosso partido, há pessoas e grupos de pensamento socialista que podem estabelecer uma importante área de convergência conosco.

C.A. — Qual a sua concepção de socialismo? Que pensa da ditadura do proletariado de um regime económico que estabelece a propriedade social de todos os meios de produção? Que pensa das leis gerais leninistas na transição do capitalismo para o socialismo? Que relação existe entre o projecto socialista que o sr. apoia e a experiência social-democrata europeia e os regimes vigentes na Europa de Leste? Tem alguma opinião sobre a acção da social-democracia para ganhar mais espaço na América Latina? Que pensa do eurocomunismo e das variantes que surgiram no campo socialista, especialmente a experiência jugoslava?

A.R. — A sua pergunta é muito vasta e abarca questões importantíssimas e transcendentais que não cabem na brevidade de uma entrevista. Quanto à concepção do socialismo, creio que do contexto geral das minhas respostas se pode deduzir a ideia que eu faço do socialismo. Em todo o caso, reafirmo, uma vez mais, que no meio desta crise, nunca como agora se evidenciou com tanta clareza o conteúdo humanista e democrático do socialismo chileno e, por isso, e que nos, em Caracas, actualizámos o programa do partido de 1947 cuja redacção esteve principalmente a cargo do brilhante intelectual socialista Eugenio Gonzalez Rojas.

Esta visão determina que o socialismo tenha de ser construído em liberdade e que a nossa luta se oriente para a dignificação do homem comum apresentando-lhe uma realidade preñe de possibilidades participativas. Não queremos um socialismo para que o homem se converta num simples número, num elemento súbdito e passivo de uma gigantesca máquina burocrática.

Esta filosofia política leva o partido a enriquecer, em 1953, o seu programa, quando decidimos colectivamente que os socialistas chilenos iam lutar por instaurar no país uma república democrática de trabalhadores e não uma ditadura do proletariado. Esta é a grande bandeira que, nós, socialistas exilados em Caracas, recebemos e que está ligada com o grande reagrupamento unitário que recentemente começou a dar-se no Chile.

Quanto às relações do socialismo chileno com as experiências socialistas europeias, eu diria que não há nenhuma ligação de subordinação, o que se explica pela autonomia de que já falámos. Isto



As razões da ruptura no P.S. chileno

54

mesmo o reafirmámos em 76 quando, em Caracas, se efectuou uma cimeira de dirigentes europeus e latino-americanos que dialogara sobre os processos de democratização e recuperação de liberdade dos povos latino-americanos. Willy Brandt esclareceu nessa ocasião que eles não procuram o diálogo para procurar novas inscrições numa antiga organização como a Internacional Socialista nem para criar novos mecanismos internacionais. A minha resposta foi a de festejar esta afirmação política de tão destacado dirigente europeu, pois a realidade latino-americana é determinada por circunstâncias históricas absolutamente diferentes das europeias, e, portanto, não pode pensar em trasladar experiências e realidades distintas para aquele contexto histórico continental, onde as burguesias nacionais

ção e como projecto político? Acha que esse projecto continua válido e que deve ser retomado, uma vez derrubada a ditadura ou entende que a esquerda chilena deve conceber outro projecto político, claramente distinto da Unidade Popular? Nesse caso, como encara a aliança da classe operária com as camadas médias? Acha necessário analisar mais a fundo a experiência da UP? Acha que a via chilena para o socialismo era viável nas condições da época no país? Por último, acha que o socialismo chileno compreendeu essa via, apoiou-a e estimulou-a ou, pelo contrário, a entrouvrou?

A.R. — A Unidade Popular teve um indiscutível papel dirigente em todo o processo de gestão da campanha presidencial e durante os primeiros meses do Governo de Salvador Allende. Mas hoje não podemos deixar de formular um juízo crítico sobre a falta de condução política que se registou fundamentalmente no último ano do go-

um projecto político viável e possível para a conjuntura sem abandonar a sua finalidade estratégica de implantação do socialismo.

O certo é que o povo chileno hoje oprimido, mais do que viver de etiquetas e palavras de ordem, quer que os seus instrumentos políticos lhe ofereçam caminhos rápidos para a liberdade e recuperação dos seus direitos civis, políticos, sindicais e humanos. Está cansado de assistir durante quase seis anos a um simples jogo de palavras e a uma exagerada ideologização das camadas dirigentes. A esquerda deve acumular esforços criadores para aumentar a capacidade da resistência clandestina e compreender que é no interior do país que se resolvem os problemas fundamentais e não nos conciliábulo estreitos de direcções exteriores, que no exílio têm sido incapazes de oferecer alternativas correctas para o processo. Quanto ao facto de o projecto político da esquerda dever abarcar um amplo espectro

ditadura como uma mobilização nacional muito ampla de forças que se comprometam a devolver ao povo do Chile de modo renovado as suas conquistas democráticas e a situar-nos de novo no lugar que lhe permita reiniciar a luta pelos seus objectivos libertadores históricos. Há quem subestime este aspecto da recuperação da liberdade para o Chile, esquecendo que a luta pelo socialismo passa necessariamente e previamente pelo indispensável meridiano da expulsão de toda a forma de domínio fascista ou neofascista. Isto não é tarefa para elites intelectuais ou tecnocráticas. Exige, pelo contrário, uma mobilização de maiorias sociais conduzidas por vanguardas esclarecidas e políticos qualificados, processo esse em cujo centro vital se encontram todos os trabalhadores manuais e intelectuais.

Em segundo lugar, deve dispor-se de um grupo de premissas fundamentais que dê vida ou estrutura a alternativa política transitória que se procura de começo para depois se dar o passo no caminho de um verdadeiro projecto político de maior duração.

Em terceiro lugar, sustento que a esquerda deve entrar numa zona de compromissos que não são concessões, pois objectivamente devemos estar conscientes de que num plano imediato, por si só, o movimento popular é incapaz de expulsar a tirania. Tão-pouco a DC será capaz, por si só, de realizar esta tarefa a não ser que se resigne a ser comparsa humilhada de uma democracia protegida, de uma democracia com autorização ou licença de um poder ditatorial atrás do trono.

Por conseguinte, os sectores mais lúcidos da DC e da esquerda devem entender que o seu compromisso deve estar impregnado de uma férrea vontade de mudança real, que seja capaz não só de devolver os direitos essenciais ao povo mas também de desalojar todos os vestígios repressivos e autoritários, colocando os instrumentos do Estado para recompor a economia nacional ao serviço do País e das suas maiorias nacionais, e para criar mecanismos representativos que se ponham à disposição do povo e não de minorias privilegiadas como tem acontecido geralmente no passado histórico chileno.

Este compromisso contém o pressuposto de um governo comum que seja capaz de levar por diante os objectivos aqui assinala-

dos em linhas muito gerais.

Estas linhas gerais para um projecto político expusemo-las nós em Caracas quando realizámos em 1975 a reunião dita de Colônia Tovar, onde coincidimos nestas directrizes básicas com porta-vozes qualificados da DC. Foi uma reunião pioneira no seu tempo e hoje penso que ela deve projectar-se em objectivos realistas para conformar a grande alternativa democrática para o Chile.

C.A. — Acha que a ditadura pode ser derrubada por um movimento de opinião ou entende que haverá de recorrer à luta armada? Crê que é possível e conveniente uma solução gradual à brasileira onde se registam avanços no sentido da democracia e de uma maior participação, mas sem que tenha desaparecido no essencial a militarização do Estado? Ou entende que haverá possibilidades de um governo civil provisório que convoque eleições? Neste último caso, que forças supõe o sr. que devem participar nesse governo, ou entende que o processo tem que ter um desenvolvimento que conduza directamente à revolução socialista?

A.R. — Creio que na resposta anterior indiquei no essencial o sentido da mudança política no Chile. Entendo que não se podem dar soluções rígidas nem apresentar receitas para toda a problemática política do futuro chileno. Quanto às tarefas dum governo transitório, serão determinadas pela conjuntura concreta que se apresente no momento considerado. Em todo o caso, creio que um labor indissociável estará representado pela criação de canais institucionais que orientam a recuperação e renovação democrática plena e consolidem esse governo representativo. No seu devido tempo, dissermos que uma assembleia constituinte do povo pode definir com rapidez as novas formas institucionais que a realidade chilena exigirá. Finalmente, não devemos esquecer que existe um certo grau de preparação nas forças democráticas afastadas do poder, tanto pela sua participação em governos anteriores, como pelos estudos que se têm feito no exílio.

Para nós, socialistas, o principal é reagrupar unitariamente as bases militantes em torno de objectivos claros e definidos. Essa é a nossa prioridade de momento, porque só com um PS forte e homogêneo haverá solução democrática para o Chile. ●



Aniceto Rodríguez e Salvador Allende nos tempos da democracia

apareceram mutiladas, dependentes do imperialismo e cúmplices na opressão ignominiosa dos seus povos.

Quanto ao eurocomunismo, penso que assistimos a um processo positivo, pois implica o abandono por parte de poderosos partidos comunistas, de velhas posições dogmáticas e constitui uma actualização da teoria socialista em concomitância com as realidades concretas que esses partidos defrontam nas suas respectivas nações. O eurocomunismo é criticado pelos ortodoxos e pelas forças conservadoras, reacçãoárias. Mas uns e outros estão enganados. O importante é que o processo, com mais evoluções ou menos involuções, esteja em marcha, e se desenvolva em termos atraentes e benéficos para as massas trabalhadoras europeias. Direi, por fim, que o eurocomunismo veio confirmar a velha tese socialista chilena, segundo a qual cada povo tem um caminho próprio para o socialismo. Quanto à experiência jugoslava, sempre a apoiámos pela sua originalidade e pelo seu carácter independente.

A CRISE DA UNIDADE POPULAR

C.-A. — Que validade reconhece à Unidade Popular como organiza-

verno, e, em especial, nas etapas críticas do final do processo durante as quais o companheiro Salvador Allende foi deixado ao abandono no Palácio de la Moneda, isolado, sem possibilidades de manobra política pela falta de coerência e realismo do comando popular e da própria direcção do PS. No exílio, a UP tem vegetado num processo de unidade formal. Nunca abriu um debate crítico e autocrítico para determinar os erros do passado e se renovar criadoramente para responder com eficácia aos desafios das trágicas horas que o povo chileno está a viver desde o golpe de Setembro de 1973.

Nestes dias entrou em crise franca, ao mesmo tempo que se gerou a crise do PS. Isto deve-se ao facto de o Partido Comunista (explicavelmente) e o Partido Radical (inexplicavelmente) reconhecerem uma fracção minoritária do PS conduzindo à marginalização do movimento popular em relação à ampla maioria dos militantes socialistas. O problema adquire contornos mais agressivos ainda se tivermos em conta que o chefe da fracção socialista reconhecida é também o secretário executivo da Unidade Popular. Mesmo que ele seja substituído, o conflito subsistirá.

Ante esta agressão, o PS deve agora recolocar todo o problema da esquerda e procurar elaborar

social, isso é indiscutível.

No que toca às alianças de classe, a própria experiência do governo de Unidade Popular indica que a missão histórica de retirar o Chile da dependência e da opressão não é tarefa exclusiva do proletariado, mas também um objectivo transcendente para amplas camadas médias que não podem sentir-se realizadas num regime opressivo e veículo do sistema capitalista e muito menos por um regime tão opressivo e marginalizador como o da ditadura de Pinochet.

C.-A. — Como concebe o sr. a luta contra a ditadura? Partindo do princípio de que a militarização dos Estados é um fenómeno quase regional, como pensa o sr. que se deve articular? Que pensa da aliança com a DC? Concebe-a como uma mera aliança táctica ou como uma aliança estratégica a longo prazo, que não só deve fortalecer-se na luta contra a ditadura, mas que deve continuar no processo de mudança posterior? Como acha que o socialismo chileno deve encarar o processo de transformação da sociedade e do Estado no nosso país, uma vez derrubada a ditadura? Que papel atribui aos militares no futuro do Chile? A aliança antiditadura deve incluir os sectores da direita que se pronunciaram contra a ditadura?

A.R. — Concebo a luta contra a

A renúncia de Simonsen

24

selho Nacional do Planeamento, ao analisar o primeiro semestre deste ano, Simonsen tinha dito que o défice da balança comercial nesse semestre foi de 650 milhões de dólares e se esperava o dobro para final de 1979. Lamentava-se de que a indústria não tivesse desacelerado o ritmo de produção «apesar das medidas restritivas adoptadas pelo governo, com a intenção de atenuar o impeto do crescimento».

Cinquenta e três mil milhões de dólares de dívida externa um défice

na balança comercial, de 1.380 milhões de dólares, para este ano e um serviço da dívida estimada para 1979 em 8.500 milhões de dólares, são algumas das heranças que deixa Mário Simonsen ao abandonar a Secretaria de Planeamento, na realidade um todo-poderoso ministério da Economia, que ele ocupava há mais de cinco anos.

Com Simonsen, afasta-se também o sonho de «potência emergente» e começa a mostrar o seu rosto maltratado e tenso, a sua cara de velha sombria e batoteira, o que até há pouco se exibira radiante como «o milagre brasileiro». (IPS). ●



James Carter aceitou, em 19 de Julho, a demissão de Blumenthal, secretário do Tesouro, que foi substituído pelo presidente do Sistema Federal da Reserva, William Mider. A Casa Branca «despediu» igualmente Califano, que cedeu o seu lugar na direcção do Departamento da Saúde, da Educação e dos Assuntos Sociais, a Patricia Harris, até há pouco secretária da Habitação e do Desenvolvimento Urbano. Griffin Bell, ministro da Justiça, que desejava abandonar a vida pública independentemente da remodelação governamental, foi substituído pelo seu adjunto, Benjamin Civiletti.

A «remodelação» reflectiu-se nos mercados monetários. O dólar experimentou uma ligeira melhoria mas, em contrapartida, o preço do ouro elevou-se acima de 300 dólares a onça.

Washington — Não terá Carter o sentido do **timing**, essa aguda percepção que faz com que os verdadeiros homens de Estado saibam tomar nos momentos oportunos as decisões adequadas? A «chicotada psicológica» anunciada em 17 de Julho passado parece ter, com efeito, falhado o seu objectivo e neutralizado o efeito positivo pro-

exercer a sua profissão que lhe assegurava, diz-se, um rendimento anual de 500 mil dólares.

Blumenthal estava também em más relações com os mais próximos colaboradores do presidente. Judeu alemão refugiado durante a sua infância em Xangai, diplomado na Universidade de Princeton, tinha adquirido reputação nos meios financeiros internacionais. Carter não lhe perdoou ter desenvolvido com zelo o inquérito ao conselheiro para questões orçamentais do presidente, Bert Lance.

Por sua vez Griffin Bell tinha já anunciado há algumas semanas que desejava regressar à vida profissional de magistrado na Geórgia.

TRÊS QUESTÕES INDISCRETAS

A divulgação pela imprensa das fichas que cada um dos ministros e conselheiros do presidente deverá preencher sobre os seus colaboradores provocou uma vaga de reacções que vão da chacota à consternação.

As fichas contendo trinta perguntas destinam-se a permitir uma «avaliação» da qualidade de

A remodelação da "equipa" Carter

■ NICOLE BERNHEIM

□ LE MONDE

duzido nos norte-americanos pelos três últimos discursos presidenciais.

Não é certamente novidade que um chefe da Casa Branca proceda a uma alteração profunda da sua equipa. Mas, na opinião dos velhos conhecedores do Capitólio, é possivelmente a primeira vez que tal operação se desenrola num tal clima de irónica incredulidade.

Passando de «papá folgazão» a «pai exigente», Carter tentou fazer com que os americanos acreditassem que as dúvidas que têm alimentado sobre a capacidade do chefe do Executivo em dirigir o país, provêm dos erros e da má vontade de alguns dos elementos da sua equipa.

Deixando entrever os nomes dos «traidores», mas suspendendo o veredicto final, o presidente corre, no entanto, o risco de aparecer não como o guia que desceu dos cumes de Camp David para regenerar a nação minada pela dúvida, mas como um jogador de póquer decidido a desmoralizar o adversário através de bluffs decisivos.

O conhecimento das primeiras vítimas da «purga», os ministros da Saúde e da Educação, Califano e o secretário do Tesouro, Blumenthal, não foi uma surpresa. Antigo responsável pela coordenação da política interna do presidente Johnson e o único católico da equipa Carter, Califano tinha criado fortes inimizades no clã dos «georgianos», devido à política demasiado «pessoal que desenvolveu». As suas vigorosas tomadas de posição contra o tabagismo não agradaram aos grandes produtores de tabaco dos Estados do Sul e a sua obstinada política de luta contra a segregação racial contrariava inúmeros governadores da mesma região. Conhecido advogado de negócios, Califano poderá voltar a

trabalho e da lealdade política dos principais responsáveis dos Ministérios e das agências encarregadas de desenvolver a política da Casa Branca. As perguntas vão desde a assiduidade ao trabalho (hora de chegada e de saída da repartição) às capacidades de imaginação e às opiniões políticas. «O género de inquérito que uma empresa que se lança nos negócios pede a uma pequena repartição de psicologia de trabalho», afirma-se na capital federal.

O anúncio da promoção ao posto de secretário-geral da Casa Branca de Jordan não provocou

play-boy de modos rústicos e se é certo que renunciou a apresentar-se por todo o lado em **jeans**, camisa aberta e botas é igualmente verdade que não conseguiu ainda obter as boas graças dos poderosos do Capitólio, a começar por O'Neill (presidente da Câmara dos Representantes que o alcunhou com o nome de «Hannibal Jerkin») ao qual fez, logo após a sua nomeação, uma visita protocolar. Visita que não terá tido grande efeito a acreditar na declaração de O'Neill, que assegurou que não reconheceu mais tarde Jordan e que foi necessário apresentá-los de



Carter e Hamilton Jordan, que se tornou o «homem forte» depois da remodelação

mais entusiasmo. Com trinta e quatro anos Jordan mantém aos olhos do presidente o prestígio de ter redigido, em 1972, o relatório em que se explicava ao governador da Geórgia como ganhar a candidatura democrática para as próximas eleições.

Jordan mantém relações difíceis com inúmeras pessoas de Washington. Arrasta consigo a fama de

novo. O'Neill teria igualmente recomendado a Jordan para não «aumentar a 'bagunça' entre a Casa Branca e o Congresso».

Entre os «bodes expiatórios» escolhidos por Carter a imprensa ocupa um lugar de destaque. Desde há algumas semanas que o presidente dos Estados Unidos a acusa regularmente de desempenhar um papel determinante na

«desmoralização» do país e na deformação das intenções da Casa Branca. A referida imprensa ficou irritada com as insinuações do presidente e com o facto deste não dar nenhuma conferência de imprensa na capital federal desde há sete semanas, tendo mesmo anulado, nos últimos vinte dias, a sessão de informação diária na Casa Branca.

O presidente desmentiu as acusações de que teria talado com raiva e desprezo do «espírito de Washington». Contudo, fiel à tática que tão bons resultados deu em 1976, opõe permanentemente o «país real» a Washington. Mas se os sentimentos do «país real» são incertos, a verdade é que os da capital federal são muito claros: vão do sarcasmo feroz dos meios «republicanos» à perturbação e ansiedade nos círculos «democráticos».

Esta situação é perigosa para o chefe do Executivo, que terá necessidade do Congresso para a aprovação das principais medidas do seu plano energético.

O sentimento mais espalhado é o de que Carter é vítima dos seus conselheiros em relações públicas, que o encorajam a desenvolver acções espectaculares, mas também a uma certa «miopia», quase rousseaueana, em relação ao mundo político sofisticado da costa Este. O presidente quer surpreender a opinião pública, mas apoiando-se na «verdadeira América», a dos bons sentimentos, da simplicidade patriarcal e do respeito a Deus. Um comentador que tentou descrever o estilo político (que não pode deixar de se considerar como muito particular) do presidente, afirmava recentemente que aquele tinha a ver simultaneamente com o de um pregador e o de um jogador de póquer.

As críticas dirigidas à «entourage» de Carter estendem-se agora ao papel cada vez mais evidente da sua mulher, Rosalynn, que assistiu a todas as reuniões de Camp David e cujas opiniões o presidente parece ter em «grande consideração». «Mas não foi ela

que nós elegemos», afirma-se com humor nos meios políticos.

O MEDO DA BUROCRACIA

Mais do que as reacções apaixonadas provocadas pelas últimas jogadas de Carter e a atitude dos homens de negócios que perturba os meios políticos. So os teus ao presidente afirmam que as reacções de Wall Street e a alta do ouro causadas pela remodelação do gabinete, exprimem simplesmente a habitual inquietação dos operadores perante toda e qualquer incerteza.

Mais preocupantes para o futuro da presidência são as reacções que se relacionam com o plano energético. Uma grande parte das reacções negativas são motivadas pelo sentimento muito espalhado nos EUA de que toda a intervenção do Estado nos assuntos dos cidadãos é um atentado à liberdade do indivíduo e da empresa. Os editoriais do «Wall Street Journal» vão nesse sentido. Neles se protesta contra o excesso de burocracia que, na sua opinião, produzido pelas duas principais propostas do plano presidencial, a saber: a Comissão para a Segurança de Energia e a Comissão de Mobilização da Energia.

No que se refere às sociedades petrolíferas e visível que lhes não agrada a perspectiva de verem financiada a maior parte do plano do presidente pelas sobretaxas que lhe serão impostas.

Em qualquer dos casos é necessário reconhecer que o discurso de 15 de Julho tocado nas cordas sensíveis dos cidadãos e que a resposta do «país real» foi positivo.

Tudo dependerá agora da evolução da situação social e económica. O mau-humor da capital federal e do Congresso em relação às últimas «reviravoltas» presidenciais pode fazer crer que a estrela de Carter está em declínio. Mas o jogador de póquer provou, em 15 de Julho, que ainda é capaz de rasgos de inspiração. A crise energética atingiu profundamente os norte-americanos na sua vida quotidiana e na confiança que depositam na Casa Branca. Se até às «primárias» de New-Hampshire, em Fevereiro, o presidente conseguir travar a inflação, o desemprego e a queda do dólar e assegurar um reabastecimento normal do país em combustíveis, todas as esperanças lhe são permitidas. Mas exclusivamente nessa condição. ●



Cuba organiza a "cimeira" dos não-alinhados

■ PRENSA LATINA

Os cubanos estão a dedicar todos os seus esforços a conclusão dos preparativos técnico-materiais da VI Conferência Cimeira dos Países Não Alinhados, que se realizará em Havana na primeira quinzena de Setembro.

Pela grande quantidade de informações que diariamente são fornecidas pelos jornais, rádio e televisão, pelos cartazes ou murais colocados nas ruas e estradas que dão acesso à capital, fazendo referência à Conferência, apercebemo-nos da importância que Cuba está a conceder ao encontro mundial.

Com o fim de garantir o seu êxito, têm vindo a efectuar-se, sob a direcção do Comité Nacional, criado para o efeito e a que preside Juan Almeida, vice-presidente do Conselho de Estado, um grande número de actividades dentro e fora do país.

Já se encontram prontas uma série de obras, algumas delas, executadas em tempo recorde, para serem utilizadas em Setembro, na Cimeira.

Em primeiro plano, encontra-

medidas no sentido de haver mesquitas à disposição dos delegados que professam a religião muçulmana.

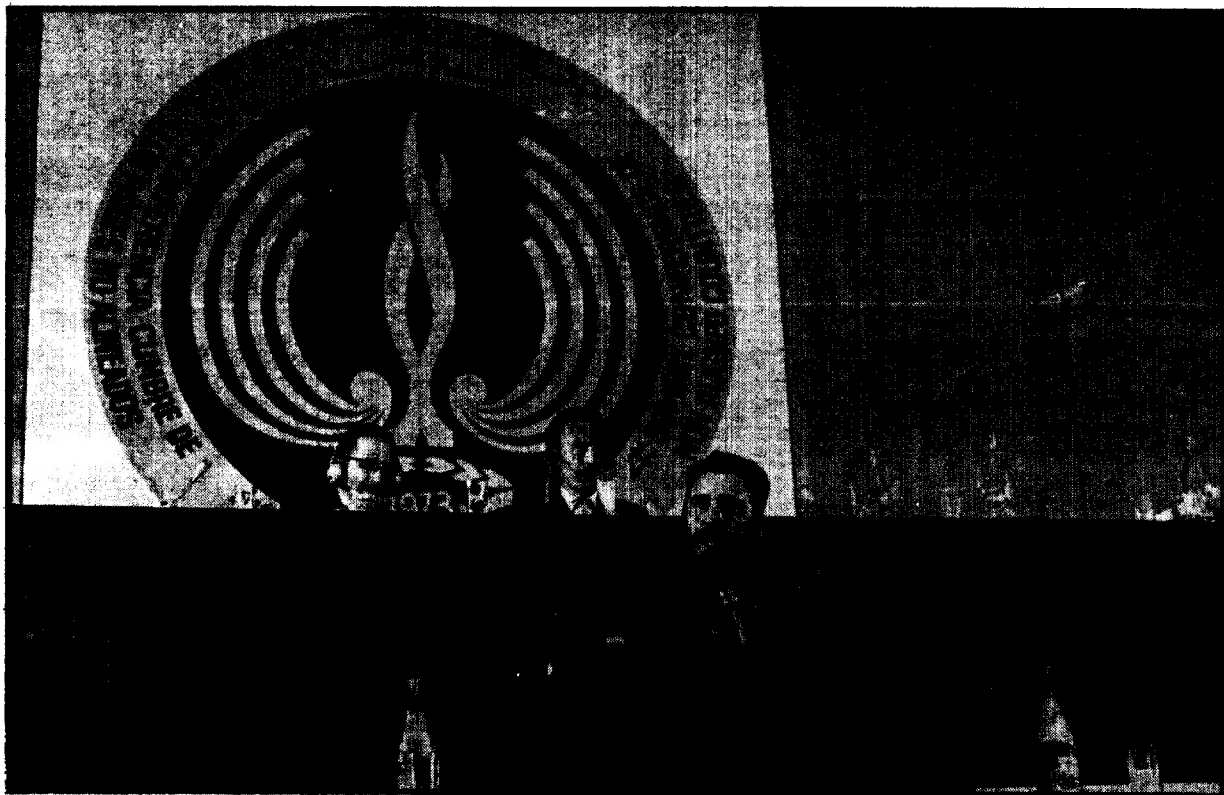
Como parte dos preparativos da VI Cimeira, efectuaram-se trabalhos de modernização e reconstrução dos aeroportos de Havana e Camaguey.

No aeroporto internacional «José Martí» de Havana a pista principal foi ampliada 500 metros e a torre de controlo equipada com modernos meios técnicos para dirigir as operações de aterragem dos aviões. Foram também ampliadas e modernizadas outras áreas do terminal aéreo da capital.

Foram igualmente efectuadas obras de renovação do aeroporto «Ignácio Agramonte» em Camaguey, na parte oriental do país, com o propósito de o utilizar como aeroporto de alternativa durante a Conferência.

No decurso dos últimos meses têm sido realizadas também obras para melhorar as instalações hoteleiras, que ficarão ao serviço da Conferência, incluindo os acabamentos de um moderno hotel de 23 andares, que fica situado nas proximidades, numa zona residencial junto ao litoral de Havana.

O Governo cubano tem feito grandes investimentos em construções de avenidas destinadas ao



Presença de Fidel Castro na Cimeira de Argel, em 1973

mesmo fim, como, por exemplo, a estrada que está a ser acabada e que ligará a capital a Santiago de las Vegas permitindo desconges-

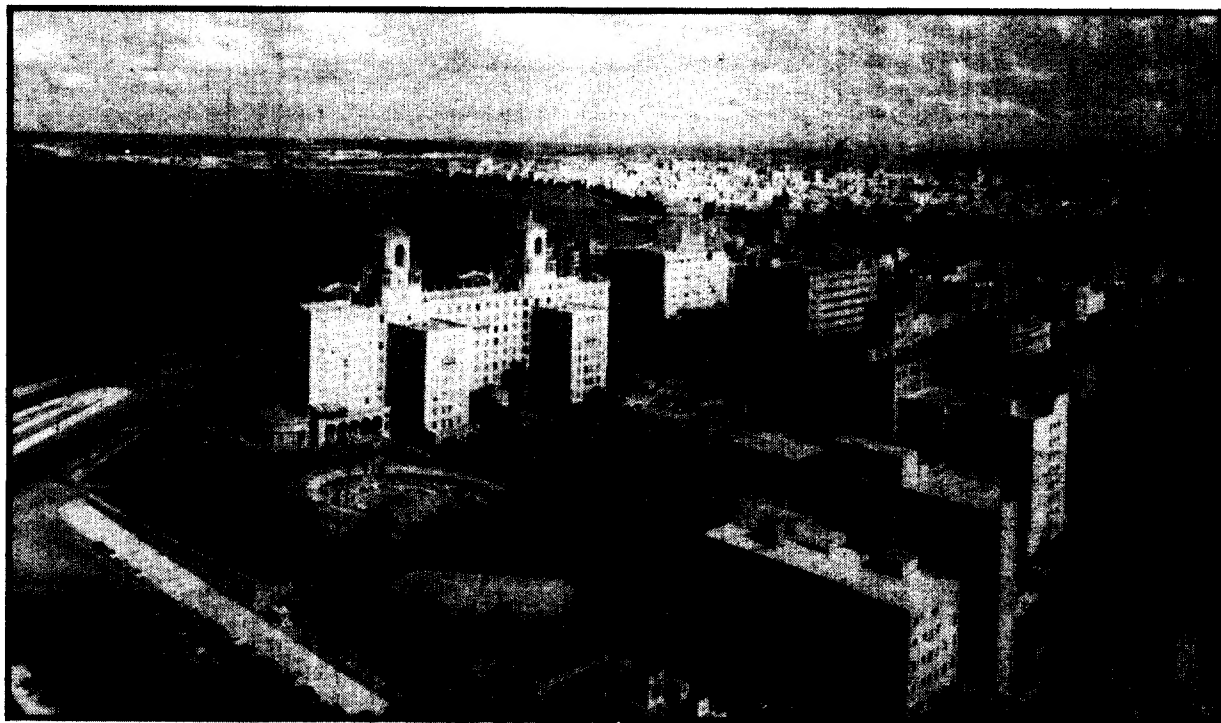
tionar o trânsito da actual auto-estrada que conduz a essa localidade passando pelo aeroporto internacional.

Ao mesmo tempo, estão a ser terminadas as obras de ampliação desta última via de comunicação e o seu moderno sistema de iluminação que será colocado em vistosos pedestais na parte central.

Inúmeros trabalhadores das empresas de engenharia do poder popular de Havana efectuam a reconstrução e pavimentação de outras avenidas principais da cidade e acabam a instalação de uma fonte luminosa numa das vias de acesso ao Palácio das Convenções na zona de Miramar.

No que respeita às comunicações, o ministro do sector, Pedro Guelmes, confirmou recentemente que os participantes na VI Cimeira dos Não-Alinhados disporão neste sector de um eficiente serviço, que os manterá em contacto permanente com o estrangeiro.

A sua segurança está garantida pela montagem de todo um sistema de comunicações, em vias de conclusão, e que inclui uma central telefónica quadros automáticos, e a construção de uma nova estação de transmissões via satélite juntamente à já existente na localidade de Jaruco, a cerca de 60 quilómetros a leste da capital. ●



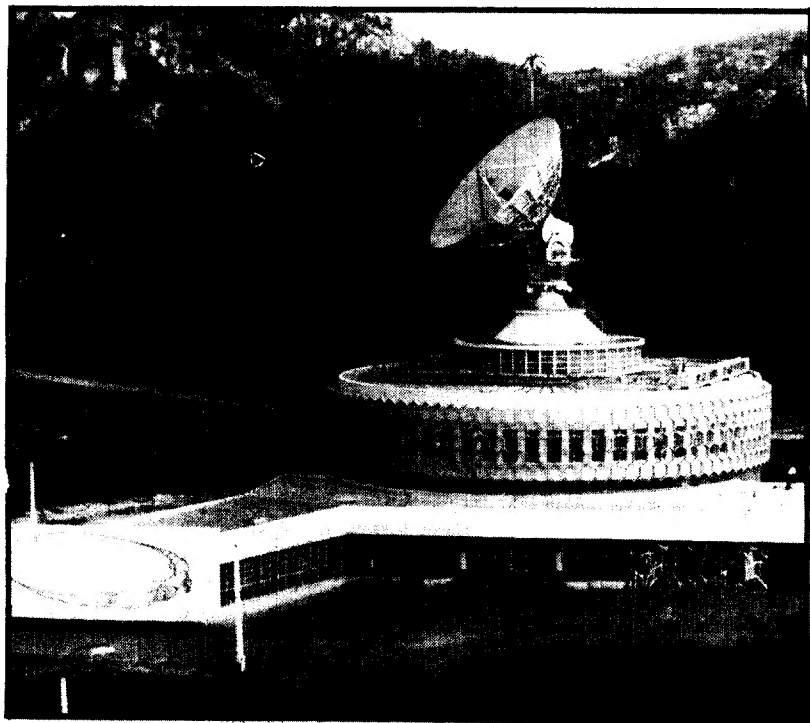
Tudo em Havana se prepara para a Cimeira dos Não-Alinhados

se o Palácio das Convenções, que servirá de centro de reuniões, e que, pelas suas acomodações, funcionalidade e beleza, é considerado uma das melhores instalações do género.

Por se tratar do centro das principais actividades da Cimeira, o Palácio atrai a atenção de visitantes nacionais e estrangeiros. Reúne as condições necessárias para receber os chefes de Estado e de governo, e as delegações dos países que estarão presentes na Conferência.

Nas suas proximidades, a poucos minutos de caminho, estão situadas 150 residências de protocolo, que servirão de alojamento aos chefes das delegações, equipadas, tal como o palácio, de sistemas de comunicação internacional, serviço de restaurante, apoio médico e outros.

Um funcionário informou que foram, inclusivamente, tomadas



Uma segunda estação de transmissões via satélite, como a do sistema «Intersputnik», está a ser terminada com o fim de ser incorporada no sistema «Intelsat» assegurando todas as comunicações

O Palácio das Convenções, que servirá de sede à Conferência já está terminado

EXCLUSIVO

N.º 32/79

